



Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco:
uma análise foucaultiana

Isabel Cristina Dalmoro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

Isabel Cristina Dalmoro

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O DESDOBRAMENTO DO PODER UBUESCO:
UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA

PORTO ALEGRE

2019

ISABEL CRISTINA DALMORO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O DESDOBRAMENTO DO PODER UBUESCO:
UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Educação em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Suelen Assunção Santos

Linha de Pesquisa: Implicação das Práticas Científicas na Constituição dos Sujeitos

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Dalmero, Isabel Cristina
Educação Ambiental e o desdobramento do poder
ubuesco: uma análise foucaultiana / Isabel Cristina
Dalmero. -- 2019.
160 f.
Orientadora: Suelen Assunção Santos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da
Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação em
Ciências: Química da Vida e Saúde, Porto Alegre,
BR-RS, 2019.

1. Educação Ambiental. 2. Filosofia. 3. Poder
ubuesco. 4. Michel Foucault. I. Santos, Suelen
Assunção, orient. II. Título.

ISABEL CRISTINA DALMORO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O DESDOBRAMENTO DO PODER UBUESCO:
UMA ANÁLISE FOUCAULTIANA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Educação em Ciências.

Aprovada em 17 de janeiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Suelen Assunção Santos – UFRGS – Orientadora

Profa. Dra. Claudia Glavam Duarte – UFRGS

Profa. Dra. Josaine de Moura – CMPA

Profa. Dra. Paula Corrêa Henning – FURG

Prof. Dr. Samuel E. L. Bello – UFRGS

Para meus pais, *in memoriam*
Para Ronaldo e Débora
Por amor

AGRADECIMENTOS

Ao Ronaldo e à Débora, por todo amor e estímulo durante mais esse percurso acadêmico, comemorando juntos cada uma das conquistas alcançadas.

À minha mãe, a primeira educadora ambiental que tive.

À Daiane Cristina Faust, pela presença constante e tudo o que isso representa.

À Professora Suelen Assunção Santos, por toda orientação e atenção nessa minha estreia nos estudos foucaultianos e pelo incentivo contínuo ao tema pesquisado.

Às Professoras Claudia Glavam Duarte, Josaine de Moura, Paula Corrêa Henning e ao Professor Samuel E. L. Bello por terem aceito participar da Banca Examinadora e dedicarem atenção a esse estudo.

Ao GEEMCo, pela acolhida, troca de vivências e amizades iniciadas.

Ao Wolverine, à Iandê e à Kika, meus não-humanos mais queridos, pela companhia afetuosa durante a escrita desse estudo.

À Rachel Carson e a sua *Primavera Silenciosa* (1962), pela coragem de denunciar graves problemas ambientais nos tempos em que a população recebia “pílulas calmantes de meias-verdades”.

Ao Foucault, pela inspiração filosófica desse estudo.

Ao Nietzsche, que começou tudo isso.

Ao PPGEC/UFRGS.

À CAPES.

RESUMO

A presente Dissertação resulta de uma pesquisa que teve como questão motivadora saber *se e como* a perspectiva filosófica foucaultiana pode atuar com a Educação Ambiental. Nesse sentido, o objetivo do estudo consistiu em examinar como o conceito de poder ubuesco pode servir para lançar outros olhares sobre a mencionada educação. A base teórica que deu sustentação para o exame do conceito de poder ubuesco vinculou-se aos estudos de Foucault, especificamente em torno das aulas que compõem a obra *Os Anormais* (1974-1975). Segundo Foucault, o poder ubuesco integra um discurso que contém a uma só vez três propriedades: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Além disso, pelo poder ubuesco ocorre a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz. O estudo foi baseado no método da Cartografia, método pelo qual se buscou investigar a produção dessa ferramenta analítica foucaultiana. Desse modo, foi percorrendo trilhas, mapeando sentidos e desdobramentos no processo de sua construção que se buscou a articulação do poder ubuesco com temas relacionados com a crise ambiental vigente e que encontram lugar junto à temática da Educação Ambiental. Para tanto, o material empírico utilizado compreendeu teorizações que impulsionaram e de algum modo abordaram o conceito, bem como discursos acerca de questões referentes ao ambiente e que constituem *uma* rede discursiva da Educação Ambiental. Rede tecida com a dupla função de servir como suporte e como alvo para o estudo do conceito de poder ubuesco. O exercício analítico efetuado mostrou que: 1) o discurso que abarca o poder ubuesco faz parte da rede discursiva da Educação Ambiental, 2) os efeitos do discurso que envolve o poder ubuesco podem se dar tanto em humanos como ter ressonâncias também sobre os não-humanos, 3) o discurso que abarca esse conceito diagonaliza as demais categorias de poder (disciplinar, pastoral e soberano), maximizando seus efeitos de poder. Para mais, pode-se afirmar que o poder ubuesco possui potencialidades de estudo por conta do discurso do qual faz parte.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Filosofia. Poder Ubuesco. Michel Foucault.

ABSTRACT

This Masters dissertation is the result of a research that had as motivating question to know *if* and *how* the foucaultian philosophical perspective can act with Environmental Education. In this sense, the objective of the study was to examine how the concept of ubuesque power can serve to cast another glance to the referred education. The theoretical basis that sustained the examination of the concept of ubuesque power is related to the studies of Foucault, specifically the classes that make up the work *Abnormal* (1974-1975). According to Foucault, the ubuesque power integrates a speech that contains, at once, three properties: the power of life and death, the power of truth and the power to make one laugh. Beyond that, by the ubuesque power occurs the maximization of the effects of power from the disqualification of who makes it. The study was based on the Cartography method, by which it was sought to investigate the production of this foucaultian analytical tool. This way, following trails, mapping senses and unfoldings in the process of its construction that was sought the articulation of the ubuesque power with themes related to the present environmental crisis and that find place with the theme of Environmental Education. For this, the used empirical material comprehended theorizations that boosted and somehow approached the concept, as well as speeches about environmental issues and constitute *one* discursive network of Environmental Education. Woven network with the double function of support and target to the study of the concept of ubuesque power. The analytical exercise showed that: 1) the speech that covers the ubuesque power integrates the discursive network of Environmental Education, 2) the effects of the speech around the ubuesque power can affect both the human and to have resonances in the non-human, 3) the speech that convers this concept diagonalizes the other power categories (disciplinary, pastoral and sovereign), maximizing its effects of power. Therefore, it can be stated that the ubuesque power has potentialities of study because of the speech in which is integrated.

Keywords: Environmental Education. Philosophy. Ubuesque Power. Michel Foucault.

[...]

A curiosidade é um vício que foi estigmatizado alternativamente pelo cristianismo, pela filosofia e mesmo por uma certa concepção da ciência. Curiosidade, futilidade. A palavra, no entanto, me agrada; ela me sugere uma coisa totalmente diferente: evoca “inquietação”; evoca responsabilidade que se assume pelo que existe e poderia existir; um sentido agudo do real mas que jamais se imobiliza diante dele; uma prontidão para achar estranho e singular o que existe à nossa volta; uma certa obstinação em nos desfazermos de nossas familiaridades e de olhar de maneira diferente as mesmas coisas; uma paixão de apreender o que se passa e aquilo que se passa; uma desenvoltura, em relação às hierarquias tradicionais, entre o importante e o essência. Sonho com uma nova era da curiosidade.

[...]

É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras de jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é.

(FOUCAULT, 1980¹)

Figura 1: Michel Foucault



Fonte: Débora Cristina Marini (minha filha desenhista)

¹ Trechos do Texto *O Filósofo Mascarado* (1980).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Michel Foucault	10
Figura 2. Figurino do <i>Ubu-Roi</i> (inspiração da Capa)	11
Figura 3. Cartaz da <i>Premiere de Ubu-Roi</i>	16
Figura 4. <i>Ubu-Roi</i>	18
Figura 5. Michel Foucault.....	25
Figura 6. Tuíte de Donald Trump	35
Figura 7. Ubu-Trump.....	50
Figura 8. Tuíte de Donald Trump	54
Figura 9. Michel Foucault.....	67
Figura 10. Tuíte de Donald Trump.....	73
Figura 11. Tuíte de Donald Trump	73
Figura 12. Manchete do <i>New York Times</i>	80
Figura 13. Charge sobre Carson.....	103
Figura 14. A fábula da Monsanto.....	105
Figura 15. Tuíte de Donald Trump.....	106
Figura 16. Tuíte de Donald Trump.....	107
Figura 17. Tuíte de Donald Trump.....	108
Figura 18. Michel Foucault	111

Figura 2: *Ubu-Roi* (Rei Ubu)



Fonte: Débora Cristina Marini (desenhista)

SUMÁRIO

0 ZERO ou da INTRODUÇÃO	14
1 NOTAS SOBRE O SABER DA EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PODER UBUESCO	26
1.1 Apresentação	27
1.2 O método da Cartografia e a Caracterização do ubuesco	29
1.3 Discussões e Resultados	34
1.4 Algumas Considerações	37
2 CRISE AMBIENTAL E A MENTIRA INVENTADA PELOS CHINESES: PROBLEMATIZAÇÕES FOUCAULTIANAS SOBRE O PODER UBUESCO	38
2.1 Apresentação	39
2.2 A Caracterização do poder ubuesco: Pai Ubu e Lugar Nenhum	40
2.2.1 Foucault e o poder ubuesco	42
2.3 O Desdobramento do ubuesco: a mentira ubuesca	47
2.3.1 O poder ubuesco no âmbito da política mundial	50
2.4 Um Prolongamento do ubuesco: a mentira ubuesca e a crise ambiental	52
2.5 Algumas Considerações e Possibilidades para o ubuesco	55
3 O PODER UBUESCO: UMA ANÁLISE A PARTIR DA OBRA OS ANORMAIS (1974-1975) PARA REPENSAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	57
3.1 Apresentação	58
3.2 As Onze aulas do curso <i>Os Anormais</i> (1974-1975)	59
3.3 Ressonâncias do poder ubuesco para as categorias de poder na obra <i>Os Anormais</i> (1974-1975)	68
3.4 Ressonâncias do poder ubuesco para a Educação Ambiental	72
3.5 Por ora, algumas Considerações	74

4	UMA REDE DISCURSIVA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PODER UBUESCO.....	75
4.1	Apresentação	76
4.2	Tecendo <i>uma</i> rede discursiva da Educação Ambiental	77
4.3	O poder ubuesco.....	93
4.4	O poder ubuesco <i>na</i> rede discursiva da Educação Ambiental	102
4.5	Considerações Finais	110
5	DAS POTENCIALIDADES PARA O PODER UBUESCO.....	112
	REFERÊNCIAS ZERO	116
	REFERÊNCIAS 1	117
	REFERÊNCIAS 2	118
	REFERÊNCIAS 3	120
	REFERÊNCIAS 4	121
	REFERÊNCIAS 5	126
	ANEXO 1	128
	ANEXO 2	141

ZERO

[Ou da INTRODUÇÃO]

Não tenho a menor dúvida de que, sem Foucault, vocês e eu seríamos outros. Não sei se melhores ou piores, em qualquer um dos casos, outros.
(LARROSA, 2004, p. 28)

A presente Dissertação resulta de uma pesquisa que teve como questão motivadora saber *se e como* a perspectiva filosófica de Michel Foucault pode atuar com a Educação Ambiental. Em vista disso, o objetivo geral do estudo consistiu em examinar como o conceito de poder *ubuesco*, mencionado pelo autor na obra *Os Anormais* (1974-1975), pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. Esse estudo está vinculado à Linha de Pesquisa que investiga as implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tendo como base autores que adotam a vertente pós-estruturalista. Interessaram, para tanto, alguns temas relacionados com a dita crise ambiental vigente e que encontram lugar junto à temática da Educação Ambiental.

Outras questões podem ser ditas dessa Dissertação. Uma delas é que a presente narrativa tem *status* semelhante ao da dupla-cidadania. Isso porque o estudo sobre o conceito foucaultiano adotado foi, por muitas vezes, realizado aqui em Porto Alegre (RS), e outras tantas vezes, no Campus Litoral Norte da Universidade do Rio Grande do Sul – CLN/UFRGS, em Tramandaí (RS). Das distâncias percorridas, entre as idas e as vindas, emergiram possibilidades de estudo e de pensamentos, fazendo valer o escrito foucaultiano de que “é preciso antes multiplicar os caminhos e as possibilidades de idas e vindas” (FOUCAULT, 2015, p. 319). Assim, no caminho trilhado estudei conceitos, formulei questionamentos, ruminei respostas e reelaborei pensamentos que se configuram, agora, como fissuras para a vida que me toca.

Outra característica que pode ser dita dessa narrativa é que ela é a escrita de um desvio de rota. Desvio que promoveu o meu encontro com a perspectiva filosófica foucaultiana. Não fosse esse desvio, não fosse esse encontro, a presente Dissertação seria outra, nem melhor, nem pior. Outra.

Sou Licenciada e Bacharela em Filosofia por essa mesma Universidade – UFRGS. Contudo, o fazer e os saberes filosóficos que estudei durante as duas graduações são

outros. Nem melhores, nem piores. Outros. Também sou Especialista em Educação Ambiental, formada pela Universidade do Rio Grande – FURG (RS). Nesse caso, novamente, a Educação Ambiental que por lá estudei é outra. Nem melhor, nem pior. Outra. Em comum nesses três cursos, juntamente com meu Mestrado, é o interesse em trazer o campo filosófico para atuar com a Educação Ambiental. Entendo que quando é possível pensar juntos esses saberes se fortalecem.

Para a Filosofia esse fortalecimento pode acontecer no infindável exame sobre seus próprios conceitos e nas possibilidades de se operar com tais conceitos para a compreensão das realidades que se apresentam. Já para a Educação Ambiental emerge uma oportunidade de afirmação como espaço de resistência em torno de suas questões, buscando no saber filosófico um novo campo de possibilidades para si própria. Coube, então, pensar filosoficamente sobre discursos² relacionados com a Educação Ambiental.

Em específico pensar sobre discursos que perpassam a rede discursiva da Educação Ambiental que tratam da temática sob o tom da ironia, do sarcasmo. Ao entender que esse tipo de discurso faz parte da realidade atual e que, por conta disso, merece atenção, encontrei a justificativa para a pesquisa realizada. Para tanto, tendo o pensamento filosófico de Foucault como balizador, o início da pesquisa consistiu em estudar textos como, por exemplo, “O que é um autor?” (1969), Estruturalismo e Pós-estruturalismo (1983), “Poder e saber” (1977), dentre outros escritos relacionados às teorizações do autor. Escritos que se constituíram, portanto, como o material empírico que fomentou o estudo.

Depois dos primeiros textos lidos, a desconfiança. Duvidei de mim. Desconfiei de Foucault. Fica no âmbito da complexidade o que pensei de imediato sobre seus ditos e escritos. Diante disso, dobrei a atenção aos textos de estudo e, tomando-a numa dimensão para além da retórica, adotei como pergunta motivadora da minha pesquisa saber *se e como* Foucault poderia lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. Dessa forma, também, um campo de possibilidades se abriu, e junto:

[...] o deslocamento e a transformação de parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para

² Considerando discurso não somente como um ato de fala ou como a ação de pronunciar discursos, mas relacionando-o também com práticas discursivas. Práticas essas que “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2016, p. 93). Ou, de acordo com Foucault: “[...] discursos como práticas que formam sistematicamente os objetos dos quais falam” (2008, p. 55).

pensar de outra maneira, para tornar-se diferente do que se é (FOUCAULT, 2015, p. 321).

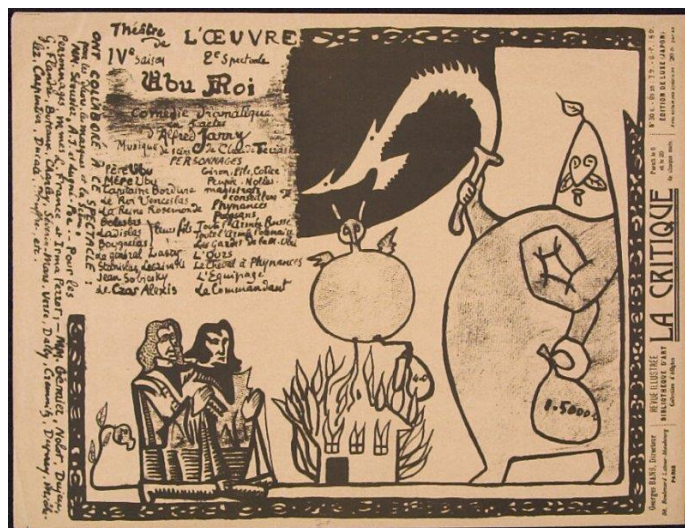
Ou seja, outra maneira de fazer Filosofia. Nem melhor, nem pior. Outra. Contudo, não sem esforços e muito menos sem hesitações. E “sem consolação”, como afirma Fischer (2012, p. 11). Foi dessa maneira que segui pela rota desviada.

Por isso, findando o tempo de Mestrado, arrisco afirmar que o citado desvio me proporcionou viver a experiência de um estudo para além daquilo que eu tinha de antemão como sabido que poderia acontecer. Nesse sentido, recordo as palavras de Foucault ao comentar sobre a sensação de tédio ao escrever acerca daquilo em que se sentia, até certo ponto, confortável em fazer:

Quando se sabe de antemão onde se quer chegar, falta uma dimensão da experiência, a que consiste precisamente em escrever um livro correndo o risco de não chegar ao final [...] (FOUCAULT, 2017, p. 281).

No meu caso, ao fazer o desvio na rota, não tinha certeza de que terminaria esse estudo. Com a iminência do risco, terminei. Produto da curiosidade que vicia e move filósofas e pesquisadoras, entrego-lhes minha Dissertação. Para mais, só posso dizer que vivi a dimensão da experiência e que ela deixou vestígios. Experiência proporcionada a partir de outro encontro no caminho percorrido. O encontro com um Rei. Um anti-herói. Um Rei que me capturou mesmo antes de eu saber quem ele era, assim como a obra foucaultiana que permeou esse estudo. Capturada fui pela obra *Os Anormais* (1974-1975) e pela peça teatral (Figura 3) que apresenta as artimanhas tirânicas-acovardadas-grotescas de um Rei chamado Ubu, o *Ubu-roi* (1896).

Figura 3: Cartaz da *Premiere de Ubu-Roi*



Fonte: Fine Arts Museum San Francisco (Arquivo)

O dito encontro com o Rei aconteceu depois que me deparei com texto “ A crise da governamentalidade e o poder ubuesco”, de Leme (2008). Nesse texto o conceito a ser estudado era o da governamentalidade, porém o que chamou minha atenção foi o restante do título do referido texto. A expressão “poder ubuesco” de imediato me lembrou o termo burlesco. Por ser um texto de um autor português pensei, inicialmente, tratar-se de alguma expressão idiomática utilizada em Portugal. Ao fazer levantamentos iniciais, notei que os termos ubuesco e burlesco não são sinônimos, mas guardam entre eles alguma coisa familiar. *Um* algo que os aproxima. Buscando na internet, especificamente no Dicionário de etimologia³ on-line, o que seria o ubuesco encontrei que esse adjetivo [ubuesco] se usa para “qualificar as situações absurdas, grotescas e arbitrarias”.

Realizando outra pesquisa, procurei no Dicionário Houaiss (2009) como os dois termos podem ser descritos. Nele, o burlesco e o ubuesco estão dessa forma apresentados (Quadro 1):

Quadro 1: Burlesco e Ubuesco.

Burlesco	Ubuesco
<p>burlesco \ê\ adj. (1647). 1 relativo a comédia; cômico 2 que provoca riso ou zombaria, freq., por sua extravagância ou ridículo <obra b.> <comentário b.> 3 grotesco, caricato, ridículo <fez do amigo um títere b.> 4 burlador, zombeteiro, trocista. s.m. 5 qualidade do que é cômico, ridículo, extravagante 6 LIT TEAT paródia, satírica ou trocista, que traveste o vulgar e vice-versa, p.ex., imputando objetivos altaneiros e brilhantes a personagens de tramas chãs; bufo 7 TEAT nos E.U.A. cabaré ou <i>music hall</i> humorístico, com danças de natureza erótica * ETIM it. burlesco “cômico, ridículo” *SIN/VAR como adj.: alegre, brincalhão, bufo, caricaturesco, cômico, divertido, engraçado, farsesco, grotesco, hilariante, jocoso, picaresco, ridículo, risível (HOUAISS, 2009, p. 339).</p>	<p>ubuesco \ê\ adj. <i>frm. pej.</i> absurdo, grotesco, cínico, brutal e/ou caricatural como o personagem Ubu, de Alfred Jarry, na peça <i>Ubu roi</i> (1896) *ETIM Ubu, anti-herói de uma peça de teatro francesa, + -esco, sob o influxo do fr. <i>ubuesque</i> ‘id’ (HOUAISS, 2009, p. 1899).</p>

Fonte: Dicionário Houaiss

Em linhas gerais, a aproximação entre os dois termos está entre o ridículo e o grotesco. Diria até que o burlesco é um parente quase inofensivo do ubuesco perto da

³ Para mais: <http://etimologias.dechile.net/?ubuesco> Acesso em 03/12/18.

tiranía que esse último carrega consigo, por conta do princípio do terror que nele está implícito. Leme (2008, p. 191) afirma ainda que para o ubuesco “o burlesco é a sua face visível e pública”, isso talvez porque ambos possuam a necessidade de serem notados. Pode o ridículo, o grotesco, a zombaria, o cinismo existirem sem um outro que os perceba?

Em relação à visibilidade do ubuesco essa pode ser representada pela fala ameaçadora de Pai Ubu (Figura 4) depois de tramar junto com Mãe Ubu e seus aliados a morte do rei polonês, de quem ocupa o cargo quando efetivado o crime: “E vocês logo, logo vão gritar viva o Pai Ubu” (JARRY, 1986, p. 35).

Figura 4: Pai Ubu



Fonte: Wikipedia- Ubu-Roi

Pai Ubu quer ser notado como Rei. Para tanto, se vale da tirania. Tirania que tem de ser visível a todos com o intuito de causar o terror entre os seus súditos, evitando possíveis insurreições. Tudo isso ao mesmo tempo em que é um Rei covarde e sarcástico nas falas e nas atitudes.

Da peça de Jarry (1986) passei para a obra foucaultiana *Os Anormais* (1974-1975). Nas duas primeiras aulas do curso ministrado e que integram a obra pesquisada, Foucault (2010) se valeu do adjetivo ubuesco para descrever um discurso que contém a uma só vez três propriedades, quais sejam: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. O riso, nesse caso, é oriundo de um tipo de humor grotesco, cínico e brutal. Humor do Ubu, tanto do Pai como do Rei. Contudo, nessas

mesmas aulas, anunciou Foucault (2010, p. 13) “Não tenho nem força, nem coragem, nem tempo para consagrar meu curso deste ano a esse tema [...]”. O que aconteceu depois dessas primeiras incursões é o que descrevo nessa Dissertação.

Creio ser significativa relatar que a dita menção ao poder ubuesco em Foucault (2010) dá-se de maneira indireta, uma vez que autor lança mão dos termos poder e ubuesco sem uni-los propriamente. Num primeiro momento, os termos aparecem relacionados um ao outro quando o autor comenta acerca das descrições grotescas contidas nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal (pano de fundo das primeiras duas aulas do curso) ao descrever o discurso que contém a uma só vez as três propriedades acima citadas. Em suas palavras:

[...] Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de **poder** de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco, ou se quiserem, o “**ubuesco**” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria emprega-lo nesse sentido. [...] dever-se-ia definir uma categoria de análise histórico-política que seria a categoria do grotesco ou do **ubuesco**. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos **efeitos do poder**⁴ a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica [...] (FOUCAULT, 2010, p. 11).

O autor menciona também os dois termos, oportunizando a possibilidade de pensar uma relação entre ambos, quando afirma que a soberania infame pode ser considerada como um mecanismo presente em sociedades como a nossa. Conforme:

[...] Mas eu diria que, se são esses os rituais que encontramos em nossas sociedades, eles têm uma função bem diferente. Mostrando explicitamente o **poder** como abjeto, infame, **ubuesco**⁵ ou simplesmente ridículo, não se trata, creio, de limitar seus efeitos e descoroar magicamente aquele a quem é dada a coroa. Parece-me que se trata, ao contrário, de manifestar da forma mais patente a incontornabilidade, a inevitabilidade do poder, que pode precisamente funcionar com todo o seu rigor e na ponta extrema da racionalidade violenta, mesmo quando está nas mãos de alguém desqualificado [...] (FOUCAULT, 2010, p. 13).

Na segunda aula do curso, ocorrida em 15 de janeiro de 1975, o termo ubuesco aparece relacionado ao caráter de ponte que é possível estabelecer entre um discurso que tem como função detectar um perigo e opor-se a ele, ao mesmo tempo que pode ser um discurso do medo e da moralização. Discurso esse contido nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal lidos na primeira aula. Desse modo, ao

⁴ Grifos meus.

⁵ Grifos meus.

comentar sobre a personagem Ubu caracterizado por essa classe profissional, Foucault (2010) oferece o que pode ser considerado como uma descrição para o conceito de poder ubuesco. Leia-se:

[...] Para voltar pela última vez a Ubu (vamos abandoná-lo aqui), se se admitir – como tentei lhes mostrar da última vez – que o Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce, se o grotesco político é a anulação do detentor do poder pelo próprio ritual que manifesta esse poder⁶ e esse detentor, vocês hão de convir que o perito psiquiatra na verdade não pode deixar de ser a própria personagem Ubu (FOUCAULT, 2010, p. 31).

Ainda, acerca da junção dos termos poder e ubuesco, em outro texto de Leme (2018), encontrei o que pode ser compreendido como uma função para o conceito mencionado nas aulas do curso de 1974-1975 e que se constituiu como a ferramenta analítica estudada:

Em 1975, no curso *Os Anormais*, Foucault expõe pela primeira vez o conceito de poder ubuesco⁷. Embora o conceito tenha surgido a propósito da psiquiatria, essa mecânica de poder encontra-se noutros domínios, a começar pela política. O conceito surgiu para dar resposta ao seguinte problema: por que razão é corrente encontrar imbecis em lugares de liderança? Por que é que o lugar estatutário do poder pode ser ocupado por figuras medíocres, nulas, imbecis? Sem prejuízo para o dever de decompor um governante, seja ele deputado, senador ou ministro, o desafio é descrever a mecânica do poder que se manifesta como burrice. Por outras palavras, para Foucault, o ubuesco não é uma categoria de injúrias (LEME, 2018, p. 180-181).

De acordo com Leme (2018) o principal desafio da análise do poder ubuesco consiste na forma de combatê-lo. Isso porque se trata de um mecanismo que recorre à despolitização e à exasperação que “começam pela autodesqualificação do governante e terminam com o desespero dos governados, seja na forma do riso resignado, seja na forma de desistência” (idem, p. 185).

Dando prosseguimento às possibilidades de ligação dos termos poder e ubuesco, outra referência mapeada diz respeito ao verbete ubuesco situado na obra *Vocabulário de Foucault*, de Castro (2016). Na descrição apresentada para esse termo, o autor ressalta que Foucault dispõe desse adjetivo para tratar sobre o poder. Conforme:

O termo *ubuesco* – como precisam as notas da publicação do curso de Foucault, *Les anormaux* – faz referência à obra de Alfred Jarry, *Ubu roi*. O adjetivo foi introduzido na língua francesa, em 1922, para referir-se a alguém de caráter absurdo e caricatural (AN, 26, nota 20). Foucault

⁶ Grifos meus.

⁷ Grifos meus.

o utiliza para falar do poder. Poder ubuesco⁸: “Maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação daquele que os produz” (AN, 12). [...] (CASTRO, 2016, p. 419).

Diante do exposto acerca da ligação dos termos poder e ubuesco, considerei ser apropriado fazer uso da expressão “conceito de poder ubuesco” para o estudo que me propus a realizar.

Considero ainda relevante comentar que da busca inicial sobre o poder ubuesco desencadeou-se o método desse estudo, a saber, o método baseado na Cartografia. Em linhas gerais, a Cartografia visa acompanhar um processo de produção de um objeto e não o representar, conforme Kastrup (2015). Assim, acompanhando o processo de produção do poder ubuesco, revisitando territórios, compus um novo território para o referido conceito, corroborando aquilo que é defendido por Rolnik (2011) acerca do respectivo método:

A Cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2011, p. 23).

A Cartografia foi se fazendo ao longo do estudo em que mapeei os sentidos e os desdobramentos do poder ubuesco partindo da peça da qual o adjetivo ubuesco teve sua derivação. Nesse sentido, o percurso percorrido compreendeu idas e vindas, como passos que se sucederam num movimento contínuo, em que cartografei rastros do poder ubuesco em seus modos de expressão nos territórios disponíveis e que foram por mim habitados. Territórios esses constituídos para o exame da construção de um conceito que se apresentaram sob a forma de uma peça teatral, do conjunto das aulas que compuseram a obra foucaultiana referenciada, além de textos sobre estudos foucaultianos, postagens em rede social, atos de fala exibidos em reportagens, charges e ilustrações envolvendo temas relacionados com a temática ambiental. Territórios esses que corroboram o que é sustentado por Rolnik (2011) sobre os referenciais teóricos que um cartógrafo pode utilizar:

[...] pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, teoria é sempre Cartografia – e, sendo assim ela se faz justamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, evidentemente). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo que der língua para os movimentos de seu desejo, tudo o que servir para

⁸ Grifos meus.

cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo [...] (ROLNIK, 2011, p. 65).

Portanto, a Cartografia, nesse estudo, constituiu-se tanto pelos rastros que acompanharam o processo de produção do poder ubuesco como pelos movimentos daquilo foi possível realizar. Rastros que foram mapeados pelo ponto de vista de uma aprendiz também em relação ao método adotado para a pesquisa. Movimentos experimentados que me afetaram e me guiaram.

Desse modo, a partir da prática cartográfica que realizei, relato os rastros do poder ubuesco mapeados por essa “aprendiz-cartógrafa”, conforme descrevem Alvarez e Passos (2015, p. 135). Mapeados a partir dos seguintes encontros:

- i) encontro com o poder ubuesco no texto de Leme (2008): “A crise da governamentalidade e o poder ubuesco”;
- ii) encontro com o termo ubuesco no site: <http://etimologias.dechile.net/?ubuesco>;
- iii) encontro com termo ubuesco no Dicionário Houaiss (2009) para a distinção entre burlesco e ubuesco;
- iv) encontro com o Rei Ubu, na peça *Ubu-roi* (1896) de Jarry (1986), peça da qual o adjetivo ubuesco teve sua derivação;
- v) encontro com o poder ubuesco na obra *Os Anormais* (1974-1975), quando Foucault (2010) comenta sobre o discurso que contém a uma só vez as três propriedades: poder de vida e de morte, poder de verdade e poder de fazer rir;
- vi) encontro com o poder ubuesco nos discursos de Donald Trump presentes na mídia (reportagens, charges, ilustrações e postagens em rede social) sobre questões pertinentes à temática da Educação Ambiental, quais sejam: aquecimento global e mudança climática;
- vii) encontro com a mentira ubuesca, um possível desdobramento do poder ubuesco, no retorno ao texto de Leme (2008): “A crise da governamentalidade e o poder ubuesco”;
- viii) encontro com o poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental, especificamente naquilo que envolve a obra *Primavera Silenciosa* (1962) e os seus efeitos sobre o meio ambiente, de Carson (2010).

Foram as idas e vindas que permearam esses encontros que possibilitaram a escrita dessa Dissertação.

Além disso, com base naquilo que foi mapeado, o poder ubuesco configurou-se como o conceito foucaultiano a ser examinado de modo a atender o objetivo geral da minha pesquisa, conforme anunciado no início dessa Introdução, a saber, examinar

como o poder ubuesco pode servir para lançar outros olhares para a Educação Ambiental. Assim, para dar conta da tarefa que tencionei, elegi os seguintes objetivos específicos para o estudo: 1) caracterizar o poder ubuesco, 2) investigar como o poder ubuesco foi operado por Foucault, e 3) analisar como o poder ubuesco pode operar com a Educação Ambiental.

Dito isso, apresento a disposição da Dissertação, a partir desse Zero que a impulsiona, com os quatro artigos elaborados ao longo do estudo e um 5 (quinto) contendo minhas considerações finais e algumas possibilidades para o poder ubuesco:

O artigo **1**, intitulado “Notas sobre o saber da experiência: Educação Ambiental e o poder ubuesco” está sob o formato de um relato de experiência que, no caso, tornou-se o relato de um estudo. Nele comento sobre o meu encontro com o poder ubuesco e abordo um pouco mais sobre o método adotado para esse estudo, qual seja, o método baseado na Cartografia. Esse relato foi apresentado no **II Encontro Regional de Ensino de Ciências (II EREC)**, ocorrido no mês de maio de 2018 na UFRGS, Porto Alegre (RS). Além disso, o artigo foi publicado na **Revista Tear – Educação, Ciência e Tecnologia** do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), na edição do mês dezembro de 2018 (ANEXO 1).

No artigo **2**, sob o título “Crise ambiental e a ‘mentira inventada pelos chineses’: problematizações foucaultianas sobre o poder ubuesco”, discorro sobre a caracterização do ubuesco a partir da peça da qual o adjetivo derivou, *Ubu-roi* (1896). Mostro, também, como Foucault (2010) descreveu o poder ubuesco e como ele constituiu-se elemento de um discurso que tem a uma só vez as três propriedades, quais sejam: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Além disso, no retorno ao texto que motivou o estudo, exponho a mentira ubuesca caracterizada por Leme (2008) como um desdobramento do conceito de poder ubuesco. Finalmente, para cumprir um dos objetivos desse estudo e caracterizar o poder ubuesco na realidade que ora se apresenta, faço a operacionalização do referido conceito com a crise ambiental vigente. Esse artigo foi publicado na **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – REMEA (FURG)** na edição do mês de agosto de 2018 (ANEXO 2).

O artigo **3**, sob o título “O poder ubuesco: uma análise a partir da obra *Os Anormais* (1974 -1975) para repensar a Educação Ambiental”, foi elaborado com a

intenção de revisitar a obra mencionada buscando mapear como Foucault operou com o conceito de poder ubuesco nas onze aulas do curso daquele ano.

Ainda que Foucault só tenha comentado sobre o poder ubuesco nas duas primeiras aulas do curso, o autor se valeu dele para examinar os relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal, manuais de confissão, panfletos e livros, ao longo de todo o curso, de modo a investigar os efeitos das descrições ubuescas presentes nesses materiais. Fez isso para o estudo das noções que permitiram a emergência do conceito da anormalidade, a partir da articulação entre os três elementos que constituíram o grupo dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o onanista [criança masturbadora]. No segundo momento do artigo apresento as ressonâncias do poder ubuesco para as categorias de poder, quais sejam, poder pastoral, soberano e disciplinar, conforme descritas por Veiga-Neto (2016). Por fim, exponho ressonâncias do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental. Esse artigo foi apresentado no **III Seminário Internacional Michel Foucault: por uma vida não fascista**, realizado em Pelotas (RS) no mês de julho de 2018. Sua publicação consta nos Anais do evento (em elaboração).

No artigo **4**, intitulado “*Uma rede discursiva da Educação Ambiental e o poder ubuesco*”, teço *uma* rede discursiva desse tipo de educação a partir de alguns elementos que possibilitaram pensar *essa* rede. Rede tecida com dupla função: servir como suporte e como alvo para o estudo do poder ubuesco.

Para tanto, parto das provocações presentes na obra *Primavera Silenciosa* (1962) da bióloga e escritora Rachel Carson (1907-1964), como também puxo alguns fios das enunciações proferidas em torno da Educação Ambiental a partir de eventos promovidos para discutir questões pertinentes ao meio ambiente. Nas tramas dessa rede apresento alguns desafios e algumas pesquisas envolvendo a Educação Ambiental. Adianto que fiz um recorte trazendo pesquisas que, em sua maioria, resultam de estudos realizados por vozes femininas abordando a temática ambiental pelo viés foucaultiano. Trata-se, principalmente, dos estudos envolvendo discursos relacionados às questões ambientais e as suas implicações na constituição dos sujeitos. Ainda, das pesquisas escolhidas para tecerem *essa* rede discursiva da Educação Ambiental algumas aconteceram na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e outras na Universidade Federal do Rio Grande – FURG – (uma delas ainda em andamento),

sendo essas as duas instituições de ensino que me constituíram como pesquisadora, conforme mencionei anteriormente, justificando também esse recorte.

Prosseguindo o texto, discorro sobre as três propriedades do discurso que se vale do poder ubuesco para maximizar seus efeitos, quais sejam, o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. No terceiro momento do artigo, operando com o referido conceito *na* rede tecida, mostro como esse discurso, que é capaz de mobilizar ou interditar, perpassa a rede discursiva da Educação Ambiental por conta do apelo ao poder ubuesco.

Por fim, segue o 5.

Antes de passar para o primeiro dos quatro artigos que integram a presente narrativa, considero propício declarar que sem Foucault, além da minha Dissertação, eu também seria outra. Não sei se melhor ou pior, em qualquer um dos casos, outra, corroborando a citação de Larrosa (2004) que inicia esse Zero.

Figura 5: Michel Foucault



Fonte: Débora Cristina Marini (desenhista)

1

Notas sobre o Saber da Experiência: Educação Ambiental e o poder ubuesco

Isabel Cristina Dalmoro⁹

Suelen Assunção Santos¹⁰

Resumo: *Experiência* é entendida como aquilo que nos passa, que nos acontece e que nos toca. Em vista disso, esse relato de experiência toma o sentido de relato de um estudo que nos tocou, nos aconteceu e nos deixou vestígios. Assim sendo, a narrativa que segue refere-se a um relato de experiência sobre um estudo de Mestrado integrado à Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – PPGEC/UFRGS, que investiga como os efeitos dos discursos e das práticas sociais processadas em diferentes instâncias atuam na produção de verdades e de sujeitos, tendo como base a perspectiva pós-estruturalista. O estudo tem como questão motivadora saber *se* e *como* a perspectiva filosófica foucaultiana pode atuar com a Educação Ambiental. O propósito desse texto é apresentar como transcorreu o encontro entre a referida educação e o poder ubuesco, mencionado pelo autor apenas nas duas primeiras aulas que integralizam a obra *Os Anormais* (1974-1975). Por conta desse encontro, tendo como base o método da Cartografia, em que se buscou apresentar os mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou, obteve-se como resultado a elaboração e a submissão de um artigo no qual o conceito de poder ubuesco foi operado com o contexto da crise ambiental vigente. O presente relato aborda a experiência percorrida até a escrita do artigo submetido, apresentando os principais passos do percurso realizado.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Experiência. Poder ubuesco. Michel Foucault.

Notes about the Knowledge of Experience: Environmental Education and ubuesco power

Abstract: *Experience* is understood as that which passes to us, that happens to us and what touches us. In view of this, this experience report takes the sense of a study report which passed to us, that happened to us and what left traces. Therefore, the following narrative is referred as an experience report about a Masters degree study integrated to the research line of the Science Education: Chemistry of Life and Health Postgraduation Program of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS, Brazil), that investigates how the effects of speeches and social practices, processed in different instances, act in production of truths and subjects, having as basis the poststructuralist perspective. This study has as motivating question to know *if* and *how* the foucaultian philosophical perspective can act with Environmental Education. The purpose of this text is to present how happened the meeting between the referred education and the ubuesque power, mentioned by the author only in the first two classes that integrate the work *Abnormal* (1974-1975). Because of this meeting, having as basis the Cartography method, in which was sought to present the maps of senses that the ubuesque category reached, as result was obtained the elaboration and submission of an article where the concept of ubuesque power was operated with the context of the present environmental crisis. This report approaches the experience until the writing of the submitted article, presenting the main steps of the journey accomplished.

Keywords: Environmental Education. Experience. Ubuesque Power. Michel Foucault.

⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS); Bolsista CAPES.

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Doutora em Educação (UFRGS); Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS), Orientadora.

I Apresentação

*Experiência*¹¹ é entendida no sentido sustentado por Bondía (2002, p. 21) na qual essa é considerada como aquilo “que nos passa, nos acontece e nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Por conta disso, o presente relato de experiência assume o sentido de relato de um estudo porque nos tocou, nos aconteceu e nos deixou vestígios. Assim sendo, a narrativa a seguir resulta de um estudo de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEC/UFRGS. A pesquisa de Mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa que investiga as implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tendo como base autores que adotam a perspectiva pós-estruturalista. Nesse caso, trata-se de uma pesquisa que tem como questão motivadora saber *se* e *como* ferramentas analíticas foucaultianas podem lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. Para esse relato o conceito escolhido é o do poder ubuesco. O referido conceito foi comentado por Foucault explicitamente nas duas primeiras aulas que compõem a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975), nas quais o autor caracteriza o referido poder e seus possíveis efeitos a partir dos relatórios elaborados por peritos psiquiatras em matéria penal, sendo esse o contexto inicial da obra mencionada.

Trazemos à tona, primeiramente, como transcorreu o encontro entre a Educação Ambiental e o poder ubuesco, que culminou na elaboração de um artigo em que sobreveio a operacionalização do referido conceito no contexto da crise ambiental vigente. Em seguida, partimos para uma breve apresentação do método escolhido para o exame do referido conceito, no qual buscamos na Cartografia um modelo para a análise dos mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou. Para tanto, lançamos mão, como material empírico, de referenciais teóricos que impulsionaram o conceito e que, de algum modo, o abordam e o problematizam. Por fim, apresentamos como resultado do estudo alguns elementos e considerações que integram o artigo produzido. Adiantamos que os conceitos mencionados são detalhados ao longo da escrita, cabendo nesse momento uma breve apresentação.

O primeiro encontro com o poder ubuesco aconteceu durante a leitura e estudos de textos no primeiro semestre de 2017 para a disciplina¹² denominada de “Estudo

¹¹ Grifo nosso.

¹² As aulas desta disciplina ocorreram no Campus Litoral Norte da UFRGS.

dirigido: interlocuções entre a Educação e Foucault”, ministrada pelas professoras Cláudia Glavam Duarte e Suelen Assunção Santos, concomitantemente com os estudos pertinentes ao grupo de estudos foucaultianos (GEEMCo¹³) que se reúne para aprofundamento e discussões dos conceitos que integram a Linha de Pesquisa pós-estruturalista. Especificamente, foi durante a leitura do texto “A crise da governamentalidade e o poder ubuesco” de Leme (2008), cujo foco inicial era o estudo sobre o conceito de governamentalidade, que o adjetivo ubuesco chamou-nos a atenção. De forma resumida, Leme (2008) vincula o poder ubuesco ao princípio do terror mencionado por Foucault quando o autor trata da crise da governamentalidade na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980). Além disso, Leme (2008) apresenta um desdobramento do poder ubuesco, impulsionando a mentira ubuesca que, segundo o autor, é “uma mentira invertida”. Em linhas gerais, trata-se de uma mentira que tanto o emissor quanto o destinatário sabem que o enunciado é falso. Por conta da relação estabelecida entre os textos e os conceitos em que Leme (2008) baseia sua escrita surgiram questionamentos como: Que poder é esse de que trata o autor? De qual obra foucaultiana ele emergiu? Como Foucault caracterizou um poder de “ubuesco”? O que quer dizer o termo “ubuesco”? Como acontecem as relações em que o princípio do terror se evidencia? Como se dá a relação entre o princípio do terror e o poder ubuesco?

Num primeiro momento a busca ocorreu no próprio texto de Leme (2008, p. 189), no qual o autor menciona a “mecânica ubuesca do poder” como uma falha mecânica na história do poder e que revela as estruturas do poder político, fazendo uso das palavras de Foucault extraídas da obra *Os Anormais* (1974-1975) para caracterizar o que seria o ubuesco, tal como citamos: “[...] a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz”. Prossegue Leme (*idem*), novamente citando a obra foucaultiana, de que o ubuesco é entendido como algo grotesco, que designa o fato de um indivíduo “deter por estatuto efeitos de poder dos quais a sua qualidade intrínseca deveria privá-lo”. Naquele momento as descrições apresentadas por Leme (2008) ainda eram insuficientes para caracterizar e compreender o poder ubuesco¹⁴, pois queríamos mais do que as informações fornecidas. Por conta disso acionamos a busca pela internet a partir do termo ubuesco, o que nos remeteu a seguinte descrição¹⁵: “[...] o adjetivo ubuesco se usa para qualificar as situações absurdas, grotescas,

¹³ Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade (GEEMCo – UFRGS).

¹⁴ Acerca do adjetivo ubuesco há na tradução utilizada da obra foucaultiana uma nota [nº 20] que descreve sucintamente o termo. Para o estudo, consideramos o conteúdo dessa nota insuficiente.

¹⁵ Disponível em: < <http://etimologias.dechile.net/?ubuesco> > Acesso em 08/04/18.

arbitrárias”. Além disso, no site pesquisado, nos deparamos com a menção da obra de Alfred Jarry (1873-1907), autor da peça teatral intitulada *Ubu-roi*¹⁶ (1896), da qual o adjetivo ubuesco teria sido derivado. Tendo como referencial teórico a obra foucaultiana mencionada por Leme (2008), qual seja, *Os Anormais* (1974-1975) e a peça *Ubu-roi* (1896) iniciamos a pesquisa para o exame do poder ubuesco. Contudo, ainda não tínhamos ideia da abrangência do referido conceito, muito menos se ele poderia ser utilizado para operar com a Educação Ambiental. O que só foi possível realizar na retomada do texto de Leme (2008), após termos percorrido parte do estudo. O que tínhamos era a curiosidade inicial que move tanto pesquisadoras como filósofas, remontando o espanto diante do que consideramos novo.

Salientamos que pelo ponto de vista dos estudos foucaultianos a verdade é considerada como algo que emerge dos “jogos de verdade”. Ou seja, a verdade diz respeito “não a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso” (REVEL, 2011, p. 149). De acordo com Foucault:

[...] é que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder. [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (2006, p. 12).

Para mais, o discurso na perspectiva foucaultiana se apresenta como “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns” (REVEL, 2011, p. 41). Isso significa dizer que ao se tomar o discurso como um conjunto de enunciados, se relaciona a prática discursiva não como um ato de fala ou com a ação de pronunciar discursos, mas condiz com as práticas discursivas que “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2016, p. 93).

2 O método baseado na Cartografia e a caracterização do ubuesco

Inicialmente há de se dizer que somente depois de parte da pesquisa realizada é que nomeamos o método que deu embasamento ao estudo do poder ubuesco, a saber, a Cartografia. Isso deu-se por conta das características percebidas que permeiam tanto o modo como a pesquisa estava ocorrendo como as que caracterizam o método da Cartografia. De forma resumida:

¹⁶ Ubu-rei ou Rei Ubu.

[...] a Cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção (KASTRUP, 2015, p. 32).

Ou, conforme sustenta Rolnik (2011, p. 26), pode-se dizer que “a Cartografia vai se fazendo ao mesmo tempo em que certos afetos foram revisitados (ou visitados pela primeira vez), e que um território foi se compondo para eles”. Dessa forma, o método da Cartografia toma o significado de um acompanhamento de percursos, cartografando as movimentações e alterações que abarcam mudanças, fazendo com que o método seja construído ao longo do percurso em que a pesquisa acontece, resignificando os sentidos. No caso, é o processo de produção dos sentidos da categoria do *ubuesco* que o método adotado, baseado na Cartografia, investigou.

Além do mais, conforme Barros e Passos (2015, p. 172), “o trabalho de pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar”, pois isso permite a análise das implicações que se cruzam no método da investigação, servindo como um possível “disparador de desdobramentos da pesquisa” (*idem*). Por esse motivo, numa espécie de registro do processo de pesquisa realizado e da experiência que nos tocou, é que elaboramos o presente relato. Dessa experiência, trazemos, a seguir, uma breve narrativa em que apresentamos a caracterização do conceito de poder *ubuesco* partindo da obra que o impulsionou, a saber, a peça *Ubu-roi* (1896).

A peça *Ubu-roi* (1896) é composta por cinco atos que contam as peripécias de Pai Ubu que, junto com a esposa Mãe Ubu e seus súditos, trama e executa o assassinato do soberano da Polônia, rei Venceslau. Ao assumir o trono por meio deste assassinato, Pai Ubu se proclama Rei Ubu. Logo depois de ter assumido o cargo que não era seu por direito, os mandos e desmandos do Rei Ubu são marcados pela tirania acentuada pelo terror imposto aos seus súditos e pela covardia do personagem. Um exemplo disso é quando ordena o aumento e o pagamento de impostos dos camponeses em troca de suas vidas: “Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça!” (JARRY, 1986, p. 85). Além disso, por conta das falas, Pai Ubu carrega um tipo de humor às avessas, num tom sarcástico e grosseiro, como quando aparece em cena trazendo em suas mãos uma escova de limpar privadas como se fosse um cetro e grita: “E vocês logo, logo vão gritar viva o Pai Ubu!” (*idem*, p. 35). Por conta das cenas em que

ocorrem os diálogos *ubesianos*¹⁷, de acordo com Fernandes (2007, p. 11), a peça *Ubu-roi* (1896) inaugurou “uma forma inédita de humor, baseada na incongruência das ações e na incoerência das falas do protagonista”. Cabe ressaltar que o sentido do riso nesse contexto é o da ironia, num sentido de riso incomodado com a situação apresentada.

Ademais, Jarry (2007) destaca que as cenas de *Ubu-roi* (1896) podem acontecer tanto na Polônia, como em Lugar Nenhum. Por “Lugar Nenhum”, segundo o autor, entende-se que “[Lugar Nenhum] fica em toda a parte e, antes de mais nada, o país onde nos encontramos” (JARRY, 2007, p. 33). Desse modo, consideramos que Lugar Nenhum perpassa o tempo e o espaço. Do exposto percebemos, também, a conotação do personagem Pai Ubu com o adjetivo *ubuesco*. Ainda, o mencionado adjetivo é utilizado como um sinônimo para o grotesco, o absurdo ou o caricato e aproximou a obra de Jarry (1873-1907) com a Filosofia de Foucault (1926-1984), quando esse adjetivo é empregado para caracterizar uma nova categoria de poder: o poder *ubuesco*.

No seguimento do processo de produção do conceito de poder *ubuesco*, dando continuidade ao estudo, passamos para a leitura e estudo da obra de Foucault (2010) em que o poder *ubuesco* é citado: *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975). Em linhas gerais, nas aulas que compõem a referida obra, o autor elenca noções que possibilitaram a formação da concepção de anormalidade, como também discorre sobre a articulação entre os três elementos que constituíram a categoria dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o onanista [criança masturbadora]. Entretanto, acerca do poder *ubuesco*, é somente nas duas primeiras aulas do Curso de 1974-1975 que o autor faz referência a essa categoria de poder. Nessas aulas, tendo como contexto os relatórios dos peritos psiquiátricos em matéria penal, Foucault (2010) vale-se do termo *ubuesco* como um sinônimo para o grotesco. Leia-se:

Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido [...] (FOUCAULT, 2010, p. 11).

De acordo com Foucault (2010), o discurso mencionado na citação acima que impulsiona o poder *ubuesco* apresenta três propriedades numa mesma argumentação e que, por conta disso, merece um pouco de atenção. As três propriedades contidas nesse discurso são: o poder de determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo, e no

¹⁷ Grifo nosso.

limite disso, o poder de vida e de morte; o poder de verdade – validado pela instituição judiciária – e o poder de fazer rir. Cabe dizer novamente que o sentido do riso do qual estamos falando é o de um riso incomodado, tendo em vista ser oriundo de um humor grotesco, sarcástico e sombrio.

Por conta desse discurso, Foucault (2010), valendo-se da condição dada por Jarry (2007) de que Lugar Nenhum fica em toda a parte, elenca algumas figuras que remetem ao personagem Pai Ubu, como por exemplo, o Ubu burocrata, que faz parte da administração moderna e o Ubu douto, que fala de maneira erudita por pertencer à instituição judiciária. Para mais, Foucault (2010) caracteriza o perito psiquiatra em matéria penal como uma personagem Ubu por causa do poder que a ele foi conferido por pertencer a uma instituição, no caso, a judiciária, e por conta dos relatórios elaborados em que esse faz uso de termos que remetem não a um fornecimento de um diagnóstico acerca da loucura ou da doença, mas a um diagnóstico de criminalidade. Trata-se de um discurso que é ao mesmo tempo um discurso que tem o poder de vida e morte [de tirar ou não a liberdade do outro] e de fazer rir. Um tipo de riso que encontra na ironia sentida pelo receptor do discurso a sua abrangência, por conta dos termos utilizados nos referidos relatórios que Foucault (2010) leu em aula. São termos do tipo “preguiça”, “maldade”, “obstinação”, “orgulho”, entre outros que são utilizados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para dar razões aos crimes cometidos pelos réus. Esses termos desqualificam os peritos enquanto cientistas, dado que são considerados como elementos “caducos, ridículos ou pueris” (FOUCAULT, 2010, p. 28).

Ademais, esse poder é exercido por uma soberania arbitrária¹⁸, capaz de ao mesmo tempo desqualificar quem está falando e fazer com que a dominação continue. Isso por conta de uma atuação que provoca o terror. A desqualificação de que fala Foucault (2010) é em relação ao perito psiquiatra em matéria penal a quem não caberia fornecer esse tipo de diagnóstico e conseqüentemente dar uma punição. Se assim o faz, é por estar ocupando um lugar que é alicerçado pela instituição judiciária. Do mesmo modo, ao Pai Ubu não caberia estar no lugar de rei da Polônia, por não ser qualificado para tanto. Nesse sentido, é que Foucault (2010) se refere ao poder ubuesco como uma engrenagem inerente aos mecanismos de poder. Em suas palavras:

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, deve-ser-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do

¹⁸ Por vezes, Foucault chama a soberania grotesca de soberania infame ou de soberania arbitrária.

poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2010, p. 11).

A partir das caracterizações encontradas até aquele momento acerca do poder ubuesco, retomamos o texto de Leme (2008) em mais um movimento do referido conceito. Ao tratar da governamentalidade, Leme (2008) impulsiona um desdobramento para o poder ubuesco, a saber, a mentira ubuesca. Antes, cabe dizer que compreendemos a governamentalidade como “uma arte de governar cuja racionalidade tem por princípio e campo de aplicação o funcionamento do Estado: a ‘governamentalidade’ racional do Estado” (REVEL, 2011, p. 74). Em linhas gerais, trata-se de um conjunto de procedimentos que constituem a maneira de governar. Dentre esse conjunto de procedimentos, Leme (2008) traz de Foucault (2014) os cinco princípios¹⁹ que estão subtendidos na relação que há entre a arte de governar e os jogos de verdade ligados ao pensamento político, que são: o princípio da racionalidade, em que a verdade está fundada na racionalidade estatal; princípio da evidência, no qual é a verdade das coisas que deve governar; princípio da especialização, em que a ideia de verdade é resultado de um conhecimento pericial; princípio da consciência, pelo qual a verdade é imposta por um conjunto de especialistas e o princípio do terror, cuja eficácia do terror é proporcional à sua notoriedade, à sua verdade.

A notoriedade pretendida pelo princípio do terror é que faz com que ele se manifeste e não se esconda. Pelo princípio do terror, no exercício do poder, o governante não oculta o que está acontecendo, pois sabe que o governado não ignora a situação. Desse modo, de um lado tem-se o governo fortalecido pela exibição do modo como funciona; por outro, o governado ciente daquilo que se passa. E por ter conhecimento do modo como as coisas funcionam, quando assinaladas pelo princípio do terror, não havendo uma resposta racionalmente possível é que as coisas não se modificam (FOUCAULT, 2014, p. 16).

A partir disso, numa espécie de vazio, emerge aquilo que Leme (2008) chama de mentira ubuesca. Conforme já dito, a mentira ubuesca tem a ver com a “mentira invertida”, em que tanto o orador quanto o ouvinte sabem que o enunciado é falso. Nesse caso, o orador está exercendo seu poder ubuesco, pois ao emitir uma mentira

¹⁹ Para mais, esses princípios são abordados por Foucault (2014) na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980).

desqualifica-se como interlocutor, não permitindo que o destinatário exerça seu direito de resposta de maneira racional.

Após termos alcançado esse ponto do estudo, em que os movimentos e alterações do poder ubuesco puderam ser mapeados, passamos para a operacionalização com o referido conceito. Primeiramente, operamos analiticamente com o poder ubuesco no âmbito da política mundial. Política na acepção de arte e ciência de governar o Estado. Nesse contexto, trouxemos à tona dois personagens que, por conta das caracterizações e discursos, remetem não somente ao uso do poder ubuesco em suas relações de governo, mas chamam a atenção pela paridade com a personagem criada por Jarry (1986). Em seguida, o desafio consistiu em operar analiticamente com o poder ubuesco na crise ambiental vigente. A operação com o conceito nos dois campos acima mencionados é apresentada brevemente nas discussões e resultados, a seguir.

3 Discussões e resultados

Trazer o conceito de poder ubuesco para operacionalização no âmbito da política mundial foi o passo seguinte no andamento do estudo. Entendemos que, por conta da pesquisa realizada, as relações de poder que envolvem o poder ubuesco poderiam ser demonstradas por meio de fatos ocorridos no âmbito mundial que todos nós, em algum momento, tivemos acesso e que por isso se qualificaram para ilustrar o tipo de relação de poder que abarca o conceito. Mais que isso, encontramos no cenário mundial uma figura política que personifica o Pai Ubu. Estamos falando do presidente eleito dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump.

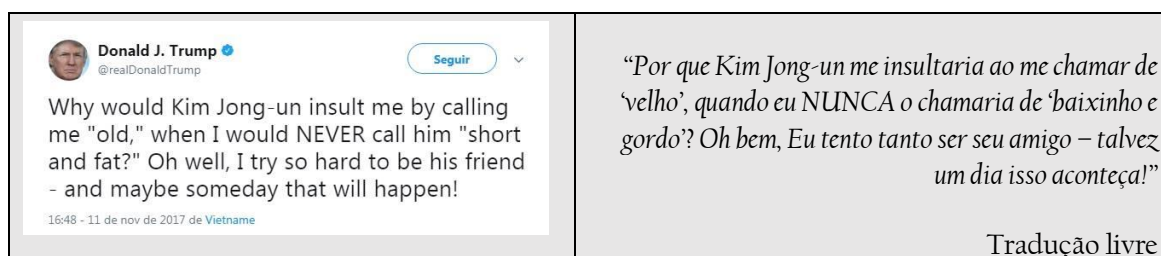
Desse modo, buscamos na internet, especificamente em uma das redes sociais²⁰ de Donald Trump, elementos que corroborassem as três propriedades elencadas por Foucault (2010) que compõem o discurso que abarca o poder ubuesco. Dentre as postagens do presidente norte-americano, as que insultam o ditador norte-coreano Kim Jong-un são as mais contundentes. Aliás, por conta das referidas postagens e das respostas que vinham na mesma intensidade, percebemos a existência não somente de uma nova personificação do ubuesco, mas de duas.

Após o exame dos materiais encontrados, compreendemos que nos atos e nas enunciações de Donald Trump e Kim Jong-un se evidenciam as três propriedades que remetem ao modo como Foucault (2010) caracterizou o discurso que abarca o poder

²⁰ Disponível em: < <https://twitter.com/realdonaldtrump> >.

ubuesco. A primeira dessas propriedades envolve as recorrentes ameaças de lançamentos de mísseis em que os dois governantes, por meio de declarações e postagens, colocaram em risco a vida de milhões de pessoas, se as ameaças tivessem sido efetivadas. Tem-se nisso traços que remetem a propriedade de vida e de morte, que é uma das características do discurso que abarca o poder ubuesco. Além disso, os dois possuem às custas dos cargos que ora ocupam o poder de verdade, um escolhido por eleitores de seu país e outro como herdeiro de um regime ditatorial. Para mais, possuem o poder de provocar o riso incomodado, o riso irônico que faz parte da tríade de propriedades do discurso que envolve o poder ubuesco, o que pode ser percebido pelo conteúdo das mensagens trocadas entre ambos os governantes. Um exemplo disso pode ser a postagem em que Donald Trump apelida o ditador norte-coreano de “homenzinho foguete”, ou ainda quando o provoca chamando-o de “gordo” e “baixinho”. Esses insultos são parte da resposta de Donald Trump a Kim Jong-un após ter sido chamado de “americano senil mentalmente perturbado”. Conforme a Figura 6 abaixo:

Figura 6: Tuíte de Donald Trump



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

Além do mais, esse tipo de insulto faz lembrar os xingamentos de Pai Ubu, em que a personagem usa termos como “Toma! Polaco, beberrão, bastardo, hussardo²¹, tártaro²², pau-mandado, falso, espião, saboiano²³, comunistóide”! (JARRY, 1986, p. 136). Ou ainda, as expressões utilizadas nos insultos recordam os termos contidos nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para qualificarem os crimes cometidos pelos réus, conforme lido em aula por Foucault (2010, p. 6), como “invertidos”, “falastrão”, “cínico”, dentre outros.

Uma vez operado com o poder ubuesco no âmbito da política mundial, o desafio seguinte consistiu em realizar a operação do conceito sobre a Educação Ambiental,

²¹ Soldado da cavalaria ligeira que deriva de “gussar” tendo como significação “ladrão de beira de estrada”, “salteador”. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hussardo> > Acesso em 11/04/18.

²² Provavelmente o xingamento tem conotação com os habitantes da região da Tartária. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tart%C3%A1ria> > Acesso em 11/04/18.

²³ Diz-se do habitante de Savoia, França. Fonte: < <https://pt.wiktionary.org/wiki/saboiano> > Acesso em 11/04/18.

sendo esse um dos objetivos da pesquisa de Mestrado em andamento. Para tanto, tomamos o contexto da crise ambiental vigente para a tarefa. Dado que já acompanhávamos as ações e as declarações que envolviam o presidente norte-americano, a personagem Ubu contemporâneo que tomamos para ilustrar o estudo e o artigo elaborado, encontramos novamente em suas postagens na rede social *Twitter* aquelas que possibilitaram a operacionalização com o poder ubuesco. Num primeiro momento, o que acresce para a promoção do encontro com a Educação Ambiental foi a retirada do país governado por Donald Trump do Acordo de Paris. As razões indicadas para essa ação que foram apresentadas por ele em seus discursos e em suas postagens na rede social possibilitaram a ligação ao poder ubuesco. Duas declarações extraídas da reportagem que tem como título “Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática” (AHRENS, 2017) seguem como exemplo. A primeira quando afirmou: “[...] admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, e a segunda: “[...] fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]”.

Para marcar a categoria do poder ubuesco na operacionalização sobre a crise ambiental vigente, adotamos o desdobramento sugerido por Leme (2008) para o referido conceito: a mentira ubuesca. Novamente encontramos nas postagens de Donald Trump aquela que daria a sustentação para o estudo em andamento. A publicação selecionada foi a de que, para Donald Trump, o aquecimento global não seria resultante das atividades humanas, se tratando de “uma mentira inventada pelos chineses” para fazer com que a economia americana não continuasse a crescer. Para ele, a economia chinesa, situada em segundo lugar nos níveis mundiais que medem a economia, poderia superar a economia do país que ora governa. Por conta disso, a dita ameaça chinesa ou a estagnação da economia americana foram usadas como apelo aos eleitores do então candidato ao governo dos Estados Unidos da América (EUA). Entendemos que ao fazer uso desse discurso, Donald Trump, durante a campanha eleitoral, lançou mão da mentira ubuesca, tendo essa implícitos o poder ubuesco e o princípio do terror, como aludido anteriormente. Os questionamentos e problematizações acerca das declarações de Donald Trump constam com mais detalhes no artigo elaborado.

Para concluir o estudo foram apresentados dados oriundos de pesquisas científicas que atestam a alegação de que o aquecimento global tem em grande parte a influência das atividades humanas por meio do uso excessivo de combustíveis fósseis e

do desmatamento de florestas, por exemplo. Além disso, nas cinco sessões do artigo elaborado, são apontados subsídios que indicam a abrangência do poder ubuesco envolvendo também os não-humanos.

4 Algumas considerações

Ao longo desse relato de estudo, baseado no método da Cartografia, procuramos apresentar o acompanhamento do processo de produção do conceito de poder ubuesco, numa atividade de investigação que envolveu, antes de tudo, dar atenção ao espanto provocado diante do novo. Em seguida, procuramos as pistas que levaram Foucault (2010) a caracterizar um poder de ubuesco e, por fim, retornamos ao texto Leme (2008) com o intuito de conectar a mencionada categoria, possibilitando o encontro do referido conceito com a Educação Ambiental. Entendemos que nas idas e vindas promovidas pelo estudo brevemente narrado, acompanhando a movimentação e as mudanças do poder ubuesco, não damos como finalizado o processo. Desse modo, a experiência que nos passou, nos aconteceu e nos tocou se constitui como uma das etapas da pesquisa.

Para mais, consideramos o conceito de poder ubuesco pouco explorado pela perspectiva foucaultiana, ao menos do modo como procuramos fazer ao longo do estudo, daí o caráter desafiador da pesquisa realizada. Por conta disso, entendemos que o acima exposto não esgota as possibilidades de operar analiticamente com o conceito sobre a Educação Ambiental, visto que a pesquisa de Mestrado ainda se movimenta nesse sentido. Assim, defendemos o potencial do poder ubuesco como uma ferramenta conceitual analítica capaz de fornecer elementos para a compreensão que ora se apresenta num contexto de crise ambiental, possibilitando provocações e interpelações aos sujeitos envolvidos para uma possível variação desta realidade.

Crise Ambiental e a “mentira inventada pelos chineses”: problematizações foucaultianas sobre o poder ubuesco

Isabel Cristina Dalmoro²⁴

Suelen Assunção Santos²⁵

Resumo: Esse artigo é um recorte da pesquisa de Mestrado que tem como objetivo examinar conceitos pertinentes à perspectiva filosófica de Michel Foucault que possam ser operados analiticamente com a Educação Ambiental. O conceito escolhido para esse texto, enquanto ferramenta de análise, é o do poder ubuesco. O poder ubuesco foi mencionado por Michel Foucault somente nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais* (1974-1975). Para examinar o referido conceito, a pesquisa baseou-se no método da Cartografia, na qual se buscou apresentar os mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou, operando com o contexto da crise ambiental vigente.

Palavras-chave: Crise ambiental. Poder ubuesco. Mentira ubuesca.

Environmental Crisis and the “lie invented by the Chinese”: Foucaultian problematizations about the ubuesque power

Abstract: This article is a cutout of the Masters degree research that aims to examine concepts relevant to the philosophical perspective of Michel Foucault that can be analytically operated with Environmental Education. The chosen concept for this text, as tool of analysis, is the ubuesque power. The ubuesque power was mentioned by Michel Foucault only in the first two classes that integrate the work *Abnormal* (1974-1975). To examine the referred concept, the research was based on the Cartography method, in which was sought to present the maps of senses that the ubuesque category reached, operating with the context of the present environmental crisis.

Keywords: Environmental Crisis. Ubuesque Power. Ubuesque Lie.

Crise Ambiental y la “mentira inventada por los chinos”: problematizaciones foucaultianas sobre el poder ubuesco

Resumen: Este artículo es un recorte de la investigación de Maestría que tiene como objetivo examinar conceptos pertinentes a la perspectiva filosófica de Michel Foucault que puedan ser operados analíticamente con la Educación Ambiental. El concepto elegido para ese texto, como herramienta de análisis, es el del poder ubuesco. El poder ubuesco fue mencionado por Michel Foucault sólo en las dos primeras clases que integran la obra *Los Anormales* (1974-1975). Para examinar el referido concepto, la investigación se basó en el método de la Cartografía, en la cual se buscó presentar los mapas de los sentidos que la categoría del ubuesco alcanzó, operando con el contexto de la crisis ambiental vigente.

Palavras-clave: Crise ambiental. Poder ubuesco. Mentira ubuesca.

²⁴ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS); Especialista em Educação Ambiental (FURG); Licenciada e Bacharela em Filosofia (UFRGS). Bolsista CAPES. E-mail: isadalmoro.filosofia@gmail.com

²⁵ Doutora em Educação (UFRGS); Mestre em Educação (UFRGS); Especialista em Tutoria EAD (UFRGS); Licenciada em Matemática (UFRGS); Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS); Professora do PPG em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS). E-mail: suelen.santos@ufrgs.com

PRÓLOGO [...] eu mudei o governo e mandei publicar no jornal que todos os impostos serão pagos duas vezes, ou mesmo três, no caso dos que forem designados posteriormente. Com esse sistema, logo, vou fazer fortuna, daí mato todo mundo e me mando. [...] Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça! Cornoralho, sou rei ou não sou? (Pai Ubu, Terceiro Ato, Cena 4).

I Apresentação

O artigo que segue faz parte da pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEC/UFRGS, que tem como questão motivadora saber *se e como* a perspectiva filosófica de Michel Foucault pode lançar outro olhar sobre a Educação Ambiental. O conceito escolhido para esse texto é o do poder ubuesco²⁶. O poder ubuesco é mencionado pelo autor somente nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975), nas quais caracteriza o referido poder e seus possíveis efeitos nos relatórios dos peritos psiquiátricos em matéria penal, sendo esse o pano de fundo para a obra supracitada.

Além disso, a obra *Os Anormais* (1974-1975) é composta por onze aulas desenvolvidas para o estudo sobre as noções que permitiram a formação do conceito de anormalidade, a partir da articulação entre os três elementos que constituíram o grupo dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o onanista. Para examinar o conceito de poder ubuesco, essa pesquisa baseia-se no método da Cartografia, na qual buscamos apresentar os mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou seguindo a proposta sugerida por Foucault (2010, p. 11) ao afirmar que esse exame mereceria ser feito “dentro de uma análise histórico-política”. Dito isso, expomos a composição do artigo. Tal como a peça *Ubu-roi* (1896), representada em cinco atos e que impulsiona o conceito de poder ubuesco, o artigo é composto por cinco seções, incluindo essa que o apresenta e que trata da sua disposição. A Segunda seção visa a caracterização do poder ubuesco, abordando tanto a peça supracitada como as aulas ministradas por Foucault (2010), em que o conceito é mencionado. Na Terceira seção trazemos o desdobramento do poder ubuesco na mentira ubuesca, a partir do artigo de Leme (2008). Na Quarta

²⁶ Nosso agradecimento ao Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade – (GEEMCo/UFRGS) – que possibilitou o primeiro encontro com o poder ubuesco.

seção examinamos um prolongamento do poder ubuesco e os seus efeitos em aspectos da crise ambiental vigente. Na Quinta seção apresentamos algumas considerações acerca do artigo.

Adiantamos que para a perspectiva foucaultiana ao tratarmos da verdade devemos levar em conta que essa emerge dos “jogos de verdade”, isto é, refere-se “não a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso”, segundo Revel (2011, p. 149). Ou, conforme Foucault:

[...] é que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder. [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (2006, p. 12).

Ainda, o discurso dentro dessa perspectiva diz respeito a “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns” (REVEL, 2011, p. 41). Em linhas gerais, ao se tomar o discurso como um conjunto de enunciados se relaciona a prática discursiva não como um ato de fala ou com a ação de pronunciar discursos, mas com as práticas discursivas que “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2016, p. 93). Isso posto, passamos para o exame do conceito de poder ubuesco e seus efeitos na sociedade contemporânea dentro de uma análise histórico-política, cunhando o que propôs Foucault (2010).

2 A caracterização do ubuesco: Pai Ubu e Lugar Nenhum

O ano é 1896. Pai Ubu entra em cena em 10 de dezembro no *Théâtre de l'Oeuvre*, Paris. A peça é *Ubu-roi* de Alfred Jarry (1873-1907). Os fragmentos expostos no *Prólogo* mostram brevemente a fala do Rei Ubu aos camponeses dos arredores de Varsóvia (Polônia) após ter assassinado o seu antecessor, rei Venceslau, e assumido o poder em seu lugar. Por conta desse crime Pai Ubu agora é o Rei Ubu. No dia onze (11) de dezembro de 1896, a noite seguinte da data de estreia da peça, *Ubu-roi* sai de cena. Duas apresentações e “uma história de transgressões, ainda que seu protagonista tenha perdido o caráter diabólico, graças a competição desleal da cena contemporânea”, nas palavras de Fernandes (2007, p. 27), concedem ao Pai Ubu a personificação do grotesco. De acordo com as passagens apresentadas no *Prólogo*, ao ordenar o aumento e o pagamento de impostos dos camponeses em troca de suas vidas, como “Paguem! Ou

meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça!” (JARRY, 1986, p. 85), o Rei Ubu pode ser descrito como uma personagem grotesca e “amoral” (FERNANDES, 2007, p. 14). Por conta de outros fragmentos da peça, o Rei Ubu é caracterizado como um cômico truculento, ou seja, um bufão que faz rir por conta do ridículo, situação percebida já em momentos iniciais da peça quando, em tom irônico, faz um elogio à Mãe Ubu: “Pela bela vela verde, é verdade. Estou morto de fome. Mãe Ubu, você hoje está bem feia. É por causa das visitas, é?” (JARRY, 1986, p. 30). Ou quando aparece, em outro momento da mesma cena, portando uma escova de limpar privadas como se fosse um cetro e grita: “E vocês logo, logo vão gritar viva o Pai Ubu!” (idem, p. 35). Por causa dessas citações e de outras tantas que integram os episódios nos quais acontecem os diálogos *ubesianos*²⁷, a peça *Ubu-roi* (1896) inaugura “uma forma inédita de humor, baseada na incongruência das ações e na incoerência das falas do protagonista”, de acordo com Fernandes (2007, p. 11). Além disso, a peça que tem como protagonista um rei tirano, lembrando a tirania do rei Macbeth de Shakespeare, é repleta de passagens em que “o riso é usado para agredir e ofender os espectadores, em lugar de buscar sua cumplicidade na crítica a uma personagem aberrante” (ABIRACHED²⁸, 1994, p. 191 apud FERNANDES, 2007, p. 12). O riso provocado nos espectadores é um riso irônico, um riso incomodado, proveniente de um humor sombrio, sarcástico e grotesco. Tal é o sentido do riso considerado nesse texto²⁹.

No discurso pronunciado na Conferência de Abertura da noite da estreia de *Ubu-roi* (1896) Jarry (1986, p. 147) destaca que o local pensado para os episódios da peça remete à Polônia, ou a Lugar Nenhum. Há, também, a indicação de que o cenário da peça é o Lugar Nenhum³⁰ em outro texto escrito pelo autor, qual seja: *Outra apresentação de Ubu rei* (1896). Nesse texto³¹, segundo Jarry (2007, p. 33), “Lugar Nenhum fica em toda a parte e, antes de mais nada, o país onde nos encontramos”. Desse modo, consideramos

²⁷ Grifo nosso.

²⁸ ABIRACHED, Robert. *Une abstraction qui marche*. In: *La crise du personnage dans le théâtre moderne*. Paris: Gallimard, 1994.

²⁹ Segundo Aristóteles, ao se tratar da comédia, o ridículo pode ser dramatizado, mas aquilo que for moralmente reprovável é caracterizado como horrível. Em suas palavras: “A comédia é, como dissemos, imitação [*mimesis*] de pessoas piores, mas não tendo em vista toda a sorte de maldade, e sim só até o ponto que o ridículo faz parte do feio. O ridículo é, portanto, um erro misturado com a feiura, o qual não provoca nenhum sofrimento e nenhum estrago, assim como a máscara ridícula é horrível e desfigurada, sem, no entanto, ter a expressão de dor” (ARISTÓTELES, POÉTICA 1449^a, 32 apud GEIER, 2011, p. 33).

³⁰ Para se ter em mente que Lugar Nenhum é uma referência ao que foi dito por Jarry (2007), as iniciais dos termos serão mantidas em maiúsculo. Assim, toda vez que ocorrer a citação Lugar Nenhum a compreensão deve ser como um lugar qualquer no mundo.

³¹ Texto publicado sob o título de *Ubu-Rei* na brochura-programa editada pela revista *La critique* para o *Théâtre de L'Oeuvre* e distribuída aos espectadores (JARRY, 2007, p. 33-35).

que Lugar Nenhum perpassa o espaço e o tempo. O Rei Ubu pode estar e ser de qualquer lugar. E seguindo o dito de que “na arte como na vida há apenas figurinos que se repetem”, como afirma Tostes (1987, p. 14), passados setenta e nove (79) anos desde as duas apresentações da peça *Ubu-roi* (1896), Foucault traz à tona Pai Ubu em duas de suas aulas. Para tanto, valeu-se do adjetivo *ubuesco*, que tem conotação com o personagem Ubu³², utilizando-o como sinônimo para o grotesco, quando é empregado para caracterizar uma nova categoria de poder: o poder *ubuesco*.

2.1 Foucault e o poder *ubuesco*

08 de janeiro de 1975. Foucault leciona no Collège de France. A aula inicial do curso começa com a leitura de dois relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal. O primeiro deles data de 1955 e o segundo de 1974 – um ano antes do início do curso. Esse último é sobre três homens que foram acusados de chantagem num caso sexual. Foucault lê para os estudantes o relatório sobre dois desses homens. Eis:

Um, digamos X., “intelectualmente, sem ser brilhante, não é estúpido; encadeia bem as ideias e tem boa memória. Moralmente, é homossexual desde os doze ou treze anos, e esse vício, no começo, teria sido uma compensação pelas zombarias de que era vítima quando, criança, criado pela assistência pública, estava na Mancha [o departamento francês – M.F.]. Talvez seu aspecto afeminado tenha agravado essa tendência à homossexualidade, mas foi a ganância que levou X. a praticar a chantagem. X. é totalmente imoral, cínico, falastrão até. Há três mil anos, certamente teria vivido em Sodoma e os fogos do céu com toda a justiça o teriam punido por seu vício. Devemos reconhecer que Y. [a vítima da chantagem de – M.F.] teria merecido a mesma punição. Porque, afinal de contas, ele é idoso, relativamente rico e não tinha mais a propor a X., senão instalá-lo numa boate de invertidos, de que ele seria o caixa, abatendo progressivamente o dinheiro investido na compra do estabelecimento. Esse Y., sucessiva ou simultaneamente amante masculino ou feminino, não se sabe, de X., causa desprezo e náusea. X. ama Z. Só vendo o ar afeminado de um e de outro para compreender que tal palavra pode ser empregada quando se trata de dois homens tão afeminados que não é mais em Sodoma, mas em Gomorra, que deveriam viver” (FOUCAULT, 2010, p. 6).

Segundo Foucault (2010, p. 7), os relatórios elaborados pelos peritos contendo os exames psiquiátricos em matéria penal e lidos em aula fazem parte de um tipo raro de discurso por apresentarem três propriedades numa mesma alegação, quais sejam: o

³² Conforme nota 20: o adjetivo “*ubuesco*” foi introduzido em 1922, a partir da peça de A. Jarry, *Ubu-roi*, Paris, 1896. Ver Grand Larousse, VII, 1978, p. 6139: “Diz-se do que, por seu caráter grotesco, absurdo ou caricato, lembra o personagem Ubu”; Le Grand Robert, IX, 1985², p. 573: “Que se assemelha ao personagem Ubu rei (por um caráter comicamente cruel, cínico e covarde ao extremo). (FOUCAULT, 2010, p. 25). Ou ver: <http://etimologias.dechile.net/?ubuesco> Acesso em 25/10/17.

poder de determinar a liberdade ou a detenção do indivíduo, e no limite, o poder de vida e de morte, o poder de verdade – abalizado pela instituição judiciária – e, por fim, o poder de fazer rir. Entendemos que no relatório acima, tendo a compreensão tácita de um discurso que contém o poder de penalizar um indivíduo com a supressão da sua liberdade, o poder de vida e de morte se encontra na expressão utilizada pelo perito psiquiátrico penal quando sugere que aos respectivos réus, por estarem envolvidos num crime de chantagem sexual, caberia como condenação “viver em Sodoma e Gomorra”, remetendo às duas cidades destruídas pelo fogo. Por outro lado, o poder de verdade surge quando o perito psiquiátrico penal, na condição de representante da instituição judiciária e possuidor de conhecimento científico, sustenta que “foi a ganância que levou X. a praticar a chantagem. X. é totalmente imoral, cínico, falastrão até”. As qualidades atribuídas a X. remetem mais para a emissão de juízos de valor, como um exame da maneira de ser, do que a uma atestação científica, que é o que caberia ao respectivo profissional realizar.

Por fim, retomando as propriedades elencadas por Foucault para o discurso em questão, percebemos o poder de fazer rir já no início do relatório apresentado na respectiva aula, estendendo-se ao longo de todo o relato, quando o perito psiquiátrico penal usa expressões como “X. moralmente, é homossexual desde os doze ou treze anos [...] talvez seu aspecto afeminado tenha agravado essa tendência à homossexualidade”. O riso que esse tipo de relato causa é o mesmo tipo de riso causado por Pai Ubu em seus espectadores, ou seja, um riso irônico e incomodado causado por um humor sombrio e sarcástico. Cabe dizer que nas expressões utilizadas pelos peritos psiquiatras, nos discursos acerca dos exames em matéria penal, ocorre um processo de dobras sobre a infração cometida, por conta de:

[...] toda uma série de outras coisas que não são o delito mesmo, mas uma série de comportamentos, de maneiras de ser que, bem entendido, no discurso do perito psiquiatra, são apresentadas como a causa, a origem, a motivação, o ponto de partida do delito (FOUCAULT, 2010, p. 14).

Trata-se de uma análise que possibilita passar do exame do ato ao exame da conduta, da transgressão à maneira de ser, deslocando o nível da realidade da infração, “pois o que essas condutas infringem não é a lei, porque nenhuma lei impede ninguém de ser desequilibrado afetivamente, nenhuma lei impede ninguém de ter distúrbio emocionais” (FOUCAULT, 2010, p. 15). Segundo Foucault, o que acontece de mais grave é que o judiciário deve punir a própria coisa: o ato, e não a conduta. Ao colar a

conduta ao ato, por meio de expressões que remetem às qualificações morais do tipo “ímoral”, “cínico”, “falastrão” ou “invertidos”, Foucault (idem) defende que esse modelo de discurso evidencia um duplo-sucessivo, representado pela constituição de “um duplo psicológico-ético do delito”, que acontece quando o delito tem por detrás um duplo que o descaracteriza como uma infração no sentido legal do termo. Assim, os discursos judiciais oriundos dos exames psiquiátricos-penais, tal como expostos na supracitada aula, por serem vistos como discursos de verdade e que, ao mesmo tempo fazem rir, merecem, conforme Foucault (2010), um pouco de atenção. Esse discurso é alheio a todas as regras e possui a propriedade de ser grotesco – ou se quiserem, a propriedade de ser ubuesco. Foucault se valeu de que aquilo que acontece com Pai Ubu pode acontecer em Lugar Nenhum e trouxe para o discurso judiciário psiquiátrico em matéria penal a literatura de Jarry (1986). Assim, se ocupa da derivação ubuesco como um sinônimo para o grotesco. Ressalta:

Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Foucault se distancia da categoria de injúrias do ubuesco – isto é, das injúrias do tipo que podem ser ilustradas pelas ofensas do Pai Ubu à sua esposa quando a acusa de ladra de toda a riqueza conquistada por meio da exploração aos súditos – para pensar no ubuesco em sua forma ampla abrangendo tanto a figura do soberano arbitrário³³ como os procedimentos que envolvem a burocracia da máquina administrativa do poder. Conforme afirma:

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, deve-ser-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2010, p. 11).

³³ Foucault (2010, p. 12) cita exemplos de personagens históricos como representantes da engrenagem do poder ubuesco, como os imperadores romanos, desde Nero a Heliogábalo. Personalidades que além de deter o poder enquanto soberanos possuíam, dentre outras características, em sua pessoa, em sua realidade física, em sua sexualidade, em sua maneira de ser, um personagem infame, grotesco, ridículo.

A partir da caracterização desta soberania grotesca³⁴ emerge uma categoria de poder que desqualifica quem está falando, mas que ainda é capaz de dominar: a categoria ubuesca, ou grotesca. Nessa engrenagem do poder quem detém o poder utiliza-se da desqualificação do próprio discurso para dominar, valendo-se de uma atuação que provoca o terror na qual “o poder se dava nessa imagem de provir alguém que estava teatralmente disfarçado, desenhado como um palhaço, como um bufão de feira” (FOUCAULT, 2010, p. 12). Por conta disso, essa categoria do grotesco, ou do ubuesco, não pode ser considerada uma falha mecânica do poder. Ela está à serviço de quem está exercendo o poder, maximizando-o.

Dentro das possibilidades de Ubu estar em Lugar Nenhum, surgem figuras que remetem ao Pai Ubu. Como a figura do Ubu burocrata que faz parte da administração moderna e é tido como “um procedimento inerente à burocracia aplicada” (FOUCAULT, 2010, p. 12). Por ele, pelo Ubu burocrata, passa o funcionamento da administração pública, da máquina administrativa. Ademais, tal como leu Foucault em aula, o discurso instituído pela justiça, que tem o poder de vida e morte e é dito de forma solene, remete a um Ubu que fala doutamente. É o Ubu douto porque fala de modo erudito. Outra personagem que emerge é o Ubu do psiquiátrico-penal encontrado no discurso do perito psiquiatra, do médico judicial. Esse tema é abordado por Foucault na aula seguinte quando passa para o exame das condições que tornam possível o poder ubuesco, uma vez inserido na sociedade de regulação e controle. Nesse caso, a regulação e o controle são representados pela instituição judiciária penal que, na figura do perito psiquiatra, opera sobre comportamentos que possam ser apontados como perigosos. Ou que possam ser ditos como normais ou anormais.

15 de janeiro de 1975. Foucault inicia mais uma de suas aulas no Collège de France. Retoma o tema sobre exames médico-legais sustentando que nos discursos elaborados pelos peritos psiquiatras, conforme apresentado, aparecem noções ligadas à perversidade quando justificam os atos cometidos pelo réu utilizando termos do tipo “preguiça”, “orgulho” ou “maldade”. Esses elementos, segundo Foucault (2010, p. 28), são trazidos como “manifestamente caducos, ridículos ou pueris”. Tais elementos somados à perversidade indicam o caráter propriamente grotesco e ubuesco do discurso psiquiátrico-penal. Para Foucault:

[...] esse caráter ubuesco não está simplesmente ligado à pessoa dos que o pronunciam, nem mesmo a um caráter não elaborado do exame

³⁴ Ora Foucault chama a soberania grotesca de soberania infame, ora de soberania arbitrária.

ou saber ligado ao exame. Esse caráter ubuesco está, ao contrário, ligado muito positivamente ao papel de ponte que o exame penal exerce. Ele está diretamente ligado às funções desse exame (2010, p. 31).

A ponte estabelecida pelo caráter ubuesco do referido discurso que Foucault menciona é a que se estabelece entre a perversão e o perigo. Trata-se da ponte firmada entre o diagnóstico assinado pelo perito psiquiatra acerca do perigo social que o indivíduo, que não é exatamente doente nem propriamente criminoso pode oferecer à sociedade, com o discurso do medo e da moralização. A partir disso Foucault descreve o perito psiquiatra como uma personagem Ubu, por conta do poder que a ele foi concedido, isto é, por meio de seu discurso que é ao mesmo tempo um discurso que tem o poder de vida e morte [de tirar ou não a liberdade do outro] e de fazer rir, um riso que encontra na ironia sentida pelo interlocutor o seu alcance, e que o desqualifica enquanto cientista em relação a um indivíduo que, estando no banco dos réus, não possui qualquer poder. Nesse entrelaçamento de discursos, tomados como verdade por serem oriundos da instituição judiciária e que são ridículos, emerge na relação de poder do perito psiquiatra sobre o indivíduo um absurdo ato de poder que tem como efeito o terror ubuesco (tema abordado mais adiante). Contudo, ao perito psiquiatra não cabe senão agir conforme o que lhe foi determinado realizar. Assim como o Pai Ubu não estava qualificado para ser o rei da Polônia, por conta do que já foi dito sobre ele, ao perito psiquiatra não caberia dar a punição a um indivíduo por ser ele um cientista, pertencente à instituição médica, pois a ele competiria a tarefa de fornecer um diagnóstico acerca da loucura ou da doença, e não de criminalidade. O perito psiquiatra ao fornecer os exames penais se ridiculariza por usar termos em seus relatórios que não caberiam a um atestado de criminalidade. Segundo Foucault:

Para voltar pela última vez a Ubu (vamos abandoná-lo aqui)³⁵, se se admitir – como tentei lhes mostrar da última vez – que o Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce, se o grotesco político é a anulação do detentor do poder pelo próprio ritual que manifesta esse poder e esse detentor, vocês hão de convir que o perito psiquiatra não pode deixar de ser a própria personagem Ubu (2010, p. 31).

As aulas seguem e junto com as demais aulas do curso desse período é publicada a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975). E Foucault não fala mais em Ubu, ratificando a citação acima.

³⁵ Grifo nosso.

3 Um desdobramento do poder ubuesco: a mentira ubuesca

Em 2008, Leme (p. 181) ressalta que para os leitores de Foucault “o riso não é uma realidade homogênea, nem todos riem das mesmas coisas nem pelas mesmas razões”. Além disso, lembra que ao nos depararmos com a narrativa aparentemente inofensiva de uma história é bom ficarmos atentos porque talvez nessa narrativa coisas decisivas estejam em jogo. Nesse sentido, num distanciamento da propriedade do poder de fazer rir que caracteriza o poder ubuesco, sugere um desdobramento do poder ubuesco para a estrutura do poder na Política cento e doze (112) anos depois da primeira encenação do *Ubu-roi* (1896): a mentira ubuesca. Na mentira ubuesca, um outro Lugar Nenhum.

Para elucidar a mentira ubuesca, Leme (2008) buscou na obra de Foucault elementos que possibilitaram a sua emergência: os conceitos de aleturgia e de governamentalidade. Assim, ao tratar sobre a crise de governamentalidade³⁶ em Foucault, Leme (2008) apresenta cinco formas de governar pela verdade³⁷ que fazem parte dos estudos do autor encontrados na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980), na qual também busca a aleturgia, introduzida por Foucault e que, em linhas gerais, significa “o ato pela qual a verdade se manifesta” (FOUCAULT, 2009, p. 13) ou “a manifestação da verdade correlativa ao exercício do poder” (idem). Trata-se de um ritual que, no exercício do poder, abarca jogos de verdade nos quais “quem governa tem que ter mais do que a verdade do seu lado, tem que inscrever os seus atos numa necessidade, numa ordem, que o eleva acima do arbítrio, e assim o legitima” (idem).

Para fins desse estudo, consideramos relevante trazer também o conceito de governamentalidade de acordo com a perspectiva foucaultiana. Por ora, compreendemos a governamentalidade como “uma arte de governar cuja racionalidade tem por princípio e campo de aplicação o funcionamento do Estado: a ‘governamentalidade’ racional do Estado” (REVEL, 2011, p. 74). Refere-se, em linhas gerais, a um conjunto de procedimentos que constituem a maneira de governar. É em relação à maneira de governar e os jogos de verdade que estão inseridos os cinco

³⁶ O tema da governamentalidade e sua crise foi objeto de estudo de Michel Foucault nos cursos que compõem as obras *Segurança, Território, População* (1977-1978) e *Nascimento da Biopolítica* (1978-1979) e em várias entrevistas concedidas pelo autor, conforme Leme (2008, p. 183).

³⁷ De acordo com Leme (2008, p. 185-186), as cinco principais formas de relação entre a arte de governar e os jogos de verdade no pensamento político são: o princípio da racionalidade (a verdade está fundada na racionalidade estatal), princípio da evidência (é a verdade das coisas que deve governar), princípio da especialização (a ideia de verdade como resultado de um conhecimento pericial), princípio da consciência (a verdade imposta por um conjunto de especialistas) e o princípio do terror (a eficácia do terror é proporcional à sua notoriedade, à sua verdade). Para mais, esses princípios são abordados por Foucault na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980).

princípios que são considerados como “formas de problematizar a relação entre o exercício do poder e a verdade” (LEME, 2008, p. 187). O princípio que nos cabe no momento é o princípio do terror. Segundo Foucault:

É precisamente esse o princípio do terror: o terror não é uma arte de governar que se oculta nos seus fins, nos seus motivos e nos seus mecanismos, o terror é precisamente a governamentalidade no seu estado nu, em estado cínico, em estado obscuro. No terror é a verdade e não a mentira que mobiliza: é a verdade que ele deixa, é a verdade que se rende ela mesma, por sua evidência manifesta por toda a parte, que se rende intangível e inevitável (2009, p. 26).

Nesse sentido, ao lançar mão do princípio do terror no exercício do poder o governante não o faz de modo a esconder aquilo que está acontecendo, pois sabe que o governado não ignora a situação. Por um lado, o governo se fortalece pela exibição do modo como funciona: valendo-se do terror como forma de governar. Por outro, o governado está ciente do que se passa. E é justamente por saber das coisas, que elas não se modificam. Visto que uma resposta racional ao ato sofrido, tal como os princípios anteriores poderiam fornecer, pelo princípio do terror já não é possível. Um exemplo do princípio do terror em operação pode ser um dos trechos extraído da peça *Ubu-roi* (1896) em que o personagem principal, Pai Ubu, ao assumir o poder, decreta o aumento de impostos a fim de enriquecer:

Meus senhores, vamos estabelecer um imposto de dez por cento sobre a propriedade, um outro sobre a indústria e o comércio e um terceiro sobre os casamentos e um quarto sobre os falecimentos. Quinze francos cada (JARRY, 1986, p. 80).

Como os financistas não concordam com a atitude arbitrária de Pai Ubu, todos são mantidos presos em gaiolas. Ao prender seus financistas em gaiolas, num ato exibicionista de poder, encontramos o que Leme (2008, p. 191) chama de “a parte visível e pública” da mecânica do poder ubuesco que tem como finalidade a subjetivação dos sujeitos. Ou seja, na ação realizada por Pai Ubu encontramos uma forma de aleturgia, um ritual da manifestação da verdade daquele que está no poder e que possui a necessidade de inscrever seus atos para ser legitimado. Além disso, pelo exemplo extraído da peça, podemos perceber que diante do terror estabelece-se uma crise na governamentalidade, uma vez que não é mais possível discutir racionalmente acerca do veredito. A partir disso, tem-se um vazio que faz emergir uma mentira que Leme (2008) nomeia de mentira ubuesca.

Num possível desdobramento para o poder ubuesco, Leme (2008) traz à tona a mentira ubuesca, resultante de características que remetem ao já referido poder ubuesco

e ao princípio do terror, conforme acima descritos. Antes, alega que a mentira é um jogo de verdade que segue uma ordem, qual seja: a enunciação pressupõe que o sujeito da enunciação esteja na posse da verdade, num segundo plano, o enunciado formulado não corresponde ao enunciado não formulado que o sujeito da enunciação tem como verdadeiro, por fim, a enunciação da falsidade tem efeitos de verdadeiro no destinatário, que age como se a informação recebida fosse verdadeira. Desse modo, sustenta que “a mentira ubuesca é uma mentira invertida” (LEME, 2008, p. 191), uma vez que tanto o emissor como o destinatário sabem que o enunciado é falso. Nesse caso, o emissor está lançando mão de enunciações que envolvem o poder ubuesco, pois ao emitir uma mentira desqualifica-se como interlocutor não permitindo que o destinatário exerça seu direito de resposta de maneira racional. Contudo, ressalta:

[...] não devemos nos surpreender pelo fato de alguém aparentemente desqualificado ocupar os lugares estatutários do poder, devemos antes atentar perceber por que é que é essa a mecânica do poder vigente, e quais são em nós, os seus efeitos de subjetivação. Atente-se que estamos perante um desdobramento do princípio do terror, ou seja, a exibição da imbecilidade e da mentira dos governantes é uma forma de fortalecer o poder, a força de sua engrenagem é tão mais forte quanto é notória a imbecilidade que exibem (LEME, 2008, p. 191).

Leme (2008) afirma que essa falha mecânica na história do poder é, para Foucault, uma engrenagem muito antiga no funcionamento político das sociedades ocidentais não se tratando de enfraquecimento do poder, mas da manifestação da inevitabilidade deste, uma vez que o maximiza. Assim, se Ubu está no poder, ele pode sim ser imbecil, nulo ou ridículo, e ao manifestar essa sua condição desqualifica-se como interlocutor incapacitando simultaneamente os que desejam exercer seus direitos políticos de fazerem isso racionalmente.

Diante disso, algumas questões podem ser levantadas. Uma delas é se essa relação não mereceria um pouco mais de atenção ao se pensar na legitimidade desse tipo de poder, ou seja, ele é definitivamente inevitável? Ou ainda, há um modo de resistir a ele? Para Foucault é preciso pensar sobre a inevitabilidade do poder, uma vez que isso:

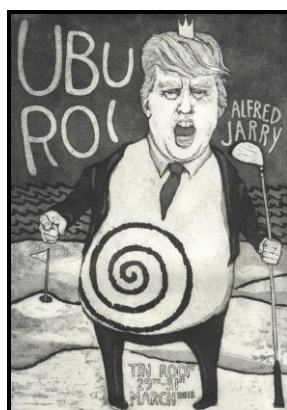
[...] é uma atitude que consiste, primeiramente, em dizer: nenhum poder existe por si! Nenhum poder, qualquer que seja, é evidente ou inevitável! Qualquer poder, conseqüentemente, não merece ser aceito no jogo! Não existe legitimidade intrínseca no poder! [...] não se trata de dizer que todo o poder é ruim, mas de dizer, ou de partir desse ponto: qualquer poder, qualquer que seja ele, não é de pleno direito aceitável ou não é absolutamente e definitivamente inevitável (FOUCAULT, 2009, p. 34-35).

À luz do que foi dito, talvez o melhor modo de colocar em movimento o poder ubuesco e a mentira ubuesca consista na análise de alguns fatos que remetem à descrição dada por Leme (2008) e que estão presentes na sociedade contemporânea. Passamos, assim, ao exame de alguns episódios divulgados pela mídia que ilustram, no primeiro momento o poder ubuesco e, em seguida, a mentira ubuesca.

3.1 O poder ubuesco na política mundial

08 de novembro de 2016. Terça-feira. Valendo-se da espacialidade e da atemporalidade do Lugar Nenhum, Pai Ubu ressurge na figura política de Donald Trump (Figura 7) quando esse é eleito para o cargo de presidente dos Estados Unidos da América (EUA). Parte do mundo está em perplexidade. Não só pelas promessas que foram feitas durante a campanha presidencial, envolvendo um tanto de decisões que atingem muitos habitantes do referido país, como pelos insultos em tom de deboche que o presidente fez em suas redes sociais ao líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un. Ressaltamos que as ofensas não se constituíram de direção única, elas costumavam ir e vir na mesma velocidade que a rede permite, e digamos, na mesma intensidade. Os insultos provocativos entre os dois líderes de governo começaram por conta da ameaça e posterior concretização de testes envolvendo mísseis que foram lançados pela Coreia do Norte. As declarações do líder norte-coreano eram divulgadas pela agência de notícias estatal do país (KCNA). Do outro lado, nas postagens do presidente norte-americano, houve várias menções ao apelido dado a Kim Jong-un: “Homenzinho Foguete”. Mais, Donald Trump se valeu de algumas provocações que, costumeiramente, fazem parte do universo infantil, como quando chamou o líder norte-coreano de “baixo” e “gordo”. Isso depois de ter sido chamado de “americano senil mentalmente perturbado”.

Figura 7: Ubu-Trump (ilustração de Tin Roof)



Fonte: <http://sonomasun.com/2016/12/28/ubu-trump/>

Diante disso, entendemos que essas postagens remetem às falas do personagem Pai Ubu na reação aos ataques dos soldados de Bugrelau quando esses defendem a Polônia. Eis: “Toma! Polaco, beberrão, bastardo, hussardo³⁸, tártaro³⁹, pau-mandado, falso, espião, saboiano⁴⁰, comunistóide!” (JARRY, 1986, p. 136). Ou ainda, remetem aos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras que foram lidos nas aulas ministradas por Foucault (2010) supramencionadas e que continham adjetivos como “invertidos”, “cínico” e “falastrão”, dentre outros. As respostas de Kim Jong-un às provocações de Donald Trump também aconteceram em tom provocativo, como a que foi publicada pela KCNA no dia de 4 de julho de 2017, dia de comemoração da independência estadunidense, quando ao realizar um teste de míssil disse tê-lo feito justamente nessa data como um presente aos “bastardos americanos” como ajuda para que “saíssem do tédio”. Ou quando chamou Donald Trump de “demônio nuclear” ou de “cachorro raivoso”, de acordo com reportagens elaboradas a partir dos pronunciamentos do ditador norte-coreano transmitidos pela agência estatal KCNA (SENRA, 2017; KIM, 2017; GI, 2017).

As narrativas vistas em conjunto demonstram que há, nesse jogo do poder concedido aos representantes das duas nações envolvidas, a presença do grotesco, do perverso – enfim, do ubuesco. Nessa relação de poder, quando os dois estadistas dispõem do discurso que abarca o poder ubuesco se desqualificam enquanto homens da política ao trocarem insultos exibindo imbecilidades⁴¹. O nível dos discursos em questão se assemelha aos discursos do Ubu bufão, por conta da truculência cômica que embasa as respectivas falas e por provocarem nos interlocutores um riso satírico, irônico, diante dos insultos trocados que remetem ao ridículo. Isso pode ser percebido no trecho extraído da peça *Ubu-roi* (1896) em que o Pai Ubu insulta o emissário Nicolau Rensky que trouxe a notícia de que Bugrelau, filho do rei Venceslau, retornou ao poder na Polônia: “Ave agourenta, besta do infortúnio, coruja de polainas! Onde é que você conseguiu essas futilidades?” (JARRY, 1986, p. 102). Para mais, ambos governantes possuem o poder de vida e de morte, evidenciado pela possível situação que envolve o

³⁸ Soldado da cavalaria ligeira que deriva de “*gussar*” tendo como significação “ladrão de beira de estrada”, “salteador”. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hussardo> > Acesso em 22/12/17.

³⁹ Provavelmente o xingamento tem conotação com os habitantes da região da Tartária. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tart%C3%A1ria> > Acesso em 22/12/17.

⁴⁰ Diz-se do habitante de Savoia, França. Fonte: < <https://pt.wiktionary.org/wiki/saboiano> > Acesso em 22/12/17.

⁴¹ Remetendo ao discurso do perito-psiquiátrico em matéria penal, como sustenta Foucault (2010, p. 30), esses discursos não se organizam apenas “em torno do campo da perversidade, mas igualmente em torno do perigo social: isto é, ele será também o discurso do medo, um discurso que terá por função detectar o perigo e opor-se a ele.”

lançamento de mísseis que ocasionaria a possibilidade da morte não somente nos locais atingidos pela concretização do ato, como em qualquer lugar do planeta no prenúncio de uma guerra nuclear resultante de uma descabida disputa para saber qual dos dois países possui o programa superior no que se refere ao armamento nuclear, além da disputa de ego dos dois representantes. Os dois governantes também possuem o poder da verdade às custas dos cargos que ocupam, ainda que um tenha sido escolhido pelos eleitores de seu país e outro tenha herdado o cargo, dentro do regime ditatorial.

Desse modo, estão postas as três propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco que Foucault mencionou na aula de 08 de janeiro de 1975. Está posto o princípio do terror que Leme (2008) apresentou ao não se encontrar um modo que possibilite uma resposta racional aos discursos proferidos, uma vez que ambos governantes se desqualificaram como interlocutores, além de exporem o caráter exibicionista das provocações, condizente com o poder ubuesco. Demonstram, ainda, a atemporalidade da peça *Ubu-roi* (1896) com a representação da personagem Pai Ubu em Lugar Nenhum, exercendo seu poder. Todavia, por trás dessas narrativas, não podemos esquecer, como defende Leme (2008, p. 181), que “numa história aparentemente inofensiva, como se se tratasse de anedota, coisas decisivas estão em jogo”. No caso, essas coisas decisivas colocam a todos nós no banco dos réus, por conta do poder de vida e morte que permeia a relação que toma o poder ubuesco em seus vereditos.

4 Um prolongamento do ubuesco: a mentira ubuesca e a crise ambiental

31 de Maio de 2017. Acompanhando as ações promovidas pelo presidente da nação considerada mais poderosa do mundo acontece, mais uma vez, o encontro com a personificação de Pai Ubu. O poder ubuesco tem novamente uma máscara, uma persona. Donald Trump escreveu em sua conta numa rede social (Twitter⁴²) que em breve faria o anúncio indicando a decisão que implicaria na saída ou permanência dos EUA no Acordo de Paris. Trata-se de um acordo firmado entre os representantes de quase duzentas (200) nações no ano de 2015, com a intenção de promover ações que visam à redução de gases poluentes de efeito estufa na atmosfera, a fim de diminuir o aquecimento global. Num primeiro momento, consideramos que a declaração de Donald Trump de que pretende “tornar a América grande de novo” remete a um suposto sentimentalismo que Pai Ubu demonstra pela Polônia em detrimento ao país para onde

⁴² Disponível em: < <https://twitter.com/realDonaldTrump> > Acesso em 03/11/17.

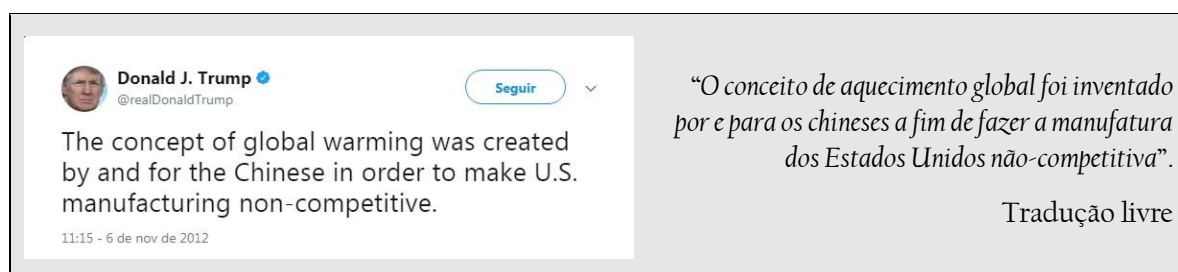
está em fuga, a saber, a França. Conforme: “Ah! Senhores! Por mais belo que seja não vale a Polônia, se não existisse a Polônia, não existiriam os poloneses” (JARRY, 1986, p. 144). Além disso, com a saída do país que é considerado um dos maiores emissores dos referidos gases no mundo, sendo o segundo após a China, passamos a referir Lugar Nenhum tanto como um lugar qualquer no planeta ou o planeta todo, visto que as consequências do aquecimento global, por serem consideradas democráticas, de algum modo atingem a todos.

1º de Junho de 2017. O cenário mundial assistiu aos discursos de um poder grotesco e perverso em relação às questões ambientais. Donald Trump cumpriu sua promessa de campanha e retirou o país que governa do Acordo de Paris que, segundo notas, trata-se do primeiro passo realizado, pois para sair em definitivo do acordo há o prazo⁴³ legal de três (3) anos, o que ocorrerá somente em 2020. Isso em teoria. Conforme consta, dentre as medidas tomadas pelo seu antecessor, Barack Obama, estão sendo ignoradas a proibição de novas explorações de energias fósseis e foi dada a permissão para a extração de áreas costeiras, antes protegidas (PEREDA, 2017). Nos discursos de Donald Trump durante a campanha presidencial já havia a forte indicação de que a retirada do país do Acordo de Paris aconteceria, visto que o presidenciável não escondia de ninguém sua opinião sobre o assunto. Esse ponto foi utilizado por ele como um dos primeiros procedimentos de governo, uma vez eleito. Em suas palavras: “[...] admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos” (AHRENS, 2017), ou ainda, “[...] fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]” (idem). A rejeição ao discurso científico de que o aquecimento global tem a ver com atividades humanas, e em grande parte com a mudança climática presenciada por eventos climáticos que acontecem no planeta, foi posta a público em uma publicação do ano de 2012, quando Donald Trump escreveu em sua conta numa rede social que o conceito de aquecimento global seria uma “mentira inventada pelos chineses” para impedir o aumento da produção do seu país (Figura 8). Relembramos que os EUA estão em segundo lugar na escala de países emissores de gases de efeito estufa, perdendo somente para a China.

⁴³ O prazo legal consta no artigo 28, inciso I do Acordo de Paris, conforme: “A qualquer momento após três anos a partir da data em que o presente Acordo tenha entrado em vigor para uma Parte, esta poderá se retirar do presente Acordo mediante notificação escrita ao Depositário” (ONUBR, 2017).

Além disso, para esse estudo, a declaração emitida por Donald Trump faz alusão a um trecho que integra a peça *Ubu-roi* (1896) em que o personagem Pai Ubu não encontra problema em posicionar a razão e a falta dessa no mesmo nível. Eis: “Ah! Droga! A razão e a falta de razão não valem a mesma coisa? Ah! Você está me ofendendo, Mãe Ubu” (JARRY, 1986, p. 72). Está em jogo aqui a razão defendida por parte da Ciência que afirma que atividades humanas podem ter influência no aquecimento global e a possibilidade disso ser uma falta de razão, uma invenção – uma mentira.

Figura 8: Tuíte de Donald Trump



Fonte: <https://twitter.com/realDonaldTrump>

Para justificar a não aceitação do aquecimento global e, conseqüentemente, a mudança climática intensificada pelas atividades relacionadas ao ser humano, ao se valer da invenção de uma mentira como possível causa para tanto, o discurso de Donald Trump não somente desqualifica seu emissário como contém elementos que remetem à mentira ubuesca, tal como descrita por Leme (2008). Como emissário do discurso, Donald Trump faz uso do poder ubuesco quando emite uma mentira como se estivesse na posse da verdade. A verdade é a de que o aquecimento global teria sido inventado pelos chineses. No segundo momento, o que foi dito não corresponde ao que não foi dito, ou seja, o aquecimento global como acelerador da mudança climática e da crise ambiental vigente é verdadeiro. Ressalvamos que parte da Ciência ainda não tem como certa a participação humana no aquecimento global pois, segundo estudo⁴⁴ publicado recentemente, cerca de 3% dos cientistas ainda resistem à ideia de que o ser humano alterou o clima do planeta (BENESTEAD et al., 2016). Para fins desse texto, isto é, para pensar os efeitos de subjetivação do poder ubuesco propostos por Leme (2008), consideramos as pesquisas que demonstram a influência das atividades humanas no aquecimento do planeta e o aumento da intensidade dos eventos climáticos, como a

⁴⁴ O relatório elaborado por Benestead et al. (2016) trouxe a conclusão de que 97% dos artigos científicos produzidos sobre as mudanças climáticas afirmam que as atividades humanas têm relação com o aquecimento global.

realizada por *American Meteorological Society* (ZHANG et al., 2016). Segundo esse estudo, eventos como o *El Niño* podem ter efeitos potencializados pela influência humana, por conta de atividades como o desmatamento de florestas e o uso de combustíveis fósseis, por exemplo. Por fim, a enunciação proferida por Donald Trump produz efeitos de verdade em seus destinatários que, ao o elegerem como presidente de seu país, a tomam como verdadeira.

A questão que ora se apresenta é a de que se a realidade mostra, por meio do aumento da intensidade dos furacões que atingem o país, tal como apontou o estudo acima referido e por diversas reportagens (MANSUR; MARREIROS; DEUTSCHE WELLE; 2017), que tratam do aumento de temperatura e do derretimento das geleiras do planeta, por que ainda assim a população americana, ao menos a que apoiou Donald Trump, adotou o referido discurso como verdadeiro? Trata-se, nesse caso, dos efeitos de subjetivação do discurso que se vale do poder ubuesco é capaz? Seria o discurso da ameaça de queda na economia americana e da possibilidade de desempregos, o uso do princípio do terror empregado pela governamentalidade, tal como afirmou Foucault (2009)? Os motivos elencados por Donald Trump bem como as ações que sucedem a retirada do país que governa do Acordo de Paris expõem as implicações do discurso que envolve o poder ubuesco na sociedade contemporânea e se configuram como desafios às gerações de sujeitos que integram o Terceiro Milênio ante a crise ambiental.

Diante das implicações apresentadas, um novo elemento vem à tona, a saber, o não-humano, por conta dos efeitos do discurso que abarca o referido poder que acabam ecoando tanto nos animais, como nos vegetais e nos minerais. Nesse sentido, compreendemos que a abrangência da categoria do ubuesco merece um pouco mais de atenção. Desse modo, a presente pesquisa segue movimentando-se em busca das ressonâncias do discurso que abarca o poder ubuesco no que diz respeito também ao não-humano.

5 Algumas Considerações e Possibilidades para o ubuesco

Buscamos ao longo desse artigo caracterizar o poder ubuesco, cunhado por Foucault (2010), a partir da peça de Jarry (1986), *Ubu-roi* (1896). Uma vez situado o ponto em que o poder ubuesco passou a ter a capacidade de movimento ocorre o seu desdobramento na mentira ubuesca, tal como assinalado por Leme (2008). Desse modo, compreendemos que tanto o conceito de poder ubuesco como a mentira ubuesca

emergem como ferramentas de análise para operar com a Educação Ambiental. A operação se deu, primeiramente, pela perspectiva da política mundial da qual nos valemos como exemplos das enunciações de Donald Trump, considerado pela mídia como possuidor de uma “facilidade em distorcer os fatos”, e de Kim Jong-un para, em seguida, servirem como ferramentas analíticas em relação aos aspectos da crise ambiental em que estamos inseridos. Diante do exposto entendemos que o texto não esgota as possibilidades de operação com o poder ubuesco, visto ser essa uma pesquisa ainda em curso.

Não obstante, destacamos que o poder ubuesco, além de ter sido pouco explorado na perspectiva foucaultiana, pelo menos no ponto de vista dessa pesquisa, constitui-se como um potencial tipo de poder para pensar as relações que envolvem a Educação Ambiental, valendo-se como uma ferramenta analítica naquilo que abarca as problematizações em torno da questão ambiental. Além disso, consideramos relevante que, ao tomarmos conhecimento de sua abrangência, o referido conceito pode ser pensado como oportuno para possibilitar as condições para a Educação Ambiental firmar-se como um espaço de resistência ante aos discursos que envolvem o poder ubuesco, interpelando os sujeitos envolvidos nessa relação a agirem em busca de soluções para a dita crise ambiental.

O poder ubuesco: uma análise a partir da obra *Os Anormais* (1974 - 1975) para repensar a Educação Ambiental

Isabel Cristina Dalmoro⁴⁵
Suelen Assunção Santos⁴⁶

Resumo: O presente artigo integra um estudo de Mestrado que tem como objetivo examinar como o conceito de poder ubuesco pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. O propósito desse texto é apresentar o conceito ainda pouco explorado de poder ubuesco – mencionado nas aulas que integram a obra *Os Anormais* (1974-1975) – mostrando como ele se constitui como ferramenta de análise histórico-política para a pesquisa em andamento. O poder ubuesco faz parte de um discurso que contém a uma só vez três propriedades: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Pelo poder ubuesco ocorre a maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz. Num viés pós-estruturalista e tomando como base o método da Cartografia, o artigo revisita as onze aulas da obra foucaultiana mapeando como o referido conceito foi operado, buscando suas ressonâncias para as categorias de poder pastoral/soberano/disciplinar e para a Educação Ambiental. Na Educação Ambiental, o poder ubuesco se efetua objetivando o fortalecimento de seu regime de verdade, visto a verdade não existir fora do poder.

Palavras-chave: Poder. Ubuesco. Educação. Ambiental. Michel Foucault.

*The ubuesque power: an analysis from the book *Abnormal* (1974 -1975) to rethink the Environmental Education*

Abstract: This article integrates a Masters degree study that aims to examine how the concept of ubuesque power can serve to cast another glance on Environmental Education. The purpose of this text is to present the still few unexplored concept of ubuesque power – mentioned in the classes that integrate the work *Abnormal* (1974-1975) – showing how it is constituted as a tool of historical-political analysis to the search in progress. The ubuesque power integrates a speech that contains, at once, three properties: the power of life and death, the power of truth and the power to make one laugh. By the ubuesque power occurs the maximization of the effects of power from the disqualification of who makes it. In a poststructuralist bias and taking as basis the Cartography method, the article revisits the eleven classes of the foucaultian work mapping how the referred concept was operated, searching its resonances to the power categories pastoral/sovereign/disciplinary and to Environmental Education. In Environmental Education, the ubuesque power is effected aiming the strengthening of its regime of truth, since the truth does not exist outside the power.

Keywords: Power. Ubuesque. Education. Environmental. Michel Foucault.

⁴⁵ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS); Especialista em Educação Ambiental (FURG); Licenciada e Bacharela em Filosofia (UFRGS); Bolsista CAPES. E-mail: isadalmoro.filosofia@gmail.com

⁴⁶ Doutora em Educação (UFRGS); Mestre em Educação (UFRGS); Especialista em Tutoria EAD (UFRGS); Licenciada em Matemática (UFRGS); Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS). E-mail: suelen.santos@ufrgs.com

I Apresentação

O artigo que segue integra um estudo de Mestrado que tem como objetivo examinar como o conceito de poder ubuesco pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. O referido Mestrado está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEC/UFRGS, e pertence à Linha de Pesquisa que investiga como os efeitos dos discursos e das práticas sociais processadas em diferentes instâncias atuam na produção de verdades e de sujeitos, tendo como base a perspectiva pós-estruturalista. O intuito desse artigo é apresentar o conceito de poder ubuesco – mencionado explicitamente nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais* (Collège de France 1974-1975) – e mostrar como esse conceito se constituiu como ferramenta de análise histórico-política para a pesquisa em andamento.

O adjetivo ubuesco deriva da peça de Alfred Jarry (1873-1907), intitulada *Ubu-roi* (1896). A peça *Ubu-roi* (1896) é composta por cinco atos que contam as peripécias de Pai Ubu que, junto com a esposa Mãe Ubu e seus súditos, trama e executa o assassinato do soberano da Polônia, rei Venceslau. Ao assumir o trono por meio deste assassinato, Pai Ubu se proclama Rei Ubu. Logo depois de ter assumido o cargo que não era seu por direito, os mandos e desmandos do Rei Ubu são marcados pela tirania acentuada pelo terror imposto aos seus súditos e pela covardia do personagem. Além disso, por conta das suas falas, Pai Ubu carrega um tipo de humor às avessas, fortemente lembrado pelo tom sarcástico e grosseiro.

Tomando como base o método da Cartografia, pelo qual buscamos acompanhar o processo de produção dos sentidos da categoria do ubuesco, o artigo revisita a obra *Os Anormais* (1974-1975) para uma nova imersão nas onze aulas que a constituem. Adiantamos que as onze aulas foram elaboradas para o estudo acerca das noções que permitiram a formação do conceito de anormalidade, a partir da articulação entre os três elementos que constituíram o grupo dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o onanista [criança masturbadora].

Para tanto, o artigo está dividido em três seções. Na primeira delas revisitamos as onze aulas do Curso de 1974-1975, com o intuito de mapear os sentidos do poder ubuesco apresentadas pelo professor Foucault. Na segunda seção trazemos à tona os elementos ressonantes do referido conceito para as categorias de poder, conforme caracterizadas por Veiga-Neto (2016), quais sejam, poder pastoral, soberano e

disciplinar. Por fim, na terceira seção apresentamos algumas ressonâncias do poder ubuesco sobre questões pertinentes ao campo da Educação Ambiental que possibilitam o fortalecimento de seus regimes de verdade.

2 As onze aulas do curso *Os Anormais* (1974-1975)

[...] não sou um escritor, um filósofo nem uma grande figura da vida intelectual: sou um professor [...] (FOUCAULT, 2017⁴⁷).

Em 08 de janeiro de 1975, o professor Foucault inicia a *primeira aula* do curso com a leitura de três relatórios elaborados por peritos psiquiatras em matéria penal contendo descrições acerca dos réus. Essas descrições são realizadas a partir de hipóteses criadas pelos referidos peritos para justificar os crimes cometidos pelos acusados. Nelas constam termos que apelam para o grosseiro, uma vez que os réus são descritos como “mediócras”, “imorais” ou “cínicos”. Outros exemplos são descrições do tipo: “[...] tanto mais que, morrendo o pai, viu-se sozinho com a mãe, mulher de situação duvidosa [...]” e “[...] a maior característica de seu caráter parece ser uma preguiça cujo tamanho nenhum qualitativo seria capaz de dar ideia” (FOUCAULT, 2010, p. 4-6).

Por conta do uso de expressões como as acima descritas, Foucault (2010, p. 6) chama a atenção para o discurso presente nos relatórios lidos, “[...] porque, afinal de contas, na verdade são raros, numa sociedade como a nossa, os discursos que possuem a uma só vez três propriedades”. As três propriedades que Foucault se refere são: i) o poder de determinar, direta ou indiretamente, a liberdade ou a detenção de um homem (no limite disso, o poder de vida e de morte); ii) o poder de verdade (no caso, qualificado pela instituição judiciária e com estatuto científico) e iii) o poder de fazer rir. Ressaltamos que o poder de fazer rir mencionado é o do riso que suscita a ironia. Isso porque é um riso oriundo de um humor sarcástico, rude. Além disso, os discursos que contêm essas três propriedades, segundo Foucault (*idem*), “merecem um pouco de atenção”. Para mais, são considerados como grotescos. Em suas palavras:

[...] – e quando digo “grotesco” gostaria de empregar a palavra num sentido, se não absolutamente estrito, pelo menos um pouco rígido ou sério. Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco, ou se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto

⁴⁷ Trecho da entrevista concedida na Universidade de Vermont (EUA) em 25 de outubro de 1982 (FOUCAULT, 2017).

injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Ainda, a categoria do ubuesco poderia ser pensada como uma “categoria precisa da análise histórico-política” e integraria a instância da soberania arbitrária desqualificada pelo odioso, pelo infame, pelo ridículo. Nesse sentido:

[...] o terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Desse modo, a categoria do ubuesco é “uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder” (idem), considerada como algo costumeiro no funcionamento político das nossas sociedades, ou ainda, como algo inerente à burocracia aplicada. Em vista disso, Foucault descreve a figura do “Ubu burocrata” como o grotesco administrativo, interpretado pelo funcionário da administração pública que é ao mesmo tempo medíocre, nulo, imbecil ... Também apresenta a figura do “Ubu douto”, incorporado pela instituição judiciária e que fala doutamente. Além disso, chama a atenção para o discurso do perito psiquiatra em matéria penal por conter um dobramento do delito, uma vez que nos relatórios elaborados percebe-se a ocorrência não só do ato criminoso, mas de uma série de comportamentos dos réus que seriam a causa ou o ponto de partida do delito, fazendo com que a punição dada ao réu não seja pelo crime propriamente dito, mas pela “outra coisa que não a infração” (idem, p. 17). Diante disso, Foucault o descreve como o “Ubu psiquiátrico-penal” (idem, p. 14). Contudo, declara:

Não tenho nem força, nem coragem, nem tempo para consagrar meu curso deste ano a esse tema. Mas gostaria pelo menos de retomar o problema do grotesco a propósito dos textos que acabo de ler para vocês (FOUCAULT, 2010, p. 13).

A partir disso, se propõe a estudar “os efeitos de poder que são produzidos, na realidade, por um discurso que é ao mesmo tempo estatutário e desqualificado” (idem) e elenca o que se pode nomear de objetivo do curso iniciado, qual seja: “identificar, analisar a tecnologia de poder que utiliza esses discursos e tenta fazê-los funcionar” (idem, p. 14). Anuncia, então, o que pretende estudar no curso: a emergência do poder de normalização.

No início da *segunda aula* do curso, Foucault relembra os relatórios lidos na aula anterior, e sobre o caráter ubuesco presente nas leituras realizadas, quando os peritos

psiquiatras em matéria penal se valem de expressões que fazem menção ao grotesco.

Leia-se:

Para voltar pela última vez a Ubu (vamos abandoná-lo aqui), se se admitir – como tentei lhes mostrar da última vez – que Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce, se o grotesco político é a anulação do detentor do poder pelo próprio ritual que manifesta esse poder e esse detentor, vocês hão de convir que o perito psiquiatra na verdade não pode deixar de ser a própria personagem Ubu (FOUCAULT, 2010, p. 31).

Isso ocorre porque o discurso do perito psiquiatra em matéria penal se caracteriza como um discurso infantil, que o desqualifica e o ridiculariza como campo científico pelo qual foi convocado. Dado que o relatório elaborado diz respeito a um discurso que provoca o medo e pretende a moralização do indivíduo criminoso. Além do mais, é na costura entre o judiciário e o médico, enunciada pela junção realizada pelo perito psiquiatra, que se constitui a instância do controle do anormal.

Nos momentos iniciais da *terceira aula*, Foucault apresenta uma breve descrição de cada uma das três figuras que integram o domínio da anomalia: o monstro humano, o indivíduo a ser corrigido e a criança masturbadora. Lançando mão do que chamou de genealogia da anomalia humana como método para o curso, apresenta a noção jurídico-biológico de monstro humano compreendido a partir “não apenas da violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (FOUCAULT, 2010, p. 47). Essa figura do monstro humano (apresentada como possuidora de equívocos – uma vez que ao mesmo tempo em que viola a lei, a deixa sem voz – por conta de sua força e capacidade de inquietação) se encontra dentro da problemática da anomalia. Recorda, então, seus ouvintes sobre os relatórios lidos nas duas aulas anteriores:

Digamos numa palavra que o anormal (e isso até o fim do século XIX, talvez XX; lembrem-se dos exames que li para vocês no início) é no fundo um monstro cotidiano, um monstro banalizado (FOUCAULT, 2010, p. 49).

Valendo-se de exemplos como o caso de um natimorto, um caso de irmãos siameses ou ainda casos sobre os hermafroditas, Foucault (2010, p. 57) faz alusão aos diagnósticos médicos acerca desses últimos, em que a justificativa para o fato de serem hermafroditas se encontra na descrição que afirma “[...] só podia possuir dois sexos porque tivera relações com Satanás [...]”. Notamos a presença do grotesco no parecer médico comentado por Foucault. A aula prossegue com o professor apresentando outros casos envolvendo pessoas hermafroditas. Por vezes, menciona os discursos médicos elaborados contendo nas descrições os contextos e as semelhanças acerca

destes casos, ressaltando que neles sobrevém “a atribuição de uma monstruosidade que não é mais jurídico-natural, mas jurídico-moral” (FOUCAULT, 2010, p. 62). Aqui notamos o dobramento do delito, tal como descrito na *segunda aula* do curso.

A *quarta aula* inicia com Foucault (2010, p. 70) discorrendo sobre a monstruosidade apresentando indícios da criminalidade. Recorda que “crime” era considerado como um dano voluntário aos direitos e a vontade do soberano e não somente “uma lesão e um dano aos interesses da sociedade inteira”. Por conseguinte, o crime atingia a força do soberano. Na punição do crime cometido, havia a vingança do soberano, sua revanche e a volta da sua força. Nesse sentido, no castigo imputado ao criminoso deveria haver a “intimidação de todo crime futuro” (idem, p. 71). Essa intimidação acontecia pela manifestação excessiva do terror, dada por uma cerimônia do poder de punir, utilizada como uma estratégia do poder. No que considera como a transformação dos mecanismos do poder, Foucault (2010, p. 73) menciona textos que ressaltam a economia de poder punitivo, em que cabe ao juiz e não mais ao soberano buscar saber, por meio da confissão do criminoso, se o crime havia sido cometido ou não. Por economia de poder punitivo entendemos não somente a economia gerada pelas despesas financeiras, mas a economia que diminui as possibilidades de resistência, de descontentamento, de revolta que o poder monárquico poderia suscitar. Crime, então, passa a ser o que tem uma natureza e o criminoso é, em vista disso, um ser natural caracterizado por sua criminalidade. Nesse sentido, só serão punidos indivíduos após serem julgados como criminosos, porém avaliados, apreciados, medidos em termos de normal e patológico. De acordo com Foucault, essa transformação dos mecanismos do poder assinala a história do surgimento do monstro moral, em que ocorre a patologização do crime. E apresenta o primeiro monstro moral: o monstro político (também nomeado pelo autor como criminoso político). Descreve-o dessa maneira:

O criminoso [político] é aquele que, rompendo o pacto que subscrevera, prefere seu interesse às leis que regem a sociedade de que é membro. [...] o criminoso é sempre, de certo modo, um déspota, que faz valer, como despotismo e em seu nível próprio, seu interesse pessoal. [...] quanto mais despótico for o poder, mais numerosos serão os criminosos (FOUCAULT, 2010, p. 78).

Para mais, Foucault caracteriza o criminoso político como “o indivíduo que impõe sua violência, seus caprichos, sua não razão, como lei geral ou como razão de Estado” (idem, p. 80). A aula termina com o professor comentando sobre a problematização em torno da figura do rei, elencado por ele como o primeiro monstro

moral. Para tanto, cita como exemplo as figuras do rei Luís XVI e de Maria Antonieta. Nessa aula, o poder ubuesco está subtendido na descrição do princípio do terror do poder soberano. Uma vez que em sua formação encontramos a característica de provocar o medo, conforme comentado sobre os relatórios dos peritos psiquiatras em matéria penal (ver *segunda aula*).

A *quinta aula* foi dedicada para falar sobre a passagem que vai da figura do monstro ao anormal. Foucault comenta sobre três crimes que não apresentaram boas razões para serem cometidos e que acabam fundando a psiquiatria criminal. Nisso acontece o encontro entre o poder médico e o poder judiciário para tentar resolver/explicar os crimes sem razão. Ou seja, “[...] o crime sem razão é o embaraço absoluto para o sistema penal. Não se pode, diante de um crime sem razão, exercer o poder de punir” (FOUCAULT, 2010, p. 104). Por outro lado, “[...] o crime sem razão, se se consegue identificá-lo e analisá-lo é a prova de força da psiquiatria, é a prova de seu saber, é a justificativa de seu poder” (idem). Um exemplo pelo qual se pode perceber os dois mecanismos em ação é o caso de Henriette Cornier que após ter cortado a cabeça de uma criança comenta como única explicação para o ato cometido de que “[...] foi uma ideia” (idem, p. 96). Em um dos relatórios mencionados por Foucault sobre o caso Henriette Cornier, em vista da descrição utilizada, encontramos o apelo ao ubuesco: “[...] de fato, Henriette Cornier estava menstruada no momento do crime, e como todo mundo sabe ...” (FOUCAULT, 2010, p. 108).

Na *sexta aula* do curso, Foucault (2010, p. 118), retomando o exemplo do caso Henriette Cornier, afirma que a “psiquiatria descobre o instinto” e o caracteriza como uma “espécie de engrenagem que permite que dois mecanismos de poder engrenem um no outro: o mecanismo penal e o mecanismo psiquiátrico” (idem). Ou seja, o instinto permite reduzir, por meio de termos inteligíveis, o que seria a explicação para um crime sem interesse. Desse modo, acontece gradativamente a inserção da psiquiatria nos mecanismos de poder, em que ela se insinua numa espécie de posição subordinada entre elementos disciplinares, tais como a família, a vizinhança, a casa de correção, uma vez que todos esses elementos passam a ser campo da intervenção médica. Como de costume, Foucault menciona textos contendo descrições de casos que exemplificam o que está sustentando. Novamente o que chama a atenção é o caráter das expressões utilizadas, como o relatório que lê em aula sobre um ex-militante da Comuna de Paris. Eis um trecho:

[...] na realidade a expressão geral e habitual da fisionomia tinha certa dureza, algo de feroz e uma extrema arrogância, as narinas achatadas e largamente abertas exalavam a sensualidade, assim como seus lábios um pouco carnudos e cobertos em parte por uma barba longa e densa, negra com reflexos ruivos. Seu riso era sarcástico, a palavra breve e imperativa, sua mania de aterrorizar levava-o a carregar no timbre da voz para torná-la mais terrivelmente sonora (FOUCAULT, 2010, p. 133).

No final desta leitura, Foucault relembra seus ouvintes que esse relatório chega ao nível dos discursos dos exames psiquiátricos apresentados na primeira aula do curso. Recorda, ainda, que foi esse tipo de descrição, de análise, de desqualificação que a psiquiatria assumiu. Além disso, Foucault (2010, p. 139) descreve a psiquiatria como a ciência e a técnica dos anormais, dos indivíduos anormais e das condutas anormais, pela qual sobrevêm processos de normalização.

A partir da *sétima aula* do curso, Foucault (2010, p. 143) passa a tratar do campo da anomalia atravessado pelo problema da sexualidade. Nesse sentido, afirma que a sexualidade pode ser compreendida como um efeito de um procedimento de poder, uma vez que pode ser assim descrita: “[a sexualidade] não é o que se cala, não é o que se é obrigado a calar, mas é o que se é obrigado a revelar” (FOUCAULT, 2010, p. 144). Acerca desse procedimento de poder, o professor comenta ser “um procedimento perfeitamente codificado, perfeitamente exigente, altamente institucionalizado, da revelação sexual, que era a confissão sacramental” (idem). No que concerne ao *ubuesco*, notamos que essa categoria de poder se mostra nos textos que constavam nos manuais de confissão, distribuídos aos confessores e diretores de consciência [dos seminaristas], com orientações do tipo:

[...] ele precisa também, sem dizer nada, observar seu comportamento, suas roupas, seus gestos, suas atitudes, o som da sua voz, mandar embora é claro, as mulheres que viessem frisadas, maquiadas [e empoadas] (FOUCAULT, 2010, p. 156).

Em vista disso, por meio de uma evolução da confissão, o confessor passa a fazer um interrogatório ao penitente que envolve uma espécie de “cartografia pecaminosa do corpo” (idem, p. 161), em que o corpo passa a ser incriminado. Perguntas do tipo: Você se vestiu de maneira indecente? Sentiu prazer ao vestir-se? Fez “jogos” desonestos? Durante a dança, você fez “movimentos sensuais” ao pegar na mão de uma pessoa, ou vendo posturas ou atitudes afeminadas? Sentiu prazer ao ouvir a voz, o canto, as melodias? Tais exemplos de perguntas assinalam a presença do *ubuesco* na literatura de confissão, como também marcam a passagem em que a masturbação passa a ser “a forma

primeira da sexualidade revelável” (idem, p. 165). Assim, numa espécie de fisiologia moral da carne, a masturbação se torna um problema pedagógico e médico, trazendo a sexualidade para o campo da anomalia, ao mesmo tempo em que ocorre o crescimento do disciplinamento do corpo.

Na *oitava aula* do curso, o tema de estudo consistiu na abordagem de um novo procedimento de exame: desqualificação do corpo como carne e culpabilização do corpo pela carne. O corpo, que é descrito pelo professor como “a sede das intensidades múltiplas de prazer e deleitação” (FOUCAULT, 2010, p. 173), passa a ser apresentado como corpo enfeitado, corpo possuído e corpo em estado de convulsão, por conta de seus desejos. Assim, a partir do exame da convulsão (entendida como um distúrbio carnal), em que ocorre o deslocamento da direção espiritual como possível tratamento anticonvulsivo para o campo da medicina por meio da neuropatologia e para os sistemas disciplinares e educacionais, é que se dá a ligação com o poder ubuesco. Mais uma vez, esse conceito aparece na forma das expressões contidas nos modelos de manuais que Foucault lê em aula, em que há instruções de como o confessor deve proceder ao interrogar o penitente que se percebe a presença do grotesco, por exemplo:

[...] é necessário descobrir na confissão não apenas [todos] os atos consumados, mas também [todos] os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas, principalmente se houver prazer (FOUCAULT, 2010, p. 189).

A *nona aula* do curso inicia com Foucault comentando sobre a evolução do controle da sexualidade no interior dos estabelecimentos da formação escolar cristã, sobretudo a católica. Conforme Foucault (2010, p. 202), isso ocorre pela disposição dos lugares e das coisas (dos dormitórios e da sala de aula: bancos e carteiras), acusando uma designação dos perigos do corpo, em que se busca o controle das “almas, dos corpos e dos desejos”. A partir disso, surgem [meados do século XVIII] textos, livros, prospectos e panfletos numa cruzada que o professor denomina de “literatura antimasturbatória” (idem, p. 204), em que acontece a “culpabilização da criança” numa espécie de patologização da infância. É no contexto da literatura acima mencionada que as descrições relacionadas ao poder ubuesco se apresentam. A primeira descrição para qual Foucault chama a atenção está presente em um texto científico, tal como transcrevemos: “esse rapaz estava no marasmo mais completo, sua vista tinha decaído inteiramente. Ele satisfazia onde quer que estivesse as necessidades da natureza [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 207). Ou ainda em textos em que a masturbação é considerada uma doença e que a responsabilidade do corpo estar doente é do próprio doente, uma

vez que “se você está doente, é porque quis; se seu corpo foi atingido, é porque você o tocou” (idem, p. 210). As orientações médicas sobre como proceder em relação à criança masturbadora são dadas aos pais para que possam conduzir a disciplina do corpo da criança. Dentre elas a de que é preciso ficar atentos “à criança que busca a sombra e a solidão, que fica muito tempo sozinha sem poder dar bons motivos para esse isolamento” (idem, p. 214). Da relação médico-familiar em torno da criança masturbadora resulta uma família medicalizada, como também a relação pais-filhos medicalizados, que acaba funcionando como princípio da normalização, como princípio de correção do anormal.

Chegamos na *décima aula* do curso. Foucault relembra com seus ouvintes o tema da aula anterior:

[...] o corpo da criança, sua valorização e a instauração de um medo em torno desse corpo, bem como a culpabilização e a responsabilização simultâneas dos pais e dos filhos em torno desse mesmo corpo (FOUCAULT, 2010, p. 233).

Com base nisso, surge o tema do incesto considerado como “o ponto de origem de todas as pequenas anomalias” (idem, p. 235). Nos exemplos das campanhas para evitar o incesto é que o poder ubuesco aparece nessa aula, sob a forma de um discurso que provoca o medo (ver *segunda aula*). Seguem dois exemplos: i) “seus filhos, quando se tocam, podem estar certos de que é em vocês que estão pensando”; e ii) “não toquem em seus filhos. Vocês não ganhariam nada com isso e, para dizer a verdade, até perderiam muito” (FOUCAULT, 2010, p. 239). A partir desse momento da aula, Foucault faz uma breve retomada do curso e passa a comentar sobre a teoria da degeneração, passando pelo que era nomeado de aberrações sexuais chegando às “condutas instintivas anormais, aberrantes, suscetíveis de psiquiatrização” (FOUCAULT, 2010, p. 251).

Em *19 de março de 1975*, acontece a *décima primeira e última* aula do curso desse ano. O professor inicia a aula comentando que sobre a criança indócil, ou o indivíduo a ser corrigido, só apresentará o seu perfil deixando “em branco sua genealogia” (FOUCAULT, 2010, p. 255). Desse modo, descreve um caso em que aparece uma figura mista, composta pelo monstro, o masturbador e o inassimilável ao sistema normativo da educação, personificado no caso do jovem Charles Jouy. Um trecho de sua ficha, após passar por exame psiquiátrico, o descreve assim:

[...] é filho natural, sua mãe morreu quando ainda era bem moço. Viveu ao deus-dará, meio à margem da aldeia, pouco escolarizado, meio bebedor, solitário, mal pago [...] (idem, p. 256).

Foucault (idem, p. 259) vale-se do modelo desse caso como referência de um apelo às instâncias de controle (técnicas, médicas, judiciárias) que se apresentam de forma mista para resultar na psiquiatrização e, por conseguinte, na normalização do indivíduo. Nesse sentido, apresenta algumas descrições contidas nos relatórios elaborados sobre Charles Jouy. Eis:

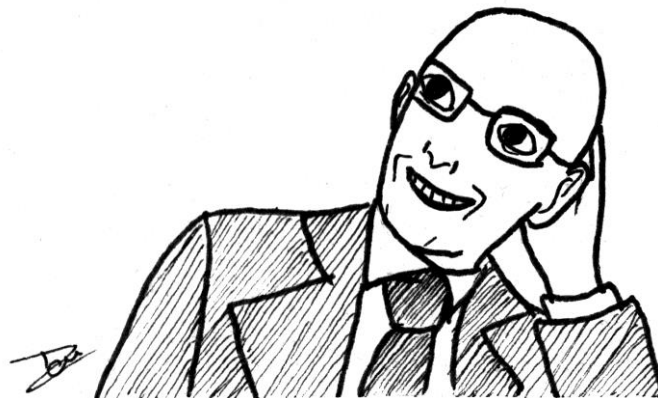
[...] a face não oferece com o crânio a simetria conforme deveríamos encontrar normalmente [...] constata-se assim que a boca é larga demais e que o palato apresenta uma curvatura que é característica da imbecilidade [...] ele não é mau, dizem a propósito de Jouy, ele é até meigo, mas o senso moral está abortado [...] primordialmente acometido de aborto mental, não tem sido submetido a nenhum benefício da educação [...] (FOUCAULT, 2010, p. 260-262).

Por fim, no desfecho dessa última aula, Foucault comenta sobre as descrições apresentadas por ele para exemplificar o aparecimento do personagem do anormal e do domínio das anomalias como objetivo da psiquiatria. Em suas palavras:

E essas famosas descrições ubuescas que ainda hoje encontramos nos exames médico-legais e em que se faz um retrato tão incrível ao mesmo tempo da hereditariedade, da ascendência, da infância, do comportamento do indivíduo, têm um sentido histórico perfeitamente preciso. [...] no fundo eu queria mostrar é que essa literatura, que parece uma literatura ao mesmo tempo trágica e maluca, tem sua genealogia histórica [...] ainda hoje encontramos em atividade esses procedimentos e essas noções (FOUCAULT, 2010, p. 278-279).

O curso termina e, a partir da composição das aulas do professor Foucault, a obra *Os Anormais* (1974-1975) é publicada.

Figura 9: Michel Foucault



Fonte: Débora Cristina Marini (desenhista)

3 As ressonâncias do poder ubuesco para as categorias de poder na obra *Os Anormais* (1974-1975)

Discorrer sobre o poder em Foucault envolve lidar, primeiramente, com as diferentes categorias de poder que se entrelaçam e que operam simultaneamente. Nesse sentido, é para o poder tratado como relações de poder que se voltam os olhares. Em linhas gerais, essas relações de poder são caracterizadas como “modos de ação complexos sobre a ação dos outros” (REVEL, 2011, p. 121). Nas palavras de Foucault:

[...] as relações de poder existem entre um homem e uma mulher, entre aquele que sabe e aquele que não sabe, entre os pais e as crianças na família. Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas, de algum modo. [...] as relações de poder são relações de força, enfrentamentos, portanto sempre reversíveis. Não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável (2015, p. 226-227).

Pelo caráter de reversibilidade das relações de poder, Foucault inventa esse conceito [relações de poder] mostrando que não há opressor nem oprimido, mas que há relações de subjetivação e assujeitamento que se estreitam ou se alargam. As relações de poder, na medida em que sempre podem ser contornáveis, supõem que sejam estabelecidas entre sujeitos livres – excluindo, nesses casos, os casos de dominação que, por vezes, se estabelecem. Desse modo, ao tratar do poder como relação, Foucault o estudou como “um operador capaz de explicar como nos subjetivamos imersos em suas redes” (VEIGA-NETO, 2016, p. 62). Por conta disso, Veiga-Neto (2016) descreve três categorias de poder derivadas da obra foucaultiana, sinalizando como podem ser caracterizadas as relações de poder, quais sejam: o poder pastoral, soberano e disciplinar.

O poder pastoral foi institucionalizado nas práticas cristãs medievais, na qual o poder político era exercido por meio de um conjunto de princípios configurados sob a verticalidade, fazendo alusão ao modo como um pastor conduz suas ovelhas. Ou seja, o poder encontra seu lugar na relação estabelecida entre um pastor e o seu rebanho, do qual o rebanho depende e sem o qual se dispersa. Isso porque a função do pastor consiste em conhecer, orientar e governar cada vida de seu rebanho e, por conta disso, “ele é individualizante e detalhista” (VEIGA-NETO, 2016, p. 68). Contudo, como se trata de relações de força, o pastor também depende do rebanho e por causa dele encontra-se na condição de ter que sacrificar a própria vida.

Segundo Castro (2017, p. 329), a Reforma protestante e a Contrarreforma católica conduziram a “uma reativação profunda das técnicas do poder pastoral”, sendo a confissão a mais expressiva dessas técnicas, uma vez que envolve a “relação obrigatória de si para consigo” (FOUCAULT, 2012, p. 51) e possibilita ao pastor o julgamento e o posterior direcionamento da consciência do indivíduo. Desse modo, mediante a direção da consciência por meio da prática da confissão, o poder pastoral se faz presente na obra *Os Anormais* (1974-1975), uma vez que mostra de que modo “o corpo foi desqualificado e culpabilizado como carne, ou seja, como corpo atravessado pelo desejo libidinoso” (CASTRO, 2017, p. 102). Nesse caso, a confissão é mencionada na obra como um procedimento de poder em que se é obrigado a revelar, principalmente, nas questões que se referem à sexualidade. Como exemplo segue um trecho que integra um dos manuais de confissão lidos em aula em que a técnica do poder pastoral é apresentada como primeiro passo para a cura da masturbação e que contém elementos que remetem ao poder ubuesco:

Os pais devem, portanto, vigiar, espiar, chegar pé ante pé, levantar cobertas, dormir do lado [do filho]; mas, descoberto o mal, têm de fazer o médico intervir imediatamente para curá-lo. Ora, essa cura só será verdadeira e efetiva se o doente aceitá-la e participar. O doente tem de reconhecer seu mal; tem de compreender as consequências dele; tem de aceitar o tratamento. Em suma, tem de confessar (FOUCAULT, 2010, p. 218).

Outra categoria de poder descrita por Veiga-Neto (2016) refere-se ao poder de soberania. Nesse caso, o poder político é exercido na relação do soberano com seus súditos. O soberano, diferente do pastor, não pretende ser salvacionista, nem piedoso nem mesmo individualizante. A relação de poder soberana é efetivada pela violência sobre os corpos dos seus súditos. Para mais, o discurso do rei tem o poder de vida e morte legitimados pelo seu direito de soberano. Isso porque essa categoria de poder diz respeito à visão jurídica do poder, em que o poder é considerado desde o ponto de vista da lei, servindo ao soberano para fins de justificar tanto a posição ocupada como a execução dos castigos aplicados. Isso porque “é a pedido do poder real, em seu proveito e para servir-lhe de instrumento ou justificação que o edifício jurídico das nossas sociedades foi elaborado” (FOUCAULT, 2006, p. 180). Na obra *Os Anormais* (1974-1975) o poder soberano aparece descrito sob forma arbitrária e infame quando Foucault (2010) menciona o poder ubuesco como um procedimento inerente à soberania.

Soma-se a isso a característica intrínseca do ubuesco de provocar o medo, oriundo do princípio do terror do qual se valia o soberano como forma de controlar os

seus súditos. Nesse sentido, refere-se à inevitabilidade do poder que pode “precisamente funcionar com todo o seu rigor e na ponta extrema da racionalidade violenta, mesmo quando está nas mãos de alguém efetivamente desqualificado” (FOUCAULT, 2010, p. 13). Como exemplos para a soberania infame e os soberanos desqualificados a fim de caracterizar o poder ubuesco, Foucault menciona os reis das tragédias shakespearianas, passando por Nero, imperador romano, chegando até ao:

[...] homenzinho de mãos trêmulas que, no fundo de seu *bunker*, coroadado por quarenta milhões de mortos, não pedia mais que duas coisas: que todo o resto fosse destruído acima dele e que lhe trouxessem, até arrebentar, doces de chocolate [...] (FOUCAULT, 2010, p. 13).

De acordo com Veiga-Neto (2016, p. 67), a categoria do poder disciplinar apresenta-se como uma espécie de substituição ao poder pastoral e o poder de soberania, por conta de uma carência de ordem política que essas duas últimas categorias comportavam. Essa substituição, segundo o autor, deve ser pensada em sentido fraco e ser associada com a incorporação, ou talvez, o acoplamento do poder disciplinar nas categorias de poder soberano e pastoral. Para mais, o poder disciplinar, oriundo das operações escolares de individualização, busca a produção de corpos maleáveis e moldáveis, ou a produção de “corpos dóceis” (VEIGA-NETO, 2016, p. 70). Ou seja, o poder disciplinar atua, por meio de técnicas disciplinares, ao nível do corpo e dos saberes resultando em formas particulares de se estar no mundo. Assim, a disciplina do ponto de vista do exercício do poder “tem por objeto os corpos e por objetivo sua normalização” (CASTRO, 2016, p. 110). É em relação a essa normalização dos corpos, por meio das técnicas de localização, de classificação e de intervenção/medicalização do anormal, considerado com um indivíduo a ser corrigido, que o poder disciplinar se mostra na obra *Os Anormais* (1974-1975).

Segundo Castro (2016, p. 188), a obra *Os Anormais* (1974-1975) faz parte do primeiro grupo dos cursos de Foucault no qual o eixo do estudo consistia na história das disciplinas, em que “as sociedades modernas não são apenas sociedades de disciplinarização, mas também de normalização, dos indivíduos e das populações” (idem). Além disso, em Foucault, a ideia de disciplina fica indeterminada se não se insiste no conceito de normalização, uma vez que “as instituições disciplinares (o exército, o hospital, a fábrica, a escola) são, com efeito, instâncias de normalização” (CASTRO, 2016, p. 331). Um exemplo disso pode ser o caso apresentado na última aula do curso, do qual Foucault (2010, p. 255) cita os relatórios elaborados sobre o jovem

Charles Jouy. De acordo com esses relatórios, há um apelo dos aldeões para a internação em hospício de Charles Jouy, incriminado de ter tentado violentar uma menina da aldeia em que vivia. Ainda, como a tal menina teria masturbado Jouy no mato em troca de moedas, tanto a família como os aldeões apelam aos psiquiatras para que também aconteça sua internação dela em uma casa de correção até o período da maioridade. Nesse caso percebemos a ocorrência do recurso às instâncias de controle, passando pela família da menina, pela aldeia [moradores], pelo prefeito da aldeia e pelo médico, em função de disciplinarização para a normalização dos dois indivíduos envolvidos.

Ao comentar sobre o sistema de “disciplina para a normalização” instaurado no século XVIII, Foucault (2010, p. 44) o entende como um poder que não é repressivo, mas produtivo. Ressalta ainda que não se trata de um poder conservador, referindo-se ao poder como algo que é inventivo, “um poder que detém em si os princípios de transformação e de inovação” (idem). Essa característica de ser produtivo envolve pensar o poder como algo vantajoso para governar as próprias condutas, como, também, a conduta dos outros. Nessa perspectiva, o poder é entendido “não como algo ao qual devemos nos opor, mas que devemos compreender para envergar, dobrar, reconduzir”, conforme afirmam Bello e Sperrhake (2016, p. 416). É sobre essa visão positiva dos mecanismos do poder que Foucault pretendeu analisar no curso de 1974-1975 a normalização no domínio da sexualidade, conforme:

Parece-me enfim que o século XVIII instituiu, com as disciplinas e a normalização, um tipo de poder que não é ligado ao desconhecimento, mas que, ao contrário, só pode funcionar graças à formação de um saber, que é para ele tanto um efeito quanto uma condição de exercício. Assim, é a essa concepção positiva dos mecanismos do poder e dos efeitos desse poder que procurarei me referir, analisando de que maneira, do século XVIII até o fim do século XIX, tentou se praticar a normalização no domínio da sexualidade (FOUCAULT, 2010, p. 45).

Ainda sobre a obra *Os Anormais* (1974-1975), Veiga-Neto afirma que Foucault ao analisar a genealogia dos anormais, tecendo por meio da construção discursiva a emergência da noção de anormalidade, mostra que no interior desse processo “se instituiu um conjunto de saberes e um correlato poder de normalização” (VEIGA-NETO, 2016, p. 74). Por conjunto de saberes entendemos os saberes científicos que emergiram com as “novas ciências humanas, como a psiquiatria e a criminologia” (DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 213). Tais ciências, então, tinham como objetivo a expansão da normalização do indivíduo considerado delinquente, funcionando a partir

da anormalidade atribuída a esse indivíduo, o qual deveria ser tratado e, conseqüentemente, reformado.

Por conta disso, Veiga-Neto (2016, p. 74) elenca alguns desdobramentos que ocorreram com a institucionalização desses saberes correspondentes ao poder de normalização que são: a psiquiatria e a psicologia da infância, a formação da família nuclear, bem como a invenção da delinquência. Em relação ao que é considerado norma, Veiga-Neto (idem) sustenta que é ela [a norma] que articula os mecanismos disciplinares que atuam sobre o corpo com os mecanismos regulamentadores que atuam sobre a população. A norma também diz respeito ao elemento que permite a comparação entre os indivíduos, uma vez que ela individualiza ao mesmo tempo que remete ao conjunto de indivíduos. Leia-se:

Nesse processo de individualizar e, ao mesmo tempo, remeter ao conjunto, dão-se as comparações horizontais – entre os elementos individuais – e verticais – entre cada elemento e conjunto. E, ao fazer isso, chama-se de anormal aqueles cuja diferença em relação à maioria se convencionou por excessivo, insuportável. Tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque desvia, tira do rumo, leva à perdição (VEIGA-NETO, 2016, p. 74-75).

Do exposto, podemos aferir que acontece um apelo ao poder ubuesco em cada uma das categorias de poder caracterizadas acima. Esse apelo pode ser percebido por meio dos discursos contendo descrições que se apoiavam na categoria do poder ubuesco buscando nessa “engrenagem inerente ao mecanismo de poder” um fortalecimento de seus efeitos. Além disso, nas aulas do curso que constituiu a obra *Os Anormais* (1974-1975), Foucault (2010) operou com o poder ubuesco buscando nas descrições presentes em escritos diversos um certo tipo de mecanismo que, além de validar a categoria de poder que ora se apresentava [ainda que não fossem nomeadas diretamente], servia para potencializar os seus efeitos. Desse modo, o poder ubuesco pode ser descrito como um mecanismo de poder que diagonaliza as demais categorias, sendo utilizado sempre que se quer maximizar os efeitos de poder.

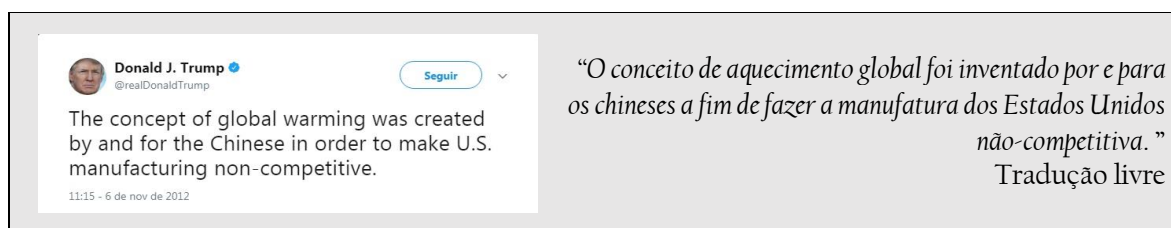
4 As ressonâncias do poder ubuesco sobre a Educação Ambiental

Em função de trazer o poder ubuesco para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental nos valem os exemplos utilizados pelo professor Foucault nas aulas acima mencionadas como impulsionadores dos discursos a serem examinados acerca da referida educação. Assim, buscamos nos discursos que abordam questões

pertinentes ao campo da Educação Ambiental as três propriedades contidas no discurso que abarca o poder ubuesco que possibilitam o fortalecimento de seus regimes de verdade.

Desse modo, buscamos no atual contexto um exemplo no âmbito mundial que mostra como o poder ubuesco pode ser percebido e, por conseguinte, apresentar ressonâncias na temática da Educação Ambiental. Trata-se de pensar a relação que envolve o presidente dos Estados Unidos da América (EUA) e sua posição diante do conceito de aquecimento global. Em seus discursos, Donald Trump ressalta que não acredita que o aquecimento global possa ser resultante das atividades humanas, o que é considerado por ele como uma “mentira inventada pelos chineses”. Conforme afirmou na postagem feita em uma de suas redes sociais (Figura 10):

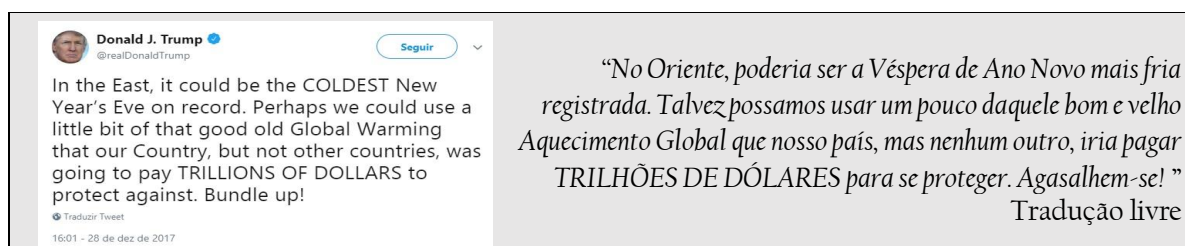
Figura 10: Tuíte de Donald Trump



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

Do modo como entendemos o poder ubuesco, o mencionado presidente reúne em seus discursos as três propriedades características do discurso que abarca o referido conceito. Ou seja, pela posição que ocupa tem o poder de determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo (da vida e da morte), também possui o poder de verdade dado pela instituição que ora representa, bem como possui o poder de fazer rir. Recordamos que o riso no sentido do poder ubuesco é oriundo de um humor sarcástico, irônico. O que pode ser evidenciado pela postagem a seguir (Figura 11):

Figura 11: Tuíte de Donald Trump



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

Igualmente, no que envolve questões ambientais, o que soma para a promoção do encontro entre o poder ubuesco com a Educação Ambiental foi a retirada do país

governado por Donald Trump do Acordo de Paris. As razões indicadas para esse ato e que foram apresentadas por ele em seus discursos possibilitaram a ligação com o poder ubuesco. Duas declarações extraídas da reportagem que tem como título “Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática” (AHRENS, 2017) seguem como exemplos. A primeira delas quando afirmou: “[...] admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, e a segunda quando declarou: “[...] fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]”.

Diante das implicações que tais discursos podem provocar na rede discursiva da Educação Ambiental e por conta dos respectivos efeitos que podem atingir tanto humanos como não-humanos, entendemos que esses discursos merecem atenção.

5 Por ora, algumas considerações

A partir da tarefa realizada pela qual revisitamos as onze aulas que integram a obra *Os Anormais* (1974-1975) é possível inferir que a categoria do poder ubuesco diagonaliza as demais categorias de poder, possibilitando o fortalecimento dos efeitos tanto do poder disciplinar como dos poderes pastoral e soberano. Relembrando que essa categoria é considerada como um mecanismo inerente nas engrenagens do poder.

De resto, o estudo até aqui realizado não esgota as possibilidades de pensar o poder ubuesco na dinâmica que envolve as relações de poder no campo da Educação Ambiental. Da mesma maneira, entendemos que esse conceito se constitui como ferramenta de análise histórico-política para a pesquisa em andamento. Pois, de acordo com o que foi pesquisado até o momento, já podemos afirmar que o referido conceito, compreendido como integrante de um discurso, faz parte da rede discursiva da Educação Ambiental. Nesse sentido, o que se está mapeando é um tipo de poder que constitui a rede discursiva da Educação Ambiental e que cria condições de possibilidade para potencializar o discurso da mencionada educação. Entendemos que esse discurso maximiza a Educação Ambiental por conta de seu caráter ubuesco. Assim, a pesquisa acerca do poder ubuesco e seus efeitos sobre a Educação Ambiental prossegue.

Uma rede discursiva da Educação Ambiental e o poder ubuesco

Isabel Cristina Dalmoro⁴⁸

Suelen Assunção Santos⁴⁹

Resumo: O texto a seguir faz parte do estudo de Mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEC/UFRGS. O estudo está vinculado à Linha de Pesquisa que investiga as implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tendo como base autores que adotam a perspectiva pós-estruturalista. Nesse caso, trata-se de um estudo que tem como objetivo examinar como o conceito de poder ubuesco, mencionado por Michel Foucault na obra *Os Anormais* (1974-1975), pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. O objetivo desse texto é apresentar como o referido conceito pode produzir efeitos na rede discursiva da Educação Ambiental, tomando como base o método da Cartografia. Para tanto, descrevemos alguns elementos que possibilitaram a existência de *uma* rede discursiva para esse tipo de educação. Além disso, discorremos sobre as três propriedades que compõem o discurso que abarca o poder ubuesco que possibilitam pensá-lo como um elemento que perpassa a rede discursiva tecida.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Poder ubuesco. Rede discursiva. Michel Foucault.

A discursive network of Environmental Education and ubuesque power

Abstract: The following text integrates a Masters degree study in the Science Education: Chemistry of Life and Health postgraduation program of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS, Brazil). The study is linked to the research line that investigates the implications of scientific practices in the constitution of the subjects, having as basis authors that adopted the poststructuralist perspective. In this case, this is a study that aims to examine how the concept of ubuesque power, mentioned by Michel Foucault in his work *Abnormal* (1974-1975), can serve to cast another glance on Environmental Education. The objective of this text is to present how the referred concept can produce effects on the discursive network of Environmental Education, taking as basis the Cartography method. For this, some elements are described that enabled the existence of *one* discursive network for this type of education. In addition, we discuss the three properties that make up the discourse that covers the ubuesque power that make it possible to think of it as an element that permeates the woven discursive network.

Keywords: Environmental Education. Ubuesque power. Discursive network. Michel Foucault.

⁴⁸ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS); Especialista em Educação Ambiental (FURG); Licenciada e Bacharela em Filosofia (UFRGS); Bolsista CAPES. E-mail: isadalmoro.filosofia@gmail.com

⁴⁹ Doutora em Educação (UFRGS); Mestre em Educação (UFRGS); Especialista em Tutoria EAD (UFRGS); Licenciada em Matemática (UFRGS); Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS). E-mail: suelen.santos@ufrgs.com

I Apresentação

O texto a seguir faz parte do estudo de Mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEC/UFRGS. O estudo está vinculado à Linha de Pesquisa que investiga as implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tendo como base autores que adotam a perspectiva pós-estruturalista. Nesse caso, trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo examinar como o conceito de poder ubuesco, mencionado por Foucault (2010) nas aulas que integram a obra *Os Anormais* (1974-1975), pode servir para lançar outros olhares sobre a Educação Ambiental. O objetivo desse texto é apresentar como o poder ubuesco pode produzir efeitos na rede discursiva da Educação Ambiental. O método adotado para a pesquisa realizada foi baseado na Cartografia, método pelo qual se buscou mapear os sentidos e os modos de expressão do conceito de poder ubuesco.

Para tanto, na primeira seção tecemos *uma* rede discursiva a partir de elementos que possibilitaram pensar numa rede para a Educação Ambiental. Elementos esses emergidos a partir das provocações da bióloga Rachel Carson (1907-1964), que resultaram na publicação de *Primavera Silenciosa* (1962). Na tarefa de tramar a mencionada rede, puxamos fios oriundos das enunciações proferidas em torno da Educação Ambiental a partir de alguns eventos promovidos para discutir questões pertinentes ao meio ambiente.

Tecida *essa* rede que dá sustento ao estudo do conceito de poder ubuesco, na segunda seção discorreremos sobre as três propriedades do discurso que, conforme Foucault (2010), se vale do poder ubuesco a fim da maximização dos seus efeitos. As três propriedades contidas nesse discurso são: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Adiantamos que o sentido do riso considerado é do riso incomodado, tendo em vista ser oriundo de um humor grotesco, irônico. Segundo o autor, essas três propriedades se mostram numa mesma argumentação e, por conta disso, merecem um pouco de atenção.

A partir *da* rede tecida e do exame das três propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco, na terceira seção do texto buscamos realizar a operacionalização do referido conceito nas tramas tecidas que possibilitaram pensá-lo como um elemento que perpassa a rede discursiva da Educação Ambiental.

2 Tecendo *uma* rede discursiva da Educação Ambiental

[...] a maioria de nós anda pelo mundo sem olhar para ele, sem se dar conta de suas belezas, de suas maravilhas, e da estranha e às vezes terrível intensidade da vida que nos cerca. (Rachel Carson, 1962).

Elixires da morte. Esse é o título de um dos dezessete (17) capítulos da obra *Primavera Silenciosa* (1962) em que a autora, Rachel Carson (1907-1964), apresentou suas inquietações acerca dos inseticidas sintéticos criados pela Ciência que provocaram danos ambientais irreversíveis, da mesma maneira que causaram graves doenças em humanos que tiveram contato com esse tipo de produto⁵⁰, principalmente em cidades dos Estados Unidos da América (EUA). As inquietações de Carson (2010) foram impulsionadas por algumas razões apresentadas pela biógrafa da autora, Linda Lear, dentre as quais destacamos duas: Carson considerava que o equilíbrio da natureza era fundamental para a sobrevivência da espécie humana e, para ela, a natureza seria capaz de oferecer os subsídios necessários para controlar seus próprios elementos, isso por conta de uma “força incansavelmente premente com que a natureza controla a si mesma”, e por meio da “estranha e às vezes terrível intensidade da vida que nos cerca” (CARSON, 2010, p. 211). Cabe dizer que aquilo que Carson tinha como verdade, isto é, que a sobrevivência da espécie humana estava vinculada ao equilíbrio da natureza, distanciava-se do pensamento comum da época do lançamento da obra, época em que se acreditava no controle absoluto do homem sobre a natureza, tamanha a confiança naquilo que Ciência era capaz de realizar.

A segunda verdade de Carson, a saber, de que a natureza teria a força necessária para controlar a si mesma, diz respeito a deixar para a própria natureza encontrar uma solução possível para o controle dos insetos que assediavam as lavouras e as cidades. Nesse sentido, a natureza indicaria o caminho a ser seguido. Em outras palavras, para controlar insetos a natureza se valeria dos predadores naturais desses insetos.

Resumidamente, podemos afirmar que tais verdades levaram a autora a escrever a supracitada obra, bem como dar ao terceiro capítulo desta o título de *Elixires da morte*. Nesse capítulo, Carson (2010) elenca alguns inseticidas sintéticos criados pela Ciência que agiam sobre as pestilências da natureza que poderiam tornar as pessoas vulneráveis

⁵⁰ Algumas das informações sobre o contexto histórico da obra de Rachel Carson foram retiradas do Documentário *American Experience: Rachel Carson* (2017). Direção de Michelle Ferrari. Duração: 1'53". Disponível no aplicativo *Netflix*. Outras, da obra referenciada.

às epidemias transmitidas por mosquitos e outros insetos. Dentre eles, o DDT (sigla de diclorodifeniltricloroetano).

Esse inseticida foi considerado como a grande descoberta da Ciência naquele período, o que pode ser percebido pelo trecho extraído da edição da revista *Times Magazine*⁵¹ publicado em 12 de junho de 1944 (Quadro 1):

Quadro 2: *Times Magazine*

<i>Censorship was lifted last week from one of the great scientific discoveries of World War II. It is an insecticide called DDT. DDT stopped a typhus epidemic in Naples. It promises to wipe out the mosquito and malaria, to liquidate the household fly, cockroach and bedbug, to control some of the most damaging insects that prey on the world's crops. Lieut. Colonel A. L. Ahnfeldt, of the U.S. Surgeon General's office, exclaimed last week: "DDT will be to preventive medicine what Lister's discovery of antiseptics was to surgery."</i>	A censura foi retirada de uma das grandes descobertas científicas da Segunda Guerra Mundial na semana passada. É um inseticida chamado DDT. O DDT parou uma epidemia de tifo em Nápoles. Ele promete acabar com o mosquito e a malária, liquidar a mosca doméstica, barata e percevejo, e controlar alguns dos insetos mais prejudiciais que atacam as culturas do mundo. O Tenente Coronel A. L. Ahnfeldt, do escritório do Surgeon General dos EUA, exclamou na semana passada: "O DDT será para a medicina preventiva o que a descoberta de antissépticos de Lister ⁵² foi para a cirurgia". <p style="text-align: right;">Tradução livre</p>
---	--

Fonte: *Times Magazine* (Arquivo)

Após terem sido descobertas suas propriedades como inseticida, o DDT foi levado para as zonas de confronto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a fim de proteger as tropas norte-americanas das doenças transmitidas por insetos, como a febre tifoide que se disseminava pelos piolhos e que poderia ser fatal⁵³. Nesse período também seu uso se estendeu às ilhas do Pacífico, a fim de combater o mosquito transmissor da malária. Para evitar epidemias, cerca de um milhão de pessoas foram pulverizadas diretamente com o produto. Com o final do conflito, o merecimento da vitória dos países Aliados, dentre eles os EUA, foi atribuído para as invenções da Ciência consideradas como as duas armas modernas: a bomba atômica e a bomba de insetos, o DDT. Para mais, com o final da guerra, o DDT e os inseticidas derivados dele passaram a ser utilizados pelos cidadãos civis norte-americanos para combater os insetos que

⁵¹ Disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,775033,00.html> Acesso em 04/10/18.

⁵² Trata-se da descoberta do uso de ácido carbólico (fenol) como antisséptico para reduzir as infecções pós-operatórias, feita por Joseph Lister em 1865.

⁵³ O DDT foi sintetizado por um químico alemão por volta de 1874, mas suas propriedades como inseticida só foram descobertas pelo suíço Paul Hermann Müller (1899-1965) em 1939. Paul H. Müller recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1948 por causa de sua descoberta.

atacavam as fazendas, como também aconteciam pulverizações em cidades para combater mosquitos, moscas, baratas ...

Carson (2010) descreveu nos dezessete (17) capítulos de *Primavera Silenciosa* (1962), a partir de correspondências⁵⁴, as consequências que a utilização exagerada dos produtos vinha causando em rios e lagos, provocando o aparecimento de tumores (em animais e humanos) e a mortandade de peixes, assim como as implicações n'Os reinos do solo e n'O manto verde da Terra (títulos dos capítulos cinco (5) e seis (6) da obra), contaminando o solo e as árvores, promovendo a extinção de muitas aves, silenciando a primavera. Conforme Edward O. Wilson:

[...] Os cientistas ambientais tinham consciência do problema, mas, em geral, eles se concentravam apenas no estreito setor de sua especialidade pessoal. O feito de Rachel Carson foi sintetizar esse conhecimento em uma única imagem que todos, tanto os cientistas quanto a população em geral, entendiam facilmente. A necessidade de um livro como esse era grande, mesmo no mundo da Ciência (CARSON, 2010, Posfácio, p. 250).

No último capítulo de *Primavera Silenciosa* (1962), após ter discorrido sobre os efeitos do uso exagerado de pesticidas sintéticos na natureza, sob o título de *A outra estrada*, Carson sugere a possibilidade de dois caminhos distintos. Trazidos sob a forma de uma metáfora, os caminhos apresentados consistiam entre a continuação ou não da utilização dos inseticidas sintéticos. Um desses caminhos envolve aquela estrada “enganosamente fácil, [...] pela qual avançamos em grande velocidade, mas em cujo o fim está o desastre” (CARSON, 2010, p. 233). No outro caminho, bem menos percorrido, está a oferta de alcançar-se, talvez, “a preservação da nossa Terra” (idem).

Nesse sentido, ao tomar o conhecimento desses dois caminhos, ao optar por aquele que assegura a preservação da Terra, “não devemos mais aceitar o conselho daqueles que nos dizem que devemos encher o nosso mundo com substâncias químicas venenosas” (CARSON, 2010, p. 233). Desse modo, coube aos leitores de Carson escolher o caminho a seguir. A alternativa proposta, oriunda de suas inquietações, fez com que seus leitores, semeados pela dúvida, começassem a [se] questionar sobre a Ciência, considerada naquele período histórico como a grande detentora da verdade, conforme já mencionado.

⁵⁴ Essas correspondências foram enviadas por habitantes de cidades distintas aos ornitólogos e que autora teve acesso (CARSON, 2010, p. 96-97), bem como de laudos técnicos fornecidos por especialistas como médicos (idem, p. 31) farmacêuticos (idem, p. 37), toxicologistas (idem, p. 62) dentre outros mencionados ao longo do livro.

Num primeiro momento a obra de Carson foi publicada sob a forma de três (3) artigos⁵⁵ na revista *New Yorker* (junho de 1962) tendo sua publicação em livro no mês de setembro do mesmo ano. Ainda antes da publicação em livro, o conteúdo desses artigos que integrariam a *Primavera Silenciosa* (1962) já desencadeava alguns efeitos, ao provocar um debate nacional sobre o uso de pesticidas. São alguns efeitos dessa obra que interessam, no momento, para o estudo em andamento. O primeiro exemplo desses efeitos envolve a manchete que o jornal norte-americano *New York Times*⁵⁶ expôs em julho de 1962, sob a metáfora “Primavera Silenciosa é agora Verão ruidoso” (Figura 12).

Figura 12: Manchete *New York Times*



Fonte: New York Times (Arquivo)

Por conta dos debates impulsionados pela obra supramencionada, que chamaram a atenção também do presidente norte-americano daquele período, John F. Kennedy (1917-1963), iniciaram-se investigações federais e estaduais acerca da validade das alegações de Carson. De acordo com Lear (CARSON, 2010, Introdução, p. 18), seis (6) anos após a morte de Carson – ocorrida em 1964 – o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma Lei de Política Nacional Ambiental, quando foi criada a Agência de Proteção Ambiental (1970). Além disso, a produção doméstica de DDT foi proibida nos

⁵⁵ O primeiro artigo foi publicado em 16/06/1962. O segundo foi publicado em 23/06/1962 e o terceiro em 30/06/1962. Os três artigos encontram-se disponíveis, respectivamente, no site da revista: <https://www.newyorker.com/magazine/1962/06/16/silent-spring-part-1>; <https://www.newyorker.com/magazine/1962/06/23/silent-spring-part-2>; <https://www.newyorker.com/magazine/1962/06/30/silent-spring-part-3> Acesso em 08/10/18.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.nytimes.com/1962/07/22/archives/silent-spring-is-now-noisy-summer-pesticides-industry-up-in-arms.html> Acesso em 08/10/18.

EUA (1972), uma vez comprovados os efeitos danosos à saúde e que poderiam alcançar mais de uma geração de seres humanos. Mas não a sua exportação⁵⁷.

Outro exemplo dos efeitos provocados pela obra *Primavera Silenciosa* (1962) diz respeito ao modo como a Ciência e as indústrias químicas responderam as inquietações de Carson. Respostas essas que tomaram a forma de insultos pessoais contra a autora. Conforme descreve Linda Lear, para alguns Carson havia ultrapassado os limites de seu gênero e da sua própria ciência:

Em 1962, contudo, a indústria química multimilionária não iria permitir que uma antiga redatora do governo [Carson trabalhou no Departamento de Pesca], uma cientista sem doutorado [Carson era Mestre em Zoologia] e nenhuma filiação institucional, conhecida apenas por seus livros⁵⁸ líricos sobre o mar, minasse a confiança pública em seus produtos ou questionasse sua integridade. Estava claro para a indústria que Rachel Carson era uma **mulher histérica** cuja visão alarmista do futuro podia ser ignorada ou, caso necessário, silenciada. Ela era uma “**amante dos passarinhos e coelhinhos**”, uma **mulher que tinha gatos** e, portanto, era obviamente suspeita. Era uma “**solteirona**” romântica, que estava simplesmente nervosa por causa da genética. Em suma, Carson era uma **mulher descontrolada**⁵⁹ (CARSON, 2010, Introdução, p. 17).

Para fins do presente estudo, as respostas às provocações de Carson tanto da Ciência como das indústrias químicas são novamente abordadas no final desse texto.

Na listagem dos efeitos motivados pelo conteúdo de *Primavera Silenciosa* (1962), talvez o mais relevante deles seja o de que a sua publicação impulsionou uma mudança na relação que envolve a espécie humana e o meio ambiente. Relação essa que passou a ser percebida como uma relação de interdependência entre um e outro, se aproximando muito daquilo em que Carson acreditava.

O meio ambiente como questão política. Ainda por conta da repercussão em torno da obra de Carson, envolvendo debates sobre o seu conteúdo, derivou-se uma nova compreensão do conceito de meio ambiente, conceito que passou a configurar-se como um problema político de âmbito global. De modo a atender as demandas dessa nova abordagem, foram promovidos encontros reunindo representantes de vários países com o intuito de discutir diretrizes a serem seguidas numa espécie de pacto global para

⁵⁷ No Brasil, a proibição da fabricação, da importação, da exportação, da manutenção em estoque, da comercialização e do uso de DDT aconteceu vinte e sete anos depois da proibição no país norte-americano, pela Lei nº 11.936, de 14 de maio de 2009. Com a recomendação de incineração dos estoques de produtos contendo DDT no prazo de trinta dias, a partir da publicação da referida Lei.

⁵⁸ Rachel Carson é autora de uma trilogia sobre o mar: *Under the sea Wind* (Sob o mar- vento, 1941), *The sea around us* (O mar que nos cerca, 1951) e *The edge of the sea* (Beira mar, 1955).

⁵⁹ Grifos nossos.

salvar a Terra. Alinhando esses encontros, deu-se o entrelaçamento de enunciações que remetem à emergência do discurso da Educação Ambiental. Não é nossa intenção discorrer sobre todos os encontros e discursos abrangendo enunciações acerca do meio ambiente e da Educação Ambiental. Numa breve linha temporal o que abordamos diz respeito a alguns aspectos político-pedagógicos dos mencionados discursos que são mais significativos para situar o presente estudo.

O primeiro encontro em âmbito mundial para tratar sobre o meio ambiente aconteceu na cidade de Estocolmo, capital da Suécia, no ano de 1972. A Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano foi promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e no seu documento final constam, dentre outras, enunciações proferidas reconhecendo a relação mútua entre a espécie humana e o meio ambiente, aproximando-se com o pensamento de Carson, como expomos no excerto a seguir:

O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida mesma (ONU, 1972, Proclamação 1).

O documento contém ainda enunciações sugerindo a necessidade de uma educação voltada para as questões ambientais assumida como componente das políticas públicas, em vista de um esforço para a preservação e melhoria do meio ambiente, conforme o excerto abaixo:

É indispensável um esforço para a educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiado, para fundamentar as bases de uma opinião pública bem informada, e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades inspirada no sentido de sua responsabilidade sobre a proteção e melhoramento do meio ambiente em toda sua dimensão humana [...] (ONU, 1972, Princípio 19).

Nesse sentido, aconteceu em 1977 na cidade de Tbilisi, Geórgia (ex-URSS), a Primeira Conferência sobre a Educação Ambiental considerada ainda hoje como o marco fundamental deste tipo de educação. Desse encontro, emergiram enunciações em torno da Educação Ambiental, com os objetivos, os princípios básicos e as estratégias que orientam este tipo de educação em âmbito regional, nacional e internacional. Dentre as recomendações presentes na Declaração da Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realçamos um excerto em que há a

sugestão para que a mencionada educação seja pensada pela perspectiva interdisciplinar de modo a colaborar na compreensão dos problemas ambientais:

Para a realização de tais funções, a educação ambiental deveria suscitar uma vinculação mais estreita entre os processos educativos e a realidade, estruturando suas atividades em torno dos problemas concretos que se impõem à comunidade; focar a análise de tais problemas, através de uma perspectiva interdisciplinar e globalizadora, que permita uma compreensão adequada dos problemas ambientais (BRASIL, Declaração de Tbilisi, 1977)

A adoção de uma perspectiva interdisciplinar para o campo de saber da Educação Ambiental também é uma das enunciações em torno da temática presente na Lei 9.795 de 27 de abril de 1999, lei que integra os discursos legisladores⁶⁰ que impulsionaram a referida educação. Essa lei trata da disposição da Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) no Brasil, com a orientação para que esse tipo de educação não seja implantado como uma disciplina curricular. Conforme destacamos nos seguintes excertos:

Artigo 8

§ 3º As ações de estudos, pesquisas e experimentações voltar-se-ão para:

Inciso I - O desenvolvimento de instrumentos e metodologias, visando à incorporação da dimensão ambiental, de forma interdisciplinar, nos diferentes níveis e modalidades de ensino.

[...]

Artigo 10

§1º A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino (BRASIL, 1999, Capítulo II, Seção I).

Segundo Carvalho (2012), esse caráter interdisciplinar sugerido para a Educação Ambiental pode ser relevante porque, desse modo, busca-se a compreensão das questões que afetam as relações entre a espécie humana e o meio ambiente com a interpelação aos envolvidos a intervir nessas questões pelo impulsionamento de diferentes saberes. Além disso:

[...] no campo pedagógico a Educação Ambiental tem-se caracterizado pela crítica a compartimentalização do conhecimento em disciplinas. É, nesse sentido, uma prática educativa impertinente, pois questiona as pertencas disciplinares e os territórios de saber/poder já estabilizados, provocando com isso mudanças

⁶⁰ Dentre esses, a Constituição Federal de 1988, em seu Capítulo VI, Art. 225, §1º, inciso VI, com a seguinte orientação: Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. [§ 1º] Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao poder público: [VI] promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente (BRASIL, 2018, p. 170).

profundas no horizonte das concepções e práticas pedagógicas (CARVALHO, 2012, p. 54-55).

Ainda, acerca do viés interdisciplinar atribuído para a Educação Ambiental em que pese lidar com questões ambientais que encontram lugar junto à temática, Martins (2016) sustenta que:

[...] podemos dizer que independentemente da perspectiva teórica que norteie as ações de Educação Ambiental ela apresenta alguns requisitos centrais, dentre eles: apresentar um olhar interdisciplinar para as questões ambientais. Esse aspecto é um dos poucos considerados quase unânimes pelos integrantes do campo (MARTINS, 2016, p. 22).

De acordo com as alegações acima, entendemos que esse estudo, pelo qual estamos puxando fios dos campos de saber tanto da Filosofia como da Educação Ambiental, talvez possa fazer parte dos estudos que buscam uma melhor compreensão do recorte da realidade apresentado, tachado sob uma crise ambiental.

Para pensar a Educação Ambiental⁶¹ como um saber, Grün (1995, p. 168) afirma que na década de 1960⁶² já existia um conjunto de elementos formados por uma prática discursiva em torno das possíveis relações entre educação e degradação ambiental. Esses elementos consistiam em: 1) a preocupação com a escassez de recursos naturais e com a defesa das condições da produção, 2) o discurso das ciências naturais mensurando a degradação ambiental e 3) os estudos sobre a explosão demográfica realizados pelos neomalthusianos⁶³. Desse modo, dada à combinação desses três elementos, a Educação Ambiental constituiu-se num saber. Para validar sua afirmativa, Grün (1995) dispõe da seguinte análise foucaultiana:

A esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e que são indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar saber (FOUCAULT, 2008, p. 204).

No mais, a dita crise ambiental vigente faz parte da trama discursiva que alega que o planeta está passando por um período de mudança climática. Trama discursiva que leva a pensar sobre quais são as condições de possibilidades de se considerar que

⁶¹ De acordo com Grün (1995, p. 168), a expressão “educação ambiental” foi ouvida oficialmente pela primeira vez na Conferência sobre Educação da Universidade de Keele (Inglaterra), realizada em março de 1965.

⁶² Grün (idem) cita como exemplos desta época e caracterizadas por ele como “campo de relações discursivas” as seguintes publicações de *Silent Spring* (Rachel Carson, 1962), *The Population Boom* (Paul e Anne Ehrlich, 1967), o relatório do Clube de Roma – grupo de empresários preocupados com a degradação ambiental (1968).

⁶³ Em linhas gerais, trata-se da teoria demográfica elaborada por Thomas Malthus (1766-1834) sobre os problemas da superpopulação mundial e a quantidade de alimentos e recursos naturais disponíveis.

estamos sob uma crise ambiental? Uma das causas anunciadas para a mudança climática diz respeito ao aquecimento global. Um dos motivos alegados para esse aquecimento recai sobre as atividades humanas ligadas à modernidade. Principalmente sobre aquelas atividades associadas ao aumento da emissão de gases de efeito estufa que poluem a atmosfera e que podem ser exemplificadas pela queima de combustíveis fósseis, utilizados em automóveis e indústrias, bem como pelas queimadas e desmatamento de florestas. É ainda ligada à modernidade que emerge a Educação Ambiental como um tipo de educação com a tarefa de solucionar problemas ditos ambientais. Leia-se:

[...] a junção da Educação – encarnada nos discursos modernos de esclarecimento de consciências – com a necessidade de pensar os problemas ambientais, faz nascer o campo da Educação Ambiental. Filha da modernidade e herdeira da Educação, ela se consolida na atualidade como solução para os problemas ambientais que vivenciamos. Com discursos de verdade, modos de intervenção para atuarmos no meio ambiente e subjetivações verdes na busca do sonhado equilíbrio ambiental, a Educação Ambiental tenta, desenfreadamente, responder ao que se espera dela (HENNING; SILVA, 2018, p. 154-155).

Ainda que os possíveis efeitos do aquecimento global possam ser percebidos pelos eventos recorrentes caracterizados pelo aumento da temperatura média planetária, assinalada por longos períodos de estiagem ou de tempestades com furacões de intensidade elevada, a alegação dessa relação com as atividades humanas não é consenso na Ciência. Segundo o relatório elaborado por Benstead et al. (2016), noventa e sete por cento (97%) dos artigos científicos produzidos sobre a mudança climática consideram que as atividades humanas têm relação com o aquecimento global e três por cento (3%) dos cientistas resistem à ideia de que as atividades relacionadas à espécie humana alteraram o clima do planeta.

Outro ponto a ser realçado para fins desse estudo é o de que a discussão sobre o aquecimento global, e a sua possível redução, se mostra como mote de um dos mais recentes eventos dentre aqueles mencionados com o intuito de discutir um pacto para salvar a Terra. Trata-se do Acordo de Paris, assinado na 21ª Conferência das Partes (COP 21) promovido pela Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) no ano de 2015, no qual cento e noventa e cinco países (195) assumiram o compromisso de promover ações a fim de reduzir as ameaças da mudança climática. Ações essas que devem ser voltadas para limitar a elevação da temperatura do planeta abaixo dos dois graus Celsius em relação aos níveis pré-industriais.

De acordo com estudo recente, ainda que a meta pretendida seja alcançada, futuramente o mundo ainda estará suscetível de ver aumento nos eventos ocasionados pelo aquecimento global, em comparação com o que ocorre nos dias atuais (DIFFENBAUGH; SINGH; MANKIN, 2018). Por isso, as alegações da necessidade de cumprir o Acordo assinado.

Das enunciações proferidas no Acordo de Paris (2015) há um incitamento às Partes (modo como são chamados os países que assinaram o Acordo) para que promovam a educação para a mudança climática, conforme o excerto a seguir:

Artigo 12. As Partes devem cooperar para tomar medidas, conforme apropriado, para ampliar a educação, a formação, a sensibilização do público, a participação do público e o acesso do público a informação sobre as mudanças climáticas, reconhecendo a importância dessas etapas para ampliar as ações previstas no presente Acordo (ONU, 2015).

Desse modo, entendemos que temas como aquecimento global, mudança climática e crise ambiental são importantes para a Educação Ambiental, constituindo-se como integrantes dos discursos que envolvem estratégias pedagógicas⁶⁴ da dita educação. Não que os temas, de maneira geral, já não fizessem parte das abordagens da Educação Ambiental. O que expomos aqui é o reconhecimento mundial mais recente, por meio de um documento assinado pelos representantes dos cento e noventa e cinco (195) países da necessária interpelação da temática pelo viés da educação.

Em vista desse estudo, os temas do aquecimento global, da mudança climática e o Acordo de Paris são novamente abordados na última seção desse texto.

Sobre pesquisas e desafios da Educação Ambiental. No percurso dos quarenta e um (41) anos do campo do saber da Educação Ambiental, desde Tbilisi (1977) até o presente momento, a preocupação com as questões ambientais e as estratégias para a sua abordagem, ora com práticas pedagógicas ligadas a uma disciplina específica, ora com práticas que buscam seguir a orientação de práticas interdisciplinares, ora ainda no âmbito da abordagem não-formal (externo aos espaços escolares) possibilitou a elaboração de uma espécie de lista de denominações para a dita educação. No artigo “Uma cartografia das correntes em educação ambiental”, Sauv  (2005) apresenta quinze (15) maneiras de conceber e praticar a Educação Ambiental para o que se vale da

⁶⁴ Segundo Guimarães (2010, p. 19), as estratégias pedagógicas dos educadores/as ambientais envolvem a busca de narrativas que possam estar atentas à preservação da biodiversidade (à possibilidade de expressão das vidas não humanas nos territórios), à justiça socioambiental (ao acesso justo e equitativo aos recursos socioambientais regionais e planetários) e às sociabilidades humanas (aos encontros e convívios conflituos – sem a perspectiva do aniquilamento – entre culturas). Porém, segundo o autor, é preciso reconhecer que essas são narrativas muitas vezes naturalizadas na cultura e produzidas através da Educação Ambiental que praticamos. Mais sobre essa discussão encontra-se no artigo referenciado.

expressão “correntes em Educação Ambiental” (idem, p. 17). Cada uma dessas correntes possui uma abordagem diferente, com discursos e proposições diversas. Contudo, a autora salienta que algumas proposições podem corresponder a mais de uma das correntes, dependendo do ponto de vista analisado.

Para fins desse estudo, trazemos, em linhas gerais, alguns elementos que caracterizam a corrente denominada de Crítica Social⁶⁵, de acordo com caracterização de Sauv  (2005). Essa escolha se justifica porque, segundo Silva⁶⁶ (2018, p. 43), a Educa o Ambiental da Cr tica Social, ou a Educa o Ambiental cr tica, consta como a corrente mais abordada dentre os trabalhos mapeados recentemente num estudo realizado.

Inspirada no campo da teoria cr tica, essa corrente tem postura necessariamente pol tica. Isso porque a partir de sua pesquisa emergem projetos de a o sob uma perspectiva emancipat ria, em que se promove a “liberta o das aliena es” (SAUV , 2005, p. 30) e pela qual se busca a desconstru o das realidades socioambientais, desconstru o essa impulsionada pela a o pol tica do indiv duo. Nesse sentido, a Educa o Ambiental cr tica⁶⁷   considerada como aquela que tem capacidade de promover o acesso aos conhecimentos que “possibilitam o questionamento das estruturas sociais vigentes, permitindo a emancipa o do sujeito e levando-o a pensar e agir coletivamente” (DALMORO; CAPORLINGUA; MOURA, 2018, p. 202).

Para tentar dar conta da transforma o a ela atribu da, ao analisar as din micas sociais baseadas em realidades que apresentam problem ticas ambientais, a Educa o Ambiental cr tica toma como ferramentas as inten es, as posi es, os argumentos e a es dos diferentes protagonistas de uma situa o. Para tanto, segundo Sauv  (2005), ocorre a busca respostas para perguntas do tipo: existe coer ncia entre os fundamentos anunciados e os projetos empreendidos? H  ruptura entre a palavra e a a o? Como a rela o com o ambiente se submete ao jogo dos valores dominantes? Em particular, as rela es de poder s o identificadas e denunciadas: quem decide o qu ? Para quem? Por

⁶⁵ Sauv  (2015) classifica as correntes da Educa o Ambiental entre as mais antigas e as mais recentes. Dentre as mais antigas, lista as seguintes correntes: naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sist mica, cient fica, humanista e moral/ tica. Na listagem das mais recentes, descreve as seguintes correntes: hol stica, biorregionalista, pr tica, cr tica, feminista, etnogr fica, ecoduca o e sustentabilidade.

⁶⁶ Os dados do estudo realizado por Silva (2018) constam na Disserta o de Mestrado Acad mico que teve como material emp rico pesquisado os trabalhos envolvendo a Educa o Ambiental aceitos no Grupo de Trabalho (GT 22) das Reuni es Cient ficas da Associa o Nacional de P s-Gradua o e Pesquisa em Educa o (ANPEd).

⁶⁷ Para al m disso, h  autores que abordam especificamente a Educa o Ambiental pela perspectiva cr tica, dentre os quais referencio: Loureiro (2012); Loureiro; Layrargues; Castro (2009; 2011); Reigota (2006) e Guimar es (2004).

quê? Qual a relação entre o saber e o poder? [...] (idem). As respostas para tais perguntas configuram-se como uma oferta de subsídios para os seus participantes, oferta essa que possibilita a dita transformação da realidade em que estão inseridos, conforme anteriormente mencionado.

No fluxo das pesquisas acerca da Educação Ambiental, Silva e Henning (2018) apresentam um mapeamento⁶⁸ realizado em teses, dissertações e artigos científicos – totalizando o número de noventa e seis (96) trabalhos examinados – que se ocupam com bases epistemológicas, metodológicas e discursivas que compõem a dita educação. Para esse mapeamento, as autoras se valeram das ferramentas conceituais pertinentes à perspectiva filosófica foucaultiana. Por conta da vertente teórica adotada para o estudo, a pesquisa de Silva e Henning (2018) encontra-se na perspectiva pós-crítica da Educação Ambiental. Perspectiva essa que vai além das correntes da Educação Ambiental relacionadas por Sauv  (2005), caracterizando-se, talvez, como uma nova possibilidade de pensar esse tipo de educa o. Possibilidade que se configura como mais um dos desafios para a Educa o Ambiental. Desafio que talvez possa ser assim caracterizado:

A Educa o Ambiental, nesta perspectiva [p s-cr tica], busca envolver-se com pr ticas que construam rela es de cultivo do pensamento, de si e dos outros. Nisso, pensamento e pr tica, saber e poder, problematiza o e filosofia caminham juntos. A nega o da disciplinariza o dos saberes e corpos na educa o n o coaduna com os movimentos de resist ncia no contexto educacional,   preciso reconhec -las para que seja poss vel pensar outras formas de constituir-se sujeito (SILVA, 2018, p. 112).

Na correnteza dos desafios, configura-se como mais um deles pensar a Educa o Ambiental p s-cr tica tendo como referencial te rico o pensamento foucaultiano. Desafio esse que encontra justifica o pela abordagem adotada pelo pr prio autor para os seus estudos realizados. De acordo com Silva e Garr  (2018):

De uma produ o de 154 trabalhos⁶⁹ publicados no GT 22 da ANPEd, apenas oito se utilizam teoricamente e metodologicamente da perspectiva foucaultiana. Isso mostra que h  poucos estudos que articulam o campo de saber da EA [Educa o Ambiental] e Michel Foucault. Isso n o se apresenta como uma surpresa, afinal, refere-se de

⁶⁸ De acordo com as autoras, o recorte temporal do estudo realizado consistiu entre os anos 2008 e 2015. O mapeamento foi realizado nos portais de busca acad mica: *Scielo*, Portais de Peri dicos da CAPES, Revista Eletr nica do Mestrado em Educa o Ambiental, Revista de Pesquisa em Educa o Ambiental e Revista Brasileira de Educa o Ambiental (SILVA; HENNING, 2018, p. 980).

⁶⁹ O mapeamento realizado tomou como recorte temporal os anos de 2003 (ano da cria o do GT 22) at  o ano de 2015 das Reuni es Cient ficas da Associa o Nacional de P s-Gradua o e Pesquisa em Educa o (ANPEd).

um autor que cria problemas em um campo que emerge buscando soluções para um problema, o ambiental (idem, p. 67).

A possibilidade de pensar esse novo campo para a Educação Ambiental encontra apoio na proposta desse estudo, pelo qual estamos buscando um outro olhar para esse tipo de educação imersas no pensamento foucaultiano. Possibilidade que nos leva a repetir a seguinte declaração:

A Educação Ambiental fortalece-se na produtividade das diferenças, as concepções teóricas não se excluem, analisam seu objeto por pontos distintos que possibilitam tensionamentos, abertura a novas experiências e a multiplicidade de pensamento, o que só tem a contribuir para esse campo (SILVA, 2018, p. 114).

Além disso, sobre as pesquisas que se valem do campo de saber da Filosofia, no mapeamento realizado por Silva e Henning (2018) é possível destacar que:

[...] A filosofia na Educação Ambiental, nos trabalhos encontrados, é discutida a partir de bases que fundamentam teoricamente as pesquisas científicas. A filosofia no campo está, assim, atravessada pelo modo com que as filiações teóricas são assumidas: crítica (13), pós-crítica (4) e fenomenológica (3) (idem, p. 985).

Das pesquisas mapeadas, Silva e Henning (2018, p. 983) encontraram setenta (70) estudos relacionados com a teoria crítica da Educação Ambiental. Naquilo que envolve as duas teorias, crítica e pós-crítica, as autoras apontam alguns tensionamentos, quais sejam: 1) a posição do sujeito, tomada na pós-crítica como uma produção histórica, atravessada por processos de objetivação e subjetivação, 2) a ideia, da teoria crítica, de que é preciso formar sujeitos críticos e emancipados nem sempre esteve presente, e 3) na teoria pós-crítica, o sujeito não é visto como autor do seu próprio ser, capaz de emancipar-se das relações de poder, e sim, ele é histórico e produto das relações de poder (SILVA; HENNING, 2018, p. 988-989). Acerca da possibilidade de atravessamentos desses dois modos de pensar a Educação Ambiental, de maneira que essa educação possa sair fortalecida, consideramos relevante dar eco à alegação:

A riqueza do campo está justamente aí, de não se fechar no sentido de pensar uma teoria única, mas colocá-las em diálogos. Esses atravessamentos produzem novos atravessamentos e as fronteiras entre uma tradição que se afirma como crítica e uma outra tradição que alguns afirmam como pós-crítica são formadas pelos usos que uns fazem dos outros. Na convivência do debate, novas possibilidades podem ser criadas, experimentadas, tensionadas. O conhecimento e a produção só têm a ganhar (GALLO, 2017 *apud* SILVA, 2018, p. 114).

Assim, pensando no conjunto variado de pesquisas realizadas em torno da Educação Ambiental que adotaram o referencial filosófico foucaultiano para embasar

seus respectivos estudos, trazemos alguns exemplos⁷⁰ daquelas que tratam sobre o discurso. Discursos relacionados às questões ambientais e as suas implicações sobre a constituição dos sujeitos. Nessa perspectiva encontramos pesquisas que buscam analisar os efeitos dos discursos midiáticos sobre a Educação Ambiental. Conforme Henning, Garré e Henning (2010, 249), o exame desse tipo de discurso pode servir para pensar sobre a influência da mídia – entendida como um mecanismo de poder – em nossos pensamentos e em práticas cotidianas acerca da nossa relação com o planeta. Esse mecanismo de poder presente na sociedade busca capturar e interpelar os sujeitos a tomar ações para preservação da Terra. Contudo, salientam que há problematizações que podem ser feitas e questionam: “Qual força e produtividade tem os discursos midiáticos que nos conduzem a ações diante do cenário contemporâneo?” (HENNING; GARRÉ; HENNING, 2010, p. 250-251).

Outro estudo, ainda em andamento, envolve a análise sobre a proliferação dos chamados “discursos verdes” no qual as autoras, Marques e Henning (2017), buscam problematizar a reprodução e a pulverização desse tipo de discurso, considerados frequentemente como prontos e reducionistas. Tipo de discurso que, segundo as autoras – valendo-se de citação foucaultiana – a sociedade acolhe e faz funcionar como verdadeiros. Nesse sentido, sustentam que “nesses regimes e políticas de verdade, presencia-se uma construção de subjetividade ‘verde’ ensinando a adotar determinados comportamentos [...]” (MARQUES; HENNING, 2017, p. 426).

Acerca dessa subjetividade “verde” cabe trazer parte dos estudos realizados por Sampaio e Guimarães (2012), no qual os autores discorrem sobre o dispositivo⁷¹ da sustentabilidade que atua, numa espécie de linhas de forças, de forma ativa na fabricação dos sujeitos. No caso, na fabricação de sujeitos “verdes”. Em linhas gerais, nesses estudos, a sustentabilidade é entendida como um dispositivo que:

[...] demanda a produção de um tipo de sujeito disposto a mudar seus hábitos de vida, além de ser sensível aos apelos ligados à promoção da sustentabilidade, pois ser ‘verde’, hoje, é estar *ligado*⁷² ao seu tempo [...]
(SAMPAIO; GUIMARÃES, 2012, p. 402).

⁷⁰ Trata-se, nesse caso, de exemplos de estudos realizados por vozes femininas (com a exceção do trabalho de Sampaio (2012) em que há a participação de Guimarães. Os estudos aconteceram, ou acontecem, tanto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como na Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

⁷¹ A noção de dispositivo adotada pelos autores é aquela apresentada por Foucault que, resumidamente, diz respeito ao “[...] conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2006, p. 244). Assim como se constitui a partir de uma rede entre “o dito e o não dito” (idem).

⁷² Grifo dos autores.

Outro estudo envolvendo discursos, a temática ambiental e a constituição de sujeitos consumidores ditos “sustentáveis” foi desenvolvido por Martins (2016), no qual a autora fez uma análise dos discursos sobre a “natureza” postos em circulação. Discursos que, segundo a autora, funcionam como um importante diferencial para a venda de produtos por parte da publicidade. Nesse sentido, sustenta que:

Este nicho midiático “sustentável” atrelado à Indústria de produtos “sustentáveis”, visa interpelar e atingir sujeitos consumidores socioambientalmente “corretos”, que têm interesse em adquirir estes tipos específicos de produtos ou que passarão a ter curiosidade em conhecer estas mercadorias diferenciadas, a partir dos apelos publicitários – sons, cores, imagens, movimentos, *slogans*, discursos, enunciados –, que vendem uma ideia de “natureza” estética, ética e moralmente benéfica, que deve ser preservada e buscada ao ser consumida (MARTINS, 2016, p. 44).

Prosseguindo no campo das pesquisas e desafios para esse tipo de educação, tomada muitas vezes como aquela que salvará a Terra, entendemos que trazer o pensamento filosófico para atuar junto da Educação Ambiental se mostra como uma alternativa, visto que “os filósofos podem nos ajudar a pensar saídas para os nossos problemas contemporâneos”, de acordo com Henning (2018). Leia-se:

[...] Quizás ese sea nuestro desafío: rechazar la EA [Educação Ambiental] como una solución para los problemas ambientales, conduciendo nuestros modos de vida, definiendo nuestras subjetivaciones. Podemos ser capaces de inventar y crear otras formas de vida, otros modos de existir y convivir en tiempos de crisis ambientales. Es de esa percepción de otros modos de crear la EA que estamos carentes, es de ese deseo de pensar fuera de lo mismo que podemos ver la potencia de una EA que nos enseñe a vivir el hoy y los modos de relacionarnos con el ambiente. Se abre así, un campo de posibilidades para la educación ambiental, pues lejos de establecer “recetas” provocará un juego reflexivo constante, en el que accionamos el campo filosófico (HENNING, 2018, p. 352).

Diante do exposto, e dentro das possibilidades para as pesquisas mencionadas, uma vez que se está examinando um discurso que envolve o poder ubuesco presente na obra de Foucault, autor vinculado à vertente pós-estruturalista e as ressonâncias desse discurso na rede discursiva da Educação Ambiental, entendemos que o presente estudo se amarra a esse modo de olhar para a dita educação.

Na abordagem pós-estruturalista, em linhas gerais, há a ocupação com o discurso e os seus efeitos sobre os sujeitos, assim como com o conceito de poder (tema que destacamos mais adiante). Outro ponto que caracteriza a perspectiva pós-estruturalista, baseada no pensamento foucaultiano, é o que entende o saber como algo

que não é externo ao poder. Desse modo, tomando o campo da Educação Ambiental como um saber, conforme apresentado anteriormente, o presente estudo mapeia como o poder ubuesco atua no saber dito ambiental, uma vez que “não existe saber que não seja a expressão de uma vontade de poder. Ao mesmo tempo, não existe poder que não se utilize do saber [...]” (SILVA, 2010, p. 120). Por conta disso, e para atender o lugar de fala, como nomeação utilizamos a expressão pós-estruturalista para nos referirmos ao presente estudo.

Uma rede discursiva da Educação Ambiental. Uma porque entendemos que outras redes poderão ser formadas a partir de diferentes perspectivas. Isso posto, pensamos rede discursiva a partir da perspectiva foucaultiana de discurso, qual seja, “[...] discursos como práticas que formam sistematicamente os objetos dos quais falam” (FOUCAULT, 2008, p. 55). De acordo com Pinheiro (2014, p. 41), para Foucault a ideia de discurso passa pela rejeição do referido conceito como uma expressão de fala do sujeito produtor de significados. Nesse sentido, quando há a menção de discurso, em Foucault, é pela referência das práticas dos sujeitos que “estabelecem hierarquias, distinções, que configuram as possibilidades de outros discursos serem considerados verdades, articulando o visível e o dizível” (PINHEIRO, 2014, p. 41), que discurso deve ser compreendido. Desse modo, ao considerarmos os múltiplos elementos formados de maneira regular em torno do meio ambiente e a educação para a sua proteção, emergidos a partir das provocações impulsionadas pela obra *Primavera Silenciosa* (1962), tecemos *uma* rede discursiva da Educação Ambiental.

Ainda, aproveitando que “a produção de um discurso nada mais é que uma fabricação”, conforme apresentado por Henning, Garré e Henning (2010, p. 245) e que “inventamos o objeto no mesmo instante que começamos a descrevê-lo” (idem), compreendemos a derivação de uma trama discursiva que produziu a Educação Ambiental pelo entrelaçamento dos discursos apresentados ao longo dessa seção. Trama essa que se tornou possível porque puxamos alguns fios. Fios que tornaram possível a existência da Educação Ambiental e que podem ser assim descritos: enunciações oriundas dos encontros e conferências internacionais acerca do meio ambiente, orientações legais que integram os discursos legisladores da Educação Ambiental, algumas das estratégias pedagógicas que a compõem, correntes teóricas listadas, assim como as pesquisas e os desafios para esse tipo de educação. É na articulação desses elementos caracterizados como prática discursiva, tecendo algumas amarras em torno da temática, que pensamos *uma* rede discursiva da Educação Ambiental. Rede essa que

tem como função sustentar o estudo de um discurso que, tal como descreveu Foucault (2010), envolve uma força, que faz dizer e faz ver, que interdita ou libera – assim como qualquer poder. Força essa que promove a desqualificação de quem produz o discurso que dela se vale, maximizando os efeitos desse discurso. Efeitos esses que podem ter ressonâncias sobre essa mesma rede. Trata-se do poder ubuesco.

3 O poder ubuesco

Isso nos leva ao problema do que entendo por poder. Quase não emprego a palavra poder, e se algumas vezes o faço é sempre para resumir a expressão que sempre utilizo: as relações de poder. [...] quero dizer, a relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro. São, portanto, relações que se podem encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas [...].
(Michel Foucault, 1984).

Relações de poder. Ao perguntar se realmente precisamos de uma teoria de poder, Foucault (2014, p. 119) descreveu uma nova abordagem para esse conceito [poder]. É sobre como opera nas práticas sociais e nas experiências do cotidiano que o filósofo estudou o poder. Ou seja, o poder é pensado sobre seu funcionamento na forma de relações, pelo qual o seu exercício é “um modo de ação de alguns sobre alguns outros” (FOUCAULT, 2014, p. 132). Nos movimentos das relações de poder, há a articulação de dois elementos indispensáveis, a saber:

[...] que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja bem reconhecido e mantido até o fim como sujeito de ação: e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis (FOUCAULT, 2014, p. 132-133).

Nesse sentido, as relações de poder são relações de força, que se entrelaçam e operam simultaneamente. Dito de outro modo, não há opressor nem oprimido, o que há são relações de subjetivação e assujeitamento que se estreitam ou se alargam. Pressupõem-se, assim, que essas relações de poder sejam estabelecidas entre sujeitos livres, na medida em que sempre podem ser contornadas, isto é, “são móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas” (FOUCAULT, 2017, p. 270) – exclui-se, nesses casos, os casos de estado de dominação que, por vezes, se estabelecem.

Uma vez que as relações de poder são reversíveis, constituintes das relações humanas e das práticas sociais, elas podem ser descritas assim:

[...] não são alguma coisa má em si mesmas, das quais seria necessário se libertar; acredito que não pode haver sociedade sem relações de poder, se elas forem entendidas como estratégias através das quais os indivíduos tentam conduzir, determinar a conduta do outro (FOUCAULT, 2017, p. 277).

Além disso, de acordo com Sartori e Duarte (2017, p. 60), as relações de poder que perpassam a sociedade são permeadas e constituídas por discursos que também são considerados como estratégias de poder: “o poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico das relações de poder” (FOUCAULT, 2009 *apud* SARTORI; DUARTE, 2017, p. 60). É sobre um discurso que opera nas relações de poder que o presente estudo volta agora o olhar. Um discurso que se vale daquilo que Foucault (2010) caracterizou como poder *ubuesco*.

Poder ubuesco. O poder *ubuesco* foi mencionado nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais* (Collège de France, 1974-1975). Nessas aulas, Foucault estudou a formação do conceito de anormalidade a partir da articulação entre os três elementos que faziam parte do grupo dos “anormais”, quais sejam: o monstro, o indisciplinado e o onanista [criança masturbadora]. O exame foi realizado sobre os discursos da instituição judiciária. Para tanto, o contexto, ou pano de fundo, dessas aulas compreendeu a leitura de relatórios elaborados por peritos psiquiatras em matéria penal que, em linhas gerais, apresentavam descrições grotescas sobre os indivíduos envolvidos em situações que houve apelo a uma intervenção judicial.

Inicialmente, Foucault chamou a atenção para o conteúdo de dois relatórios lidos na primeira aula do curso que remetem a um discurso que possui a uma só vez três propriedades, quais sejam:

[...] porque, afinal de contas, na verdade são raros, numa sociedade como a nossa, os discursos que possuem a uma só vez três propriedades. A primeira é poder determinar, direta ou indiretamente, uma decisão de justiça que diz respeito, no fim das contas, à liberdade ou à detenção de um homem. No limite (e veremos alguns desses casos), à vida ou à morte. Portanto, são discursos que têm, no limite, um poder de vida e de morte. Segunda propriedade: de onde lhes vem esse poder? Da instituição judiciária, talvez, mas eles o detêm também do fato de que funcionam na instituição judiciária como discursos de verdade, discursos de verdade porque discursos com estatuto científico, ou como discursos formulados, e formulados exclusivamente por pessoas qualificadas no interior de uma instituição científica. **Discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos – vocês são prova e testemunha disso – que fazem rir**⁷³. E os discursos de verdade que fazem rir e que têm o poder institucional de

⁷³ Grifos nossos.

matar são, no fim das contas, numa sociedade como a nossa, discursos que merecem atenção (FOUCAULT, 2010, p. 6-7).

“Vocês são prova e testemunha disso”, o comentário de Foucault exposto no excerto acima foi em alusão aos risos frequentes que acompanharam a leitura dos relatórios realizada por ele⁷⁴. Risos esses provocados pelas descrições grotescas presentes nos supramencionados relatórios. Descrições como as que Foucault leu de um dos relatórios que envolvia chantagem num caso sexual, do qual apresentamos algumas passagens:

Um, digamos X, “intelectualmente, sem ser brilhante, não é estúpido; encadeia bem as ideias e tem boa memória. Moralmente, é homossexual desde os doze ou treze anos, e esse vício, no começo, teria sido uma compensação pelas zombarias de que era vítima quando, criança, criado pela assistência pública [...] X é totalmente imoral, cínico, falastrão até. [...] esse Y, sucessiva ou simultaneamente amante masculino ou feminino, não se sabe, de X. causa desprezo e náusea. [...] Só vendo o ar afeminado de um e de outro para compreender que tal palavra pode ser empregada quando se trata de dois homens tão afeminados que não é mais em Sodoma, mas em Gomorra que deveriam viver [...] (FOUCAULT, 2010, p. 6).

A partir dessas caracterizações, que remetem ao grosseiro e que suscitam, ao mesmo tempo, ironia e crítica, é que Foucault começou a tratar do conceito de poder ubuesco. A crítica foucaultiana recaiu sobre um discurso em que os saberes judiciário e científico se encontraram, adquirindo o estatuto de um discurso verdadeiro, discurso que era capaz de matar e fazer rir. Em suas palavras:

[...] e quando digo “grotesco” gostaria de empregar a palavra num sentido, se não absolutamente estrito, pelo menos um pouco rígido ou sério. Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido. [...] (FOUCAULT, 2010, p. 11)

No seguimento sobre o discurso que envolve o poder ubuesco, Foucault (2010) o caracterizou como uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria parte inerente aos mecanismos do poder e não uma falha mecânica, por conta do seu caráter grotesco. Ainda, dele decorre “a maximização dos efeitos de poder a partir da desqualificação de quem os produz” (idem, p. 11). Por causa dessa desqualificação, não há a possibilidade de uma resposta racional ao discurso que lança mão do poder ubuesco. Isso ocorre porque nessa engrenagem do poder, quem detém o poder utiliza-se da desqualificação do próprio discurso para dominar, valendo-se de uma atuação que

⁷⁴ Conforme a nota 11 da tradução utilizada (FOUCAULT, 2010, p. 24).

provoca o terror na qual “o poder se dava nessa imagem de provir alguém que estava teatralmente disfarçado, desenhado como um palhaço, como um bufão de feira” (FOUCAULT, 2010, p. 12). Desse modo, essa categoria do ubuesco não pode ser considerada uma falha mecânica do poder. Ela serve a quem está exercendo o poder, maximizando-o.

Discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos que fazem rir. Ainda que cada uma das três propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco possa ser elencada uma a uma, é sobre as três atuando juntas, de modo concomitante, que elas devem ser consideradas.

Acerca dos *discursos de verdade*, cabe dizer que pela perspectiva foucaultiana a verdade é pensada e produzida neste mundo, não existindo, portanto, uma verdade universal. A verdade é, então, compreendida sob a expressão “jogos de verdade” e tem a ver com o conjunto de regras de produção da verdade, regras essas que permitem o sujeito tomar algo como verdadeiro. Assim, pode-se dizer que “a verdade é o que dizemos que é verdadeiro” (WEBER; PINHEIRO; SANTOS, 2017, p. 80). Isso ocorre porque, para Foucault, é a sociedade que estabelece sua política de verdade, com seus mecanismos e instâncias próprias, sendo sempre regras arbitrárias. Ou seja, a sociedade é capaz de aceitar os tipos de discursos fazendo-os funcionar como verdadeiros ou falsos. Nesse sentido:

[...] a verdade não apenas se constitui como um produto histórico, temporal, localizado, endereçado, interessado, construído, mas, sobretudo, constitui modos de ver-se, dizer-se e conduzir-se. Elas sedimentam determinados tipos de saberes e excluem outros (BELLO; SANCHOTENE, 2018, p. 143).

No âmbito desse estudo, podemos citar como exemplos os discursos da Ciência apresentados na primeira seção acerca dos efeitos do uso do DDT – nesse caso, sobre o inseticida não ser nocivo aos seres humanos, tal como era dito pela Ciência –, discursos que eram tomados como verdadeiros por boa parte da sociedade daquele período. Assim como as verdades acerca da relação espécie humana e natureza – o equilíbrio da natureza era fundamental para a sobrevivência da espécie –, que motivaram Carson (2010) a escrever a obra *Primavera Silenciosa* (1962). Ainda, para o estudo do poder ubuesco, podemos tomar como verdadeiro o discurso da instituição judiciária, uma vez que a sociedade em geral reconhece esse tipo de discurso como tal.

Com esse entendimento, prosseguimos na abordagem das propriedades que envolvem o poder ubuesco. Foucault (2010, p. 6-7) descreveu os *discursos que podem matar*,

isto é, os discursos que detêm o poder de vida e de morte, como sendo a situação limite estabelecida de uma decisão de justiça, via instituição judiciária, para além do veredito da liberdade ou da detenção de um indivíduo. Com o propósito de mostrar o funcionamento da verdade judiciária, com a emergência dos relatórios periciais nesse campo, Foucault apresentou uma breve recapitulação de um curso anterior em que estudou o direito penal do século XVIII, em específico, lembrou sobre a prova da verdade na prática judicial.⁷⁵ Referiu-se ao modo como a instituição judiciária obtinha as provas legais que possibilitavam a condenação ou não de um réu e como a maneira de administrar tais provas na prática penal suscitavam “ao mesmo tempo ironia e crítica” (idem). Provas completas, provas incompletas, provas plenas, provas semiplenas, provas inteiras, semiprovas, os indícios, os adminículos⁷⁶. Outros modos de funcionamento da justiça envolvem o “princípio da convicção íntima” (nunca se deve punir sem antes ter chegado à prova) e as ditas “circunstâncias atenuantes” (idem, p. 9-10), considerados como elementos dos quais os juízes poderiam lançar mão para modular a aplicação da lei. Em linhas gerais, todos esses elementos eram combinados para chegar a uma certa quantidade de prova, com o intuito de se obter o mínimo necessário para o tribunal tomar a decisão de condenar um indivíduo. Contudo, quando “tudo parecia ir da melhor maneira no melhor dos mundos judiciários” (FOUCAULT, 2017, p. 1), a máquina penal travou. Como? Por quê? Porque o réu se calou, não mais confessou coisas sobre o seu crime. Ou seja, silenciou a respeito dos fatos e das circunstâncias:

[...] a máquina penal não pode mais funcionar apenas com uma lei, uma infração e um autor responsável pelos fatos. Ela necessita de outra coisa, de um material suplementar; os juízes e os jurados, assim como os advogados e o Ministério Público, só podem realmente desempenhar seus papéis se um outro tipo de discurso lhes é fornecido: aquele que o acusado sustenta sobre si mesmo, ou aquele que ele permite, por suas confissões, lembranças, confidências etc., que se sustente a seu respeito (FOUCAULT, 2017, p. 2).

Foucault (2010; 2017) chamou a atenção para os casos em que crimes eram cometidos aparentemente “sem razão”, entendidos como crimes sem interesse, sem paixão, sem motivos. Mas com base em delírios. Um dos casos citados por Foucault (2010; 2017) é o da criada Henriette Cornier (Paris, 1825) que decapitara a filha dos vizinhos de seus patrões. Ao ser interrogada sobre o motivo do crime, Henriette Cornier

⁷⁵ Trata-se do Curso *Teorias e Instituições Penais* (Collège de France 1971-1972) que foi dividido em duas partes: a primeira em que o tema de estudo foi sobre o inquérito (meio de constatar ou restituir os fatos, os acontecimentos, os atos, as propriedades, os direitos) e a segunda parte foi dedicada ao aparecimento na França do controle social (FOUCAULT, 1997).

⁷⁶ Em linhas gerais, trata-se daquilo que pode contribuir para constituir uma prova.

simplesmente respondeu “foi uma ideia” (2010, p. 96). E dela não foi possível extrair mais nada. Por conta do embaraço desse tipo de situação para o sistema penal, Foucault realçou que:

Não resta dúvida de que, cada vez mais, no nível do funcionamento, os juízes necessitam acreditar que eles julgam um homem tal como ele é e segundo aquilo que ele é. A cena que evoquei ao iniciar⁷⁷ demonstra isso: quando um homem chega diante de seus juízes somente com seus crimes, quando ele nada mais tem a dizer, quando ele não faz favor ao tribunal de entregar-lhe algo como o segredo de si mesmo, então ... (FOUCAULT, 2017, p. 24).

Entraram em cena, para servirem também como provas, os relatórios elaborados a partir dos interrogatórios policiais e dos exames psiquiátricos de âmbito penal. Ponto em que se encontraram o tribunal e o cientista, onde cruzaram “a instituição judiciária e o saber médico ou científico em geral” (FOUCAULT, 2010, p. 10-11). Algumas dessas provas teriam em si “efeitos de poder, valores demonstrativos, uns maiores que os outros” (idem), por conta do sujeito que as produz. É o caso dos relatórios de polícia ou dos depoimentos dos policiais que, no caso, gozam do privilégio de serem funcionários juramentados da polícia. Assim como, ponto relevante para esse estudo, os relatórios dos peritos que gozam do privilégio por serem tomadas sob o estatuto de cientificidade. Ambos “comportam presunções estatutárias de verdade, presunções que lhes são inerentes, em função dos que as enunciam” (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Dois casos citados por Foucault (2010) servem como exemplo de situações que passam da condição dada pela justiça que vai além do poder de determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo, ou seja, o poder de vida e morte. Os exemplos apresentados são sobre a punição da figura do hermafrodita (o monstro). Um deles, datado como acontecido no final do século XVI (1599), é sobre alguém que se chamava Antide Collas e que foi condenado à morte após um exame em que:

[...] os médicos concluíram que, de fato, aquele indivíduo possuía os dois sexos, e que só podia possuir os dois sexos porque tivera relações com Satanás e que as relações com Satanás é que haviam acrescentado a seu sexo primitivo um segundo sexo. Torturado, o hermafrodita de fato confessou ter tido relações com Satanás e foi queimado vivo [...] (FOUCAULT, 2010, p. 57).

Outro exemplo envolve o caso de Marie Lemarcis que, em 1601, adotara como nome masculino o de Marin Lemarcis e que “pouco a pouco, tinha se tornado homem, usava roupas de homem e tinha se casado com uma viúva que, de seu lado, já era mãe de

⁷⁷ No início desse texto, Foucault (2017, p. 1) descreve o que poderia ser a cena de um julgamento em que o réu se recusa a falar qualquer coisa em sua defesa. Para cada pergunta realizada, a resposta é o silêncio.

três filhos” (FOUCAULT, 2010, p. 58). Denunciada, Lemarcis foi levada a julgamento e, por indicação dos juizes, passou por exames em que havia a presença de um médico, um boticário e dois cirurgiões. Diagnosticada como não tendo “nenhum sinal de virilidade” (idem), Lemarcis foi condenada a ser enforcada e queimada, tendo as suas cinzas jogadas ao vento. Nos dois casos expostos, percebemos a atuação conjunta do discurso médico e do discurso judiciário, em que os saberes judiciário e científico se encontraram, adquirindo o estatuto de um discurso verdadeiro. Ainda, na descrição desses dois casos podemos notar o ajuntamento das propriedades que caracterizam o tipo de discurso que abarca o poder ubuesco: poder de vida e de morte, poder de verdade e o poder de fazer rir. Riso oriundo de um humor grotesco.

Discursos que fazem rir. “Vocês são prova e testemunha disso”, conforme já mencionado, foi o modo como Foucault chamou a atenção para um discurso que, segundo ele, fazia parte dos discursos da instituição judiciária. Em suas palavras:

Esses discursos cotidianos de verdade que matam e fazem rir estão presentes no âmago da nossa instituição judiciária. Não é a primeira vez que o funcionamento da verdade judiciária não apenas coloca problemas, mas também faz rir (FOUCAULT, 2010, p. 7).

Ainda, consoante com a manifestação do riso frequente durante a leitura dos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal, aceitamos que o riso faz parte da experiência humana. Mais, dentre todas as criaturas, dizem que só o ser humano sabe rir (e também se faz rir). Ou seja, o riso é característica inata do ser humano, o destacando no mundo animal e, por conta disso, “não poderia ser vão e insignificante em termos filosóficos”, conforme Geier (2011, p. 32) citando Aristóteles (384-322 a.C.).

Já para Souto (2011, p. 23), “rir é a linguagem de um ato de deboche. É uma manifestação de alegria ou mesmo de zombaria, porém, de forma extravagante e cômica. É abalar o sério e o oficial. É a (des)medida.” Desse modo, sem a pretensão de esgotar todos os seus sentidos, deixando espaços para que se façam pesquisas sobre cada tipo mencionado e as circunstâncias em que são manifestados, Souto (idem) apresenta uma listagem contendo sessenta e oito (68) tipos de risos. Eis alguns:

Riso zombeteiro, riso gargalhado, riso de deleite, riso de prazer, riso de bruxaria, riso de loucura, riso de dor, riso amargo, riso triste, riso trágico, riso irônico ⁷⁸ , riso hipócrita, riso disfarçado, riso sarcástico, riso sardônico, riso soberbo, riso despudorado, riso bastardo, riso genuíno, riso alegre, riso de saudação, riso de desprezo, riso de humor, riso terapêutico, riso cômico, riso virtual, riso caricatural, riso cultural, riso caipira, [...] (SOUTO, 2011, p. 23).
--

⁷⁸ Grifo nosso.

A partir do que chama de “morfologia do riso”, Souto (2011) sustenta que o riso é produto de uma cultura, resultante de uma complexidade social, dado que nem todos riem pelos mesmos motivos e pelas mesmas circunstâncias. De modo geral, essa proposição tem relação com o que é sustentado por Leme (2008), a saber, para quem lê Foucault o riso pode ser bem mais que uma manifestação de alegria ou de zombaria. Leia-se:

Os leitores de Foucault sabem que o riso não é uma realidade homogênea, nem todos riem das mesmas coisas pelas mesmas razões. Veja-se o riso que denuncia a experiência de um limite, o confronto com algo que não se deixa pensar. O choque com o que se mostra, mas que escapa aos conceitos, tem um efeito de retorno sobre o sujeito: de repente, não é o que se quer pensar que está em causa, mas sim a nossa própria impossibilidade de o fazer [...] (LEME, 2008, p. 181).

Leme (2008) chama a atenção, também, para aquelas narrativas aparentemente inofensivas que, com aparência de anedota com intuito de relaxamento merecido, podem ocultar coisas decisivas em jogo. É bom ficarmos atentos, alerta ele.

Nesse sentido, é que entendemos as provocações de Foucault (2010) acerca dos discursos que fazem rir e que merecem atenção. O tipo de riso que Foucault comentou, a partir das descrições presentes nos relatórios supramencionados, é oriundo de um humor sarcástico, com conteúdo grotesco e que impossibilita pensar em uma resposta ao que realmente está em jogo. Um exemplo que pode ser trazido sobre isso são as expressões utilizadas pelos peritos psiquiatras nos relatórios lidos por Foucault em aula. Expressões como “intelectualmente, sem ser brilhante, não é estúpido” ou ainda “X. é totalmente imoral, cínico e falastrão até”. Expressões que, segundo Foucault (2010, 15), são do âmbito das qualificações morais e das regras éticas que não são supostamente alguma coisa contra a lei, mas que acabam possuindo o estatuto de discurso verdadeiro. Desse modo, descreveu uma espécie de força atuante nesse tipo de discurso que maximiza os seus efeitos de poder, a partir da desqualificação de quem os produz. Força essa que é caracterizada como poder *ubuesco*, ingrediente do discurso do Ubu.

Ubu burocrata, Ubu douto, Ubu psiquiatra e ... Ubu presidente. Para caracterizar o poder *ubuesco*, Foucault (2010) se valeu de algumas personagens que lançaram mão desse conceito para maximização dos efeitos do poder de seus discursos, a partir da própria desqualificação. Descreveu, então, a figura do “Ubu burocrata”, integrante da máquina administrativa moderna, com seus efeitos de poder incontornáveis. O Ubu burocrata tem a ver com o funcionário medíocre, nulo, imbecil, cheio de caspa, ridículo ...

(FOUCAULT, 2010, p. 12). Outra personagem é o “Ubu douto”, que faz Ubu falar doutamente. É a fala erudita da justiça com poder de verdade e que pode matar, valendo-se do grotesco, de um discurso desqualificado (idem, p. 13). Esse discurso da justiça a qual se referiu Foucault é o que está costurado com o discurso científico do “Ubu psiquiátrico-penal” que se valeu em seus relatórios de expressões que lembram um discurso de moralização, como as acima mencionadas, desqualificando-se enquanto cientista, sendo essa a razão pela qual foi convocado pela justiça. Conforme Foucault:

[...] Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce, se o grotesco político é a anulação do detentor de poder pelo próprio ritual que manifesta esse poder e esse detentor, vocês hão de convir que o perito psiquiatra na verdade não pode deixar de ser o próprio personagem Ubu (2010, p. 31).

Dada à citação acima, em que o grotesco político de Ubu é mencionado, entendemos como uma menção à personagem da peça da qual o adjetivo *ubuesco* derivou, qual seja, a peça *Ubu-roi*⁷⁹ (1896) de Jarry (1986). Trata-se de uma personagem que demonstra tirania, covardia e que se vale de um tipo de humor irônico, sarcástico. Um exemplo disso pode ser a cena em que Pai Ubu, já fugindo da Polônia, após ter se autoproclamado rei (Rei Ubu) e ter esvaziado as finanças do país com o auxílio da Mãe Ubu, comenta sobre os poloneses mortos e sobre a morte:

Taí, é bem feito! Você, também, queria sempre bater nos outros. Já, eu demonstrei o mais grande valor e, sem me expor, massacrei quatro inimigos com minha própria mão, sem contar todos aqueles que já estavam mortos aos quais nós demos acabamento. [...] Quer dizer que o tímido e o mijão na flor da idade foram ceifados pela impiedosa foice do impiedoso ceifador que ceifa impiedosamente seu impiedoso rosto [...] (JARRY, 1986, p. 113-114).

Conforme o autor da peça: “O senhor Ubu é um ser ignóbil, e por isso ele (por baixo), lembra a todos nós” (JARRY, 2007, p. 34). Por conta disso, é que podemos pensar que as falas e as atitudes do Pai Ubu perpassam o tempo e o espaço. Assim, no âmbito desse estudo, compreendemos que a personagem Ubu adquiriu uma nova persona e se mostra como o “Ubu presidente”:

As apropriações recentes⁸⁰ provam que Ubu-rei continua sua história de transgressões, ainda que seu protagonista tenha perdido muito do caráter diabólico, graças a competição desleal da cena contemporânea. De todo o modo, a personagem derrisória ainda sobrevive no equilíbrio precário entre a convenção e seu duplo, preservando o ‘mimetismo invertido’ das máscaras universais (FERNANDES, 2007, p. 27).

⁷⁹ Ubu-rei ou Rei Ubu.

⁸⁰ Diz respeito às encenações da peça Ubu-rei que aconteceram desde 1958 até 1996 no Brasil.

Para mais, acerca da descrição do adjetivo ubuesco, derivado da peça mencionada, assim como a caracterização do conceito de poder ubuesco, seus desdobramentos e a operacionalização do discurso que o envolve foram temas abordados ao longo do estudo (DALMORO; SANTOS, 2018). Por ora, o objetivo dessa seção foi tratar das três propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco e, assim como para Foucault (2010, p. 13), nos interessa estudar os efeitos de poder desse discurso.

4 O poder ubuesco *na* rede discursiva da Educação Ambiental

[...] Essas lutas – quer se trate das relativas à loucura, à doença mental, à razão ou à loucura, quer se trate das que concernem às relações sexuais entre indivíduos, entre os sexos, quer seja, as **lutas relativas ao meio e ao que se chama ecologia** – [...] têm um objeto e uma aposta muito precisa que constitui sua importância, uma aposta totalmente diferente do que é visado pelas lutas revolucionárias e que **merece pelo menos, tanto quanto estas, que as levemos em consideração**⁸¹ [...]

(Michel Foucault, 1978).

De acordo com a citação foucaultiana acima, as lutas em relação ao meio [ambiente] e ao que se chama ecologia merecem ser levadas em consideração (FOUCAULT, 2017, p. 54). Por conta disso também, damos prosseguimento ao estudo dos efeitos do poder ubuesco *na* rede discursiva da Educação Ambiental, retomando o prometido de examinar os insultos à autora de *Primavera Silenciosa* (1962), obra que foi adotada como impulsionadora da mencionada rede, pano de fundo do presente estudo. Adiantamos que as considerações a seguir acerca da Ciência são postas para analisar as três propriedades do discurso que abarca o poder ubuesco, trazendo a possível relação entre ambos e, por conseguinte, atentar sobre os seus possíveis efeito.

A *Ciência e a Primavera Silenciosa* (1962). Partimos, para tanto, do contexto histórico do período do lançamento da obra de Carson (2010) que pode ser descrito como um tempo em que a Ciência e, por conseguinte, o conhecimento científico, eram tomados como verdadeiros por boa parte da população mundial. Por conta do avanço científico, o

⁸¹ Grifos nossos.

pensamento daquela época era o de que a Ciência poderia resolver qualquer problema. A ideia propagada era de que a tecnologia daria conta até dos problemas ambientais.

Além disso, somam-se os feitos realizados pela descoberta das duas bombas que mudaram a história naquele período: a bomba atômica e a bomba de insetos: o DDT (sigla de diclorodifeniltricloroetano). Em torno dos possíveis efeitos dessas bombas é que podemos aferir que a Ciência possuía o poder de vida e morte.

No que tange às questões ambientais, ficamos com a bomba de insetos para sustentar esse poder da Ciência, uma vez que consideramos que com a criação do inseticida foi protegida a vida dos soldados que lutaram na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) para quem primeiramente foi destinado o seu uso. Assim como pela sua utilização no pós-guerra para o controle dos insetos tanto nas lavouras como nas cidades norte-americanas. Para mais, compreendemos que a Ciência também era considerada como detentora desse poder de vida e de morte por produzir e defender o uso do DDT ainda que alguns estudos daquele período já apontassem para a incidência de tumores tanto na espécie humana como em não-humanos em decorrência do uso do inseticida.

Em relação ao poder de fazer rir, retomamos os insultos que, segundo Lear (CARSON, 2010, Introdução, p. 17), a indústria química e a Ciência [por parte de alguns cientistas] dirigiram à autora de *Primavera Silenciosa* (1962). Relembramos, sob a forma da Figura 13, alguns desses insultos apresentados pela biógrafa da autora:

Figura 13: Charge sobre Carson



Fonte: <http://billanddavescocktailhour.com/rachels-war-a-cartoon-essay-on-rachel-carsons-last-years/>

Entendemos que expressões como: “uma alarmista histérica”, “lésbica amante dos gatos”, “comunista”, “solteirona” e “uma mulher descontrolada” são aproximações que podemos fazer com a propriedade de fazer rir, aproximações essas que talvez possam ser pensadas como vestígios do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental, por conta dos efeitos das provocações de Carson (2010) por meio de *Primavera Silenciosa* (1962). Isso pode ser dito porque tanto os cientistas como a indústria ao lançarem mão do poder ubuesco, valendo-se do sarcasmo e do grotesco em seus discursos, estariam se desqualificando impossibilitando uma resposta racional às coisas ditas por ambos. Para corroborar a charge acima, trazemos uma mensagem⁸² (Quadro 3) enviada aos editores da *The New Yorker Magazine* após a publicação dos artigos de Carson:

Quadro 3: Mensagem para *The New Yorker Magazine*

<p><i>Miss Rachel Carson's reference to the selfishness of insecticide manufacturers probably reflects her Communist sympathies, like a lot of our writers these days. We can live without birds and animals, but, as the current market slump shows, we cannot live without business. As for insects, isn't it just like a woman to be scared to death of a few little bugs! As long as we have the H-bomb everything will be O.K. P.S. She's probably a peace-nut too.</i></p>	<p>A referência de Miss Rachel Carson ao egoísmo dos fabricantes de inseticidas provavelmente reflete suas simpatias comunistas, como muitos de nossos escritores atualmente. Podemos viver sem pássaros e animais, mas, como mostra a atual crise do mercado, não podemos viver sem negócios. Quanto aos insetos, [a atitude dela] não é de uma mulher que tem medo de alguns insetos! Enquanto tivermos a bomba H, tudo será O.K. P.S. Ela é provavelmente uma louca da paz também.</p> <p style="text-align: right;">Tradução livre</p>
--	--

Fonte: <http://www.environmentandsociety.org/exhibitions/silent-spring/personal-attacks-rachel-carson>

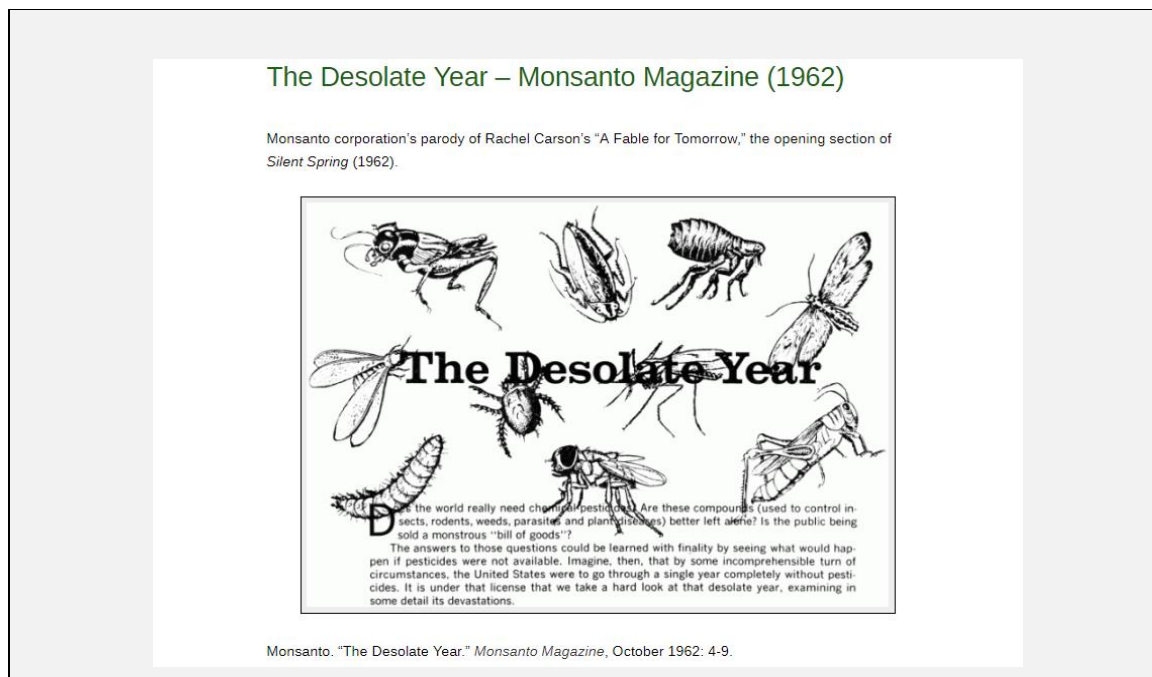
Encontramos, ainda, aproximações com o princípio do terror que integra o poder ubuesco numa das respostas da indústria química Monsanto (fabricante do DDT) às provocações de Carson. Resposta divulgada em forma de uma paródia ao primeiro capítulo de *Primavera Silenciosa* (1962), intitulado *Uma fábula para o amanhã* (CARSON, 2010, p. 20). Resumidamente, no capítulo em forma de fábula, Carson (2010) descreve uma cidade qualquer norte-americana que fez uso do DDT tanto na zona rural como na zona urbana, e que teve como efeitos do uso exagerado do inseticida o adoecimento e a morte principalmente dos pássaros, provocando com isso o silêncio da primavera. Já na fábula-paródia⁸³ criada, sob o título “O ano desolado” (Figura 14), a Monsanto se vale do sarcasmo com o intuito de provocar o terror nas pessoas pela

⁸² Disponível em: <http://www.dollarsandsense.org/archives/2002/0302orlando.html> Acesso em 09/12/18.

⁸³ A fábula na integra poder ser encontrada aqui: <https://iseethics.files.wordpress.com/2011/12/monsanto-magazine-1962-the-desolate-year.pdf> Acesso em 09/12/18.

insinuação de como seria o ambiente sem o uso do mencionado inseticida. Nessa fábula-paródia, a proliferação dos insetos causaria o fim das lavouras e haveria a disseminação das doenças caracterizadas como transmitidas por eles.

Figura 14: A fábula da Monsanto



Fonte: <https://enviroethics.org/2011/12/02/the-desolate-year-monsanto-magazine-1962/>

A Ciência (de novo) e o Acordo de Paris (2015). Para pensar os efeitos do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental já em tempo mais presente, retomamos, conforme também prometido, os temas do aquecimento global, da mudança climática e do Acordo de Paris. Recordamos, primeiramente, que dentre os objetivos do encontro que terminou num Acordo entre os cento e noventa e cinco (195) países que integram as Partes (nome dado pela ONU a esses países) está o de promover ações que possam reduzir a emissão de gases de efeito estufa e, conseqüentemente, reduzir os efeitos da elevação da temperatura do planeta abaixo dos dois graus Celsius em relação aos níveis pré-industriais.

Conforme anteriormente mencionado, uma das causas do aquecimento global e da mudança climática, aceita por boa parte dos cientistas, tem a ver com as atividades humanas. Como também já foi dito, as atividades que têm maior influência são as que envolvem a queima de combustíveis fósseis, utilizados em automóveis e indústrias, as queimadas e o desmatamento de florestas. Tanto o aquecimento global como a mudança

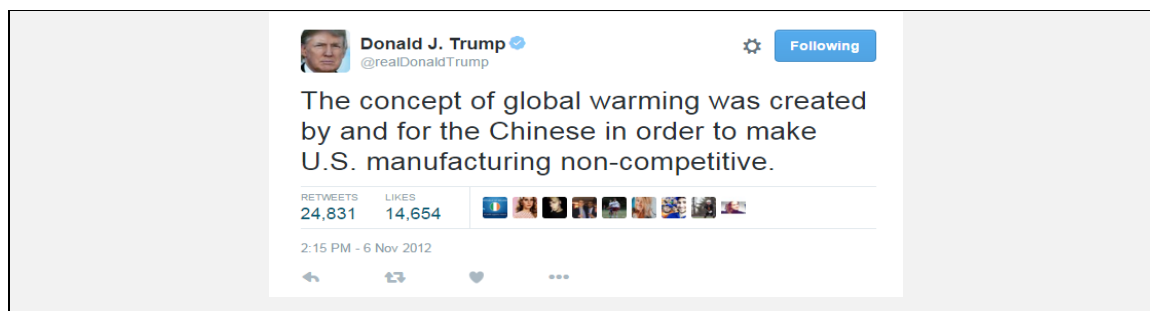
climática inserem os tempos atuais numa situação planetária considerada sob uma crise ambiental.

Nesse contexto, surgiram enunciações que chamaram e mereceram nossa atenção. Enunciações que foram proferidas pelo atual presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, gerando polêmica sobre o assunto e que foram trazidas para esse estudo, por conta das aproximações com o discurso que abarca o poder ubuesco. Mais que isso, no estudo foi possível notar também a paridade com a personagem criada por Jarry (1986), por conta das enunciações não só de cunho político, mas também pelas atitudes tomadas por Donald Trump. Tem-se, nesse conjunto de coisas, a personificação do Ubu contemporâneo: o Ubu presidente.

Desse modo, ao fazer a relação dos discursos de Donald Trump com as três propriedades do mencionado discurso apresentado por Foucault (2010), encontramos a tríade: o poder de vida e de morte, o poder de verdade e o poder de fazer rir. Num primeiro momento, devido ao cargo que ora ocupa, o então presidente norte-americano possui o poder de vida e de morte, o que é possível de ser exemplificado a partir de seu poder de decisão acerca de iniciar ou não uma guerra. Ou ainda quando do episódio com o ditador norte-coreano acerca do lançamento de mísseis que deixaram boa parte de mundo em perplexidade. Para mais, por causa do cargo que nesse momento ocupa, Donald Trump tem o poder de verdade, conferido a ele pelos seus eleitores no ano de 2016.

Acerca da terceira propriedade do discurso que abarca o poder ubuesco, sobreveio o encontro com a temática ambiental. Isso porque, ainda no ano de 2012, Donald Trump divulgou em uma de suas redes sociais (*Twitter*) não acreditar no aquecimento global. O que chamou a atenção para esse estudo foram as expressões utilizadas por ele naquele momento. Conforme expomos na Figura 15, a seguir:

Figura 15: Tuíte de Donald Trump

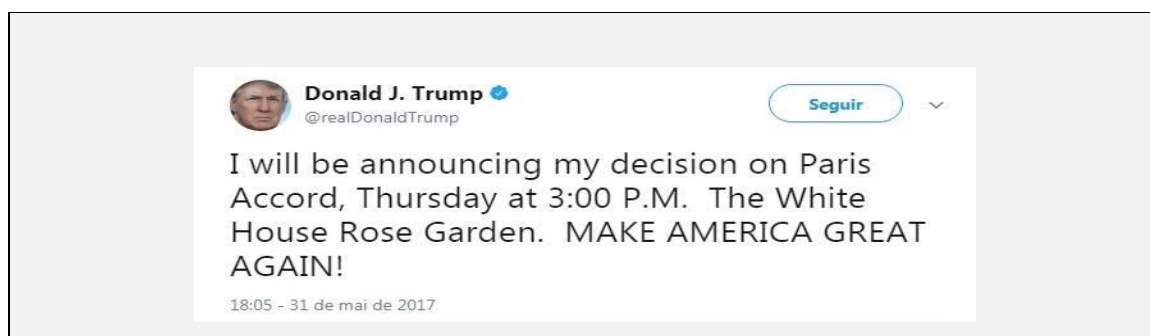


Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

Segundo a mensagem postada, o aquecimento global para Donald Trump não passaria de “uma mentira inventada pelos chineses”, inventada com a intenção de prejudicar comercialmente o país que agora governa. Essa dita ameaça chinesa, pela qual geraria a estagnação da economia americana, foi utilizada como apelo aos eleitores do então candidato ao governo dos EUA.

Assim que eleito, uma das medidas postas em ação, que também foi promessa durante a campanha eleitoral, foi a retirada do país norte-americano do Acordo de Paris. No meio de muitas polêmicas acerca de sua decisão, o então presidente novamente se valeu das redes sociais para manifestar-se. O que pode ser conferido na Figura 16:

Figura 16: Tuíte de Donald Trump



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

A mensagem trazida na postagem é a de que com a saída dos EUA do Acordo de Paris, o país voltaria a crescer economicamente. Para Donald Trump, o gasto em ações para redução dos gases de efeito estufa e, por conseguinte, do aquecimento global, era dispendioso demais. Houve, ainda, outros pronunciamentos feitos pelo presidente norte-americano que podem ser relacionados com esse estudo, como as enunciações presentes no artigo “Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática” (AHRENS, 2017). Nessa reportagem, expressões do tipo “[...] fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburg, não de Paris [...]” e “[...] admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar bilhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, enfatizam um sarcasmo diante das questões ambientais.

Para mais, Donald Trump continuou ironizando o aquecimento global. Mais uma vez, em postagem numa de suas redes sociais, o presidente lançou mão da ironia ao escrever que cairia bem “o velho e bom aquecimento global” para proteger os norte-americanos das baixas temperaturas do período [da postagem]. Conforme a Figura 17, a seguir:

Figura 17: Tuíte de Donald Trump



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

São as expressões irônicas utilizadas por Donald Trump que entendemos como possíveis de serem relacionadas com o poder de fazer rir, propriedade do discurso que abarca o poder ubuesco. Dado que tais expressões remetem ao tipo de termos utilizados pelos peritos psiquiatras em matéria penal apresentados nos relatórios lidos por Foucault (2010). Lembram também as falas do Pai Ubu, contendo um tipo de humor grotesco, irônico, com uma atuação que provoca o terror diante do que foi dito. Ainda, as expressões utilizadas pelo então presidente norte-americano se valem do sarcasmo, do grotesco, se quiserem do ubuesco, para tratar de temas pertinentes à temática ambiental, impossibilitando uma resposta racional as suas declarações, pela desqualificação de seu próprio discurso.

A Ciência, o poder ubuesco e a Educação Ambiental. Diante do que foi exposto pela operacionalização do conceito de poder ubuesco sobre questões ambientais emergem considerações sobre o papel da Ciência nas relações de força apresentadas. Relembramos que na primeira dessas relações, a Ciência (ao menos parte dela) lançou mão em seus discursos do poder ubuesco para depreciar as provocações apresentadas por Carson (2010) na obra *Primavera Silenciosa* (1962), questionando o uso exagerado do DDT (diclorodifeniltricloroetano) tanto em lavouras como em cidades e que era atestado como um inseticida inofensivo aos humanos pela Ciência daquele período.

Já, no segundo exemplo exposto, a Ciência (ao menos parte dela) é a “vítima” da situação, por conta dos discursos envolvendo o presidente norte-americano e os temas do aquecimento global e da mudança climática. Nos dois exemplos, há também a presença do poder de fazer rir. Riso irônico, oriundo do sarcasmo presente nas expressões utilizadas nas circunstâncias expostas (trechos de reportagens, ilustrações,

charges, postagens). Ainda, conforme descrevemos, a Ciência é também considerada como portadora de um discurso que tem poder de vida e de morte, como também de um discurso verdadeiro. Por conta da verdade que lhe é atribuída, outras verdades e muitos acordos de âmbito internacional foram efetivados em seu nome. Dessas verdades se evidenciam como resultantes a adoção de estilos de vida e modos de conduta. Nesse caso, estilos de vida e modos de conduta em torno da nossa relação com os problemas ambientais.

Contudo, a respeito dos exemplos apresentados, não caberia pensar com certo estranhamento os saberes da Ciência? Saberes esses que permitiram o uso do grotesco, do ubuesco. Não serviriam tais exemplos para nos provocar, nos incomodar, diante dos saberes ditos legítimos e propagados como verdadeiros? Para nos provocar a pensar em como lidar com os efeitos produzidos em nós por esses saberes que adotamos como verdadeiros? Como nos constituímos a partir desses saberes? Ainda, de que modo esses saberes produzem efeitos sobre a Educação Ambiental? Quais seriam os efeitos dos discursos produzidos pela Ciência que se valem do poder ubuesco sobre a Educação Ambiental? Qual Educação Ambiental emerge a partir desses discursos? Mais, como lidar com os discursos que se valem do poder ubuesco na rede discursiva da Educação Ambiental e dos quais nem rimos mais? Essas e outras tantas inquietações que estranhamentos e questionamentos possam gerar encontram lugar na declaração que afirma: “Não há nada de errado na Ciência, só há algo de errado na tentativa de divinizá-la” (RORTY, 2002, p. 51 *apud* HENNING, 2008, p. 101).

No fluxo da perspectiva filosófica foucaultiana e inspiradas pelas palavras de Machado (FOUCAULT, 2006), consideramos que não exista um saber que seja neutro. Isso porque os saberes estão de algum modo relacionados às relações de força, relações ligadas às condições políticas. Leia-se:

Todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios do saber. A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que o constituem. Não há saber neutro. Todo o saber é político. E isso não porque cai nas malhas do Estado, é apropriado por ele, que dele se serve como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial. Mas porque todo saber tem sua gênese em relações de poder (FOUCAULT, 2006, XXI).

Compreendemos também que a incomodação em relação à Ciência trazidas à tona pela operacionalização do poder ubuesco sobre as questões ambientais pertinentes à modernidade podem adquirir um sentido positivo, uma vez que por meio desse

estranhamento e dessa incomodação um outro modo de olhar o mundo pode emergir.

Desse modo:

[...] pensar que verdades, até então sempre aceitas, podem ser refutadas, que podem existir outras formas de olhar o mundo além dos óculos científicos, são questões que, pelo menos a mim, incomodam. Incomodar não no sentido negativo, mas no sentido de mexer com nossos saberes tão bem fincados em um paradigma que busca verdade e, com elas, nos dá segurança e tranquilidade (HENNING, 2008, p. 101).

Impulsionadas pelo pensamento foucaultiano, podemos aferir que se prestarmos atenção nas tantas coisas que adotamos como verdadeiras e que nos envolvem cotidianamente teremos, então, as condições que possibilitam pensá-las como invenções nos levando a “[...] suspeitarmos dos valores de verdade que carregam” (HENNING; SILVA, 2018, p. 151). Nesse caso, envolve repensar a Ciência e seus ditos. A partir disso, podemos repensar a temática desse estudo, pois, conforme já mencionado, a Educação Ambiental é resultante da modernidade e como tal:

[...] se pauta por verdades tão bem solidificadas em nós que, muitas vezes, esquecemos que são ditos fabricados como legítimos e tomados como necessários para construirmos novas subjetividades em tempos de crise ambiental (HENNING; MUTZ; VIEIRA, 2018, p. 9).

Nos parece ainda, no âmbito desse estudo, que do exposto acerca das inquietações em torno das relações envolvendo a Ciência, tanto merece nossa atenção considerar os efeitos quando essa narra sobre o aquecimento global e a mudança climática derivada dele, como pensar sobre os efeitos da sua atuação quando permeada pela Política e por um discurso que se vale do poder ubuesco. Cabe também pensar sobre os efeitos dessa relação, Ciência, Política e poder ubuesco sobre a temática da Educação Ambiental e a nossa atual relação com o planeta.

5 Considerações finais

Ao longo desse texto buscamos, primeiramente, tecer *uma* rede discursiva da Educação Ambiental. Rede essa que foi tecida com o intuito de dar suporte ao estudo do poder ubuesco, como também, colaborar com a operacionalização com o referido conceito, servindo como alvo sobre a qual os efeitos do poder ubuesco podem também efetuar-se.

Nesse sentido, entendemos que ao lançar mão do poder ubuesco como força atuante na rede discursiva da Educação Ambiental, força que perpassa seus discursos, a

maximização dos seus efeitos de poder atinge não somente os humanos, mas também os não-humanos. Consideramos como exemplo disso os efeitos produzidos sobre os não-humanos apresentados na seção em que abordamos a obra *Primavera Silenciosa* (1962), pela qual Carson (2010) apresentou suas inquietações acerca da utilização exagerada dos inseticidas sintéticos criados pela Ciência que provocaram danos ambientais irreversíveis. Utilização essa que contaminou rios e lagos, bem como o solo e as árvores, promovendo a extinção de muitas aves, silenciando a primavera.

Reconhecemos, assim, que o discurso que abarca o poder ubuesco, tal como descreveu Foucault, se faz presente na rede discursiva da Educação Ambiental, muitas vezes tratada sob a esfera irônica no que tange aos seus próprios discursos. Desse modo, pela análise até agora realizada acerca do conceito de poder ubuesco, podemos aferir que se trata de uma força que é capaz de fazer agir e de interditar. Para mais, por conta da abordagem realizada, afirmamos o campo filosófico como um colaborador da compreensão dos tempos atuais, pelo qual foi possível lançar um outro olhar sobre esse tipo de educação.

Figura 18: Michel Foucault



Fonte: Débora Cristina Marini (desenhista)

[Ou das Potencialidades para o poder ubuesco]

Curiosidade. Inquietações. Filosofia. Foucault. Paixão de apreender o que se passa e aquilo que se passa. Deslocar-se para tornar-se diferente do que se é. Sarcasmo. Ubuesco. Um Pai-Rei. Poder. Relações de Poder. Discursos. Rede discursiva. Educação Ambiental. Esses elementos, que não se configuram como totalizantes nessa Dissertação, talvez possam expressar o que me impulsionou a elaborar a narrativa apresentada, bem como o tema sobre qual me debrucei nesses quase dois anos estudando o pensamento filosófico de Foucault. Estudo no qual busquei nas ferramentas conceituais do autor conceitos que pudessem lançar um outro olhar sobre a Educação Ambiental. Assim, abri sua caixa de ferramentas e peguei dela, para dar uma resposta à pergunta motivadora do meu estudo, o conceito de poder ubuesco.

Para Foucault, o discurso que tem a uma só vez as três propriedades mencionadas ao longo do estudo é um tipo raro de discurso numa sociedade como a nossa – talvez nem *tão* raro assim. Por isso, entendo que ter encontrado nos discursos de Donald Trump as características que remetem ao que o autor descreveu na obra *Os Anormais* (1974-1975) me possibilitou compreender um pouco mais sobre o modo de atuação do poder ubuesco. Isso porque o discurso do então presidente norte-americano possui a propriedade de ser um discurso de vida e de morte, um discurso com poder de verdade e um discurso com poder de fazer rir, por conta do sarcasmo com que lida com temas pertinentes ao meio ambiente e, por conseguinte, relacionados com a Educação Ambiental. Ainda, por conta da paridade com a personagem de Jarry [o Pai-Rei Ubu] adotei o então presidente norte-americano como o Ubu presidente para caracterizar o tipo de discurso descrito por Foucault, por isso a insistência em reproduzir alguns de seus discursos ao longo dos artigos elaborados.

O que fiz nessa narrativa foi mapear a formação do conceito de poder ubuesco e apresentá-lo do modo como o compreendi. Sendo assim, não esgotam as possibilidades de outros entendimentos acontecerem, de outros estudos para o poder ubuesco. Lancei mão desse conceito para entender um discurso que perpassa a rede discursiva da Educação Ambiental, fazendo com que muitas vezes esse tipo de educação seja alvo de sarcasmo em torno de suas questões, diminuindo seu espaço e interditando suas possibilidades de práticas. Contudo, compreendo que outro efeito também pode

acontecer. Ao se tomar conhecimento da abrangência desse discurso na rede discursiva da Educação Ambiental, podem ser estimuladas ações que a tornem mais resistente no que tange aos seus temas. Desse modo, o poder ubuesco pode ser tomado com uma força que ao mesmo tempo que interdita também pode fazer agir.

Para mais, no estudo de sua formação percorri alguns territórios que se formaram ao longo do caminho. Territórios de sentidos para o poder ubuesco que foram mostrados nos quatro artigos que compõem essa Dissertação.

No primeiro artigo, elaborado sob a forma de relato da experiência de um estudo, abordei brevemente sobre o método da Cartografia, método esse que serviu como base para o estudo realizado. A compreensão de que as idas e vindas possibilitadas por esse método representam passos importantes numa pesquisa, assim como a relevância de escrever sobre o método que se está utilizando, fizeram com que o poder ubuesco fosse tomado como o conceito foucaultiano a ser estudado. Isso porque ao escrever o mencionado relato, pude perceber como já estava capturada por esse conceito tão pouco explorado na perspectiva foucaultiana e pelo reconhecimento de suas potencialidades para aquilo que busquei durante o tempo de Mestrado.

No segundo artigo busquei caracterizar o conceito de poder ubuesco a partir da obra que impulsionou o adjetivo ubuesco, *Ubu-roi* (1896) de Jarry (1986). Passando pelo modo como foi descrito por Foucault (2010) na obra que permeou esse estudo, e retornando ao texto de Leme (2008), cujo título despertou minha curiosidade primeira. Ainda nesse primeiro texto fiz a operacionalização com o poder ubuesco mostrando como ele pode ser percebido em âmbito mundial tanto na Política, tomada aqui como o modo de administração das nações, como em torno das questões ambientais, em específico, na crise ambiental vigente. Nesse sentido, como primeiro resultado do estudo, entendi que os efeitos do discurso que se vale do poder ubuesco podem ser percebidos não somente sobre os humanos, uma vez que podem ter ressonâncias também sobre os não-humanos.

Ao elaborar o terceiro artigo, tendo mais presente a dimensão do poder ubuesco, revisei as onze aulas que compõem a obra *Os Anormais* (1974-1975), numa espécie de leitora-ouvinte do curso ministrado pelo professor Foucault, buscando entender como o mencionado conceito foi operado no estudo da formação do conceito de anormalidade. Além disso, ao fazer esse movimento de leitura-escuta procurei as ressonâncias dessa categoria de poder para as demais categorias elencadas por Veiga-Neto (2016), a saber, o poder disciplinar, poder pastoral e poder soberano. Ao final, apreendi que o poder

ubuesco diagonaliza essas três categorias, maximizando seus efeitos. Nesse artigo busquei também as ressonâncias do discurso que se vale do poder ubuesco para a Educação Ambiental. Assim, me valendo das descrições ubuescas que Foucault mencionou ao longo do curso, notei que tais descrições trazidas para o campo da temática ambiental podem ser encontradas na rede discursiva desse tipo de educação, criando condições de possibilidade para potencializar o seu discurso por conta do caráter ubuesco.

No quarto artigo teci *uma* rede discursiva da Educação Ambiental, pensada para dar suporte ao estudo do poder ubuesco, a partir da obra *Primavera Silenciosa* (1962) Carson (2010). Obra que impulsionou os discursos que possibilitaram pensar numa rede para esse tipo de educação. *Essa* rede serviu também como alvo para pensar sobre os efeitos do discurso que abarca o poder ubuesco na dita educação. Ainda nesse artigo abordei cada uma das três propriedades do discurso que envolve o poder ubuesco, a partir daquilo que Foucault descreveu na obra *Os Anormais* (1974-1975). Por fim, apresentei como o poder ubuesco faz parte de um discurso que perpassa a rede discursiva da Educação Ambiental, maximizando os efeitos de poder dessa rede que, por vezes, tem seus temas tomados sob a condição do sarcasmo.

A análise precisa histórico-política sobre a categoria do ubuesco que Foucault mencionou naquela aula de 08 de janeiro de 1975 deixa em aberto as possibilidades de estudo em torno do poder ubuesco. Por conta disso, o meu próximo passo corresponde à continuidade do estudo do poder ubuesco e das suas ressonâncias sobre humanos e não-humanos no campo da Educação Ambiental. Para mais, daquela desconfiança inicial sobre o pensamento foucaultiano ficou em mim a compreensão de que ele, Foucault, tem muito ainda a me mostrar.

No arremate dessa escrita, fixa em mim a ideia de que para ter ocorrido o deslocamento buscando ser diferente daquilo que eu era, foi fundamental prestar atenção à minha curiosidade. Curiosidade que impulsionou essa pesquisa e movimentou a minha Filosofia, permitindo *essa* análise foucaultiana sobre o conceito de poder ubuesco, conceito esse que possibilitou um outro olhar sobre a Educação Ambiental. Nesse sentido, assim como sonhou Foucault, sonho também com uma nova era da curiosidade.

Referências

Referências *ZERO* [da Introdução]

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial – Pista 7. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-149.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Revisão técnica de Walter Omar Kohan e Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FISCHER, Rosa M. B. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência (1984). In: _____. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Autran Dourado Barbosa. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p. 281-286.

FOUCAULT, Michel. O Filósofo Mascarado (1980). In: _____. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. Tradução de Elisa Monteiro. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 314-321.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo – Pista 2. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LARROSA, Jorge. A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: **Revista Educação e Realidade**, vol. 29, n. 1, 2004, p. 27-43. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417> Acesso em 23/11/18.

LEME, José L. C. O poder ubuesco e o meio riso. In: RESENDE, Haroldo (Org.). **Michel Foucault: o ronco surdo da batalha**. 1. ed. São Paulo: Intermeios; Brasília: Capes/Cnpq, 2018, p. 177-185.

LEME, José. L.C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. M.; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio

(Org.). **Cartografias de Foucault**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 181-197.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas de um desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Referências I

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial – Pista 7. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-149.

BARROS, Regina B.; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200.

AHRENS, Jan. M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, junho/2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html> Acesso em 12/04/18.

BONDÍA, Larrosa. J. Notas sobre a experiência e o saber experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. Jan-abril, 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 06/03/18.

FERNANDES, Silvia. Alfred Jarry. In: JARRY, A. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Do Governo dos Vivos (1979-1980)**. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

JARRY, Alfred. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

JARRY, Alfred. Outra apresentação de Ubu Rei. In: JARRY, Alfred. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo – Pista 2. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Org.). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LEME, José. L.C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. M.; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Org.). **Cartografias de Foucault**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 181-197.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas de um desejo**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Referências 2

AHRENS, Jan M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, junho, 2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html> Acesso em 17/01/18.

BENESTEAD, Rasmus. et al. Learning from mistakes in climate research. In: **Journal of Theoretical and applied climatology**, vol. 126, nov. 2016. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s00704-015-1597-5>> Acesso em 27/12/17.

DEUTSCHE WELLE BRASIL (DW). Ártico aquecido e derretido é “novo normal”, alertam cientistas. **Portal DW**. Ciência e Saúde 12 dez. 2017, 19h 20. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/%C3%A9rtico-aquecido-e-derretido-%C3%A9-novo-normal-alertam-cientistas/a-41766197>> Acesso em 26/12/17.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Do Governo dos Vivos (1979-1980): aulas de 09 e 3 de janeiro de 1980**. Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

JARRY, Alfred. Outra apresentação de Ubu Rei. In: _____. **Ubu-Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. (Os grandes dramaturgos).

FERNANDES, Silvia. Alfred Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007. (Os grandes dramaturgos).

GEIER, Manfred. **Do que riem as pessoas inteligentes?** Uma pequena filosofia do humor. Tradução de André Delmonte e Kristina Michahelles. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

KIM, Chirstine; KIM, Soyoung. **Líder norte-coreano diz que fará com que “perturbado” Trump pague caro por discurso na ONU**. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCNIBX015-OB RTP>> Acesso em 17/01/18.

LEME, José L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M.; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Org.). **Cartografias de Foucault**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 181-197.

MANSUR, Alexandre. O furacão Irma ganhou força por causa do aquecimento global. Site *Época*, Blog do Planeta, 08 set. 2017, 12h 41. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2017/09/o-furacao-irma-ganhou-forca-por-cao-do-aquecimento-global.html>> Acesso em 26/12/17.

MARREIROS, Ana. Os muros da apatia. *Portal P3*, Megafone, Portugal, 11 dez. 2017, 6h 36. Disponível em: <<http://p3.publico.pt/actualidade/ambiente/25130/os-muros-da-apatia>> Acesso em 26/12/17.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL (ONUBR) **Acordo de Paris**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acordodeparis/>> Acesso em 23/12/17.

PEREDA, Cristina F. O que acontece com o Acordo de Paris após o abandono dos EUA. *Jornal El País Brasil*, Junho/2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/31/internacional/1496238308_555328.html> Acesso em 17/01/18.

PORTAL G1 DE NOTÍCIAS. Kim Jong-un diz que “mentalmente perturbado” Trump irá pagar caro por discurso na ONU. *G1 Mundo*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/kim-jong-un-diz-que-mentalmente-perturbado-trump-ira-pagar-carro-por-discurso.ghtml>> Acesso em 26/12/17.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

SENRA, Ricardo. “Cachorro assustado late alto”: a resposta de Kim Jon-un ao discurso de Trump na ONU. *BBC News Brasil*, 21 set. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41356532>> Acesso em 17/01/18.

TOSTES, Theodomiro. O Fenômeno Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de Theodomiro Tostes. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 14-21. (Coleção Rebeldes e Malditos).

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ZHANG, Wei. et al. Influences of natural variability and anthropogenic forcing on the extreme 2015 accumulated cyclone energy in the Western North Pacific. In: HERRING, Stephanie C. et al. Explaining Extreme Events of 2015 from a Climate Perspective. In: **Special Supplement to the Bulletin of American Meteorological Society**, vol. 97, n. 12 dez. 2016. Disponível em: <<http://journals.ametsoc.org/doi/abs/10.1175/BAMS-D-16-0146.1>> Acesso em 26/12/17.

Referências 3

AHRENS, Jan M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, Junho/2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html> Acesso em 30/07/18.

BELLO, Samuel E. L.; SPERRHAKE, Renata. Educação e risco social na curricularização do saber estatístico no Brasil. **Revista Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 38, n 4, p. 415-424, out-dez. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/27882>> Acesso em 17/08/18.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Revisão técnica de Walter Omar Kohan e Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. Poder e Saber (1977). In: _____. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-saber**. Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manuel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 218-235.

FOUCAULT, Michel. A Filosofia Analítica da Política (1978). In: _____. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manuel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 36-54.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução e organização de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. 1. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Referências 4

AHRENS, Jan. M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, junho/2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html Acesso em 09/11/18.

BELLO, Samuel E. L.; SANCHOTENE, Virgínia C. Pensamento e verdade na Educação (Matemática): conversações com Foucault e Deleuze. In: **Revista de Educação, Ciência e Cultura (RECC)**, Canoas, vol. 23, n. 1, 2018, p. 141-147. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/4197> Acesso em 06/11/18.

BRASIL. **Lei nº 11.936**, de 14 de maio de 2009. Proíbe a fabricação, a importação, a exportação, a manutenção em estoque, a comercialização e o uso de diclorodifeniltricloreto (DDT) e dá outras providências. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11936.htm Acesso em 19/10/18.

BRASIL. **Lei 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm Acesso em 23/10/18.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília, Supremo Tribunal Federal, 2018. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf> Acesso em 25/10/18.

BRASIL. **Declaração de Tbilisi – 1977**. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Disponível em: <http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/Tbilisi.pdf> Acesso em 21/10/18.

BENESTEAD, Rasmus. et al. Learning from mistakes in climate research. In: **Journal of Theoretical and applied climatology**. Vol. 126, November, 2016. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s00704-015-1597-5>> Acesso em 23/10/18.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. 1 ed. São Paulo: Gaia, 2010.

CARVALHO, Isabel C. M. **Educação Ambiental e a formação do sujeito ecológico**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DALMORO, Isabel C.; SANTOS, Suelen A. Crise ambiental e a “mentira inventada pelos chineses”: problematizações foucaultianas sobre o poder ubuesco. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental** (PPGEA/FURG), Rio Grande, v. 35, n. 2, 2018, p. 272-291. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7834/5386> Acesso em 01/11/18.

DALMORO, Isabel C.; CAPORLINGUA, H. Vanessa; MOURA, S. Vanessa. Convers[Ação] entre a Educação Ambiental e a Filosofia: para pensar o consumo e o descarte de eletrônicos. In: **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental** (PPGEA/FURG), Rio Grande, v. 23, n. 2, 2018, p. 198-213. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/8434> Acesso em 27/02/19.

DIFFENBAUGH Noah; SINGH Deepti; MANKIN Justin S. Unprecedented climate events: Historical changes, aspirational targets, and national commitments. In: **Science Advances**, 2018, vol. 4, n. 2. Disponível em: <http://advances.sciencemag.org/content/4/2/eaao3354> Acesso em 23/10/18.

FERNANDES, Silvia. Alfred Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de Sergio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007, p. 11-27.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si com Prática de Liberdade (1984). In: _____. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 3. ed. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Autran Dourado Barbosa. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p. 258-280.

FOUCAULT, Michel. A Evolução da Noção de “Indivíduo Perigoso” na Psiquiatria Legal do Século XIX (1978). In: _____. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 3. ed. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Autran Dourado Barbosa. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p. 1-24.

FOUCAULT, Michel. A Filosofia Analítica da Política (1978). In: _____. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Tradução de Elisa Monteiro e de Inês Autran Dourado Barbosa. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017, p. 36-54.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder (1982). In: _____. **Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Tradução de Abner Chiquieri. Organização, seleção de textos e revisão técnica de Manoel Barros da Motta. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118-140.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais** (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Tradução de Andréa Daher. Consultoria de Roberto Machado. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GEIER, Manfred. **Do que riem as pessoas inteligentes?** Uma pequena filosofia do humor. Tradução de André Delmonte e Kristina Michahelles. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

GRÜN, Mauro. A produção discursiva sobre Educação Ambiental: terrorismo, arcaísmo e transcendentalismo. In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Crítica Pós-estruturalista e Educação**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 159-183.

GUIMARÃES, Leandro B. A invenção dos dispositivos pedagógicos sobre o meio ambiente. In: *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, vol. 5, n. 1, 2010, p. 11-26.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, Philippe Pomier (Coord.). **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: MMA, 2004, p. 25-34.

HENNING, Paula C.; MUTZ, Andresa S. C.; VIEIRA, Virgínia T. Possíveis ecos de Michel Foucault na Educação Ambiental. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andresa S. C.; VIEIRA, Virgínia T. (Org.). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018, p. 9-16.

HENNING, Paula C.; SILVA, Gisele R. Rastros da Educação Ambiental: o dissenso como potência criadora. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andresa S. C.; VIEIRA, Virgínia T. (Org.). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018, p. 151-162.

HENNING, Paula C. Límites y Posibilidades de la Educación Ambiental. In: **Bajo Palabra**. Portal de Revista Eletrônica UAM. Universidad de Murcia, Espanha, n. 17, 2017, p. 341-358. Disponível em: <https://revistas.uam.es/bajopalabra/article/view/8808> Acesso em 25/10/18.

HENNING, Clarissa C.; GARRÉ, Bárbara H.; HENNING, Paula C. Discursos da Educação Ambiental na mídia: uma estratégia de controle em operação. In: **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – REMEA**, vol. 25, julho-dez-2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3512> Acesso em 29/10/18.

HENNING, Paula C. **Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos: produção de saber e moral nas Ciências Humanas**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2079> Acesso em 25/02/19.

JARRY, Alfred. Outra apresentação de Ubu Rei. In: _____. **Ubu-Rei**. Tradução de Sergio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007, p. 33-35.

JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

LEME, José L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (Org.). **Cartografias de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 181-197.

LOUREIRO, Carlos F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

LOUREIRO, Carlos F. B; LAYRARGUES, Philippe P; CASTRO Ronaldo S. (Org.). **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LOUREIRO, Carlos F. B; LAYRARGUES, Philippe P.; CASTRO, Ronaldo S. (Org.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder – Introdução. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

MARQUES, Isabel R.; HENNING, Paula C. Discursos Ambientais e a (Re) produção de verdades. In: **Encontros e Diálogos com a Educação Ambiental**, 9 (2017), Rio Grande. **Anais ...**, Rio Grande, FURG, 2018, p. 421-429. Disponível em: <https://educacaoambiental.furg.br/todas-as-not%C3%ADcias/1087-anais-do-viii-e-ix-ede-a-2016-e-2017.html> Acesso em 29/10/18.

MARTINS, Thaís P. **As naturezas de Natura Ekos: vídeos publicitários constituindo sujeitos consumidores “sustentáveis”**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143381> Acesso em 25/02/19.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração da Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano**. Suécia, Estocolmo, 1972. Disponível em: <http://www.un-documents.net/aconf48-14r1.pdf> Acesso em 21/10/18.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Acordo de Paris**. Paris, 2015. Disponível em: <https://unfccc.int/process-and-meetings/the-paris-agreement/the-paris-agreement> Acesso em 23/10/18.

PINHEIRO, Josaine M. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3323> Acesso em 06/11/18.

REIGOTA, Marcos. **O que é a Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAMPAIO, Shaula M. V.; GUIMARÃES, Leandro B. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. In: **Revista Perspectiva**, Florianópolis, vol. 30, n. 2, maio-agosto, 2012, p. 395-409. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2012v30n2p395> Acesso em 29/10/18.

SARTORI, Alice S. T.; DUARTE, Claudia G. O Sujeito Lúdico Produzido pela/na Educação Matemática: interlocuções com o neoliberalismo. In: **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, vol. 31, n. 57, Rio Claro (SP), abril, 2017, p. 53-69. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-636X2017000100005&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 01/11/18.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental. In: SATO, Michèle; CARVALHO, Isabel C. M. (Org.). **Educação Ambiental: pesquisas e desafios**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 17-44.

SILVA, Lorena S. **Educação Ambiental e sua produção científica: tensionamentos, relações de força e produção de verdades**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, FURG, 2018. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000012308.pdf> Acesso em 27/02/19.

SILVA, Lorena S.; HENNING, Paula C. A Educação Ambiental e a sua produção científica: um olhar para as diferenças. In: **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**, Florianópolis, vol. 36, n. 3, jul-set. 2018, p. 978-991. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n3p978?fbclid=IwAR3KWc_EfcaE-Jk2E6G6UA9D7nK9uyJFE9BGUXyW0oTBIpKRVh4n3DMDt7U Acesso em 25/10/18.

SILVA, Lorena S.; GARRÉ, Bárbara H. Michel Foucault na Educação Ambiental: a produção científica do GT 22 da ANPED sob análise. In: HENNING, Paula C.; MUTZ, Andresa S. C.; VIEIRA, Virgínia T. (Org.). **Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018, p. 59-70.

SILVA, Tomaz T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUTO, Maria G. F. O riso e suas interdições na sociedade. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**. São Leopoldo, RS, ed. 367, ano XI, 2011, p. 21-23.

WEBER, Cássia M.; PINHEIRO, Josaine M.; SANTOS, Suelen A. Cartografia da (s) identidade (s) do professor de Matemática: mapa das densidades de sentido constituídas nas redes discursivas de sujeitos escolares. In: **Revista Eletrônica da Matemática (REMAT)**, Bento Gonçalves, RS, vol. 3, n. 2, 2017, p. 78-93.

Documentário:

American Experience: **Rachel Carson**. Direção de Michelle Ferrari. Produção: *PBS Productions*. *Collection: The Environment* EUA, 2017. Duração: 1'53". Sinopse disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/films/rachel-carson/> Acesso em 09/11/18.

Referências 5

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. 1 ed. São Paulo: Gaia, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010.

JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

LEME, José L. C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio (Org.). **Cartografias de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 181-197.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Anexos



NOTAS SOBRE O SABER DA EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PODER UBUESCO

Isabel Cristina Dalmoro**
Suelen Assunção Santos**

Resumo: ‘Experiência’ é entendida como aquilo que nos passa, que nos acontece e que nos toca. Em vista disso, esse relato de experiência toma o sentido de relato de um estudo que nos tocou, nos aconteceu e nos deixou vestígios. Assim sendo, a narrativa que segue refere-se a um relato de experiência sobre um estudo de Mestrado integrado à Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFRGS, que investiga como os efeitos dos discursos e das práticas sociais processadas em diferentes instâncias atuam na produção de verdades e de sujeitos, tendo como base a perspectiva pós-estruturalista. O estudo teve como objetivo examinar noções pertinentes à filosofia de Michel Foucault que servissem como ferramentas analíticas para lançar novos olhares sobre a Educação Ambiental. O propósito desse texto é apresentar como transcorreu o encontro entre a referida educação e a noção de poder ubuesco, mencionado pelo autor apenas nas duas primeiras aulas que integralizam a obra *Os Anormais* (1974-1975). Por conta deste encontro, tendo como base o método da Cartografia, em que se buscou apresentar os mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou, obteve-se como resultado a elaboração e a submissão de um artigo no qual a noção de poder ubuesco foi operada com o contexto da crise ambiental vigente. O presente relato abordará a experiência percorrida até a escrita do artigo submetido, apresentando os principais passos do percurso realizado.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Experiência. Poder ubuesco. Pós-estruturalista.

1 Apresentação

“Experiência” é entendida no sentido sustentado por Bondía (2002, p. 21), no qual é considerada como aquilo “que nos passa, nos acontece e nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Por conta disso, o presente relato de experiência assume o sentido de relato de um estudo porque nos tocou, nos aconteceu e nos deixou vestígios. Assim sendo, a narrativa a seguir resulta de um estudo de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEC/UFRGS. A pesquisa de Mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa que investiga as implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tendo como base autores que adotam a perspectiva pós-estruturalista. Nesse caso, trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo examinar noções da filosofia de Michel

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS); Bolsista CAPES.

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Doutora em Educação (UFRGS); Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS), Orientadora.

Foucault que possam ser operados analiticamente com a Educação Ambiental e que possam lançar novos olhares sobre ela. Para esse relato a noção escolhida é a do poder ubuesco. A referida noção foi comentada por Foucault explicitamente nas duas primeiras aulas que compõem a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975), nas quais o autor caracteriza o referido poder e seus possíveis efeitos a partir dos relatórios elaborados por peritos psiquiatras em matéria penal, sendo esse o contexto inicial da obra mencionada.

Trazemos à tona, primeiramente, como transcorreu o encontro entre a Educação Ambiental e a noção de poder ubuesco, que culminou na elaboração de um artigo em que sobreveio a operacionalização da referida noção no contexto da crise ambiental vigente. Em seguida, partimos para a breve apresentação do método escolhido para o exame da referida noção, no qual buscamos na Cartografia um modelo para a análise dos mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou. Para tanto, lançamos mão, como material empírico, de referenciais teóricos que impulsionaram a noção e que, de algum modo, a abordam e a problematizam. Por fim, apresentamos como resultado do estudo alguns elementos e considerações que integram o artigo produzido. Adiantamos que as noções mencionadas serão detalhadas ao longo da escrita, cabendo nesse momento uma breve apresentação.

O primeiro encontro com a noção de poder ubuesco aconteceu durante a leitura e estudos de textos no primeiro semestre de 2017 para a disciplina¹ denominada de “Estudo dirigido: interlocuções entre a Educação e Foucault”, ministrada pelas professoras Cláudia Glavam Duarte e Suelen Assunção Santos, concomitantemente com os estudos pertinentes ao grupo de estudos foucaultianos (GEEMCo²) que se reúne para aprofundamento e discussões das noções que integram a Linha de Pesquisa pós-estruturalista. Especificamente, foi durante a leitura do texto “A crise da governamentalidade e o poder ubuesco” de Leme (2008), cujo foco inicial era o estudo sobre a noção de governamentalidade, que o adjetivo ubuesco chamou-nos a atenção. De forma resumida, Leme (2008) vincula a noção de poder ubuesco ao princípio do terror mencionado por Foucault quando o autor trata da crise da governamentalidade na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980). Além disso, Leme (2008) apresenta um desdobramento da noção de poder ubuesco, impulsionando a noção de mentira ubuesca. Segundo o autor, a mentira ubuesca é “uma mentira invertida”. Em linhas gerais, trata-se de uma mentira que tanto o emissor quanto o destinatário sabem que o enunciado é falso. Por conta da relação estabelecida entre os textos e as noções em que Leme (2008) baseia sua escrita surgiram questionamentos como: Que poder é esse de que trata o autor? De

¹ As aulas desta disciplina ocorreram no Campus Litoral Norte da UFRGS.

² Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade (GEEMCo – UFRGS).



qual obra foucaultiana ele emergiu? Como Foucault caracterizou um poder de “ubuesco”? O que quer dizer o termo “ubuesco”? Como acontecem as relações em que o princípio do terror se evidencia? Como se dá a relação entre o princípio do terror e a noção de poder ubuesco?

Num primeiro momento a busca ocorreu no próprio texto de Leme (2008, p. 189), no qual o autor menciona a “mecânica ubuesca do poder” como uma falha mecânica na história do poder e que integra as estruturas do poder político, fazendo uso das palavras de Foucault extraídas da obra *Os Anormais* (1974-1975) para caracterizar o que seria o “ubuesco”, tal como citamos: “[...] a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz”. Prossegue Leme (idem), novamente citando a obra foucaultiana, de que o “ubuesco” é entendido como algo “grotesco”, que designa o fato de um indivíduo “deter por estatuto efeitos de poder dos quais a sua qualidade intrínseca deveria privá-lo”. Naquele momento as descrições apresentadas por Leme (2008) ainda eram insuficientes para caracterizar e compreender o poder ubuesco³, pois queríamos mais do que as informações fornecidas. Por conta disso acionamos a busca pela internet a partir do termo ubuesco, o que nos remeteu a seguinte descrição⁴: “[...] o adjetivo ubuesco se usa para qualificar as situações absurdas, grotescas, arbitrárias”. Além disso, no site pesquisado, nos deparamos com a menção da obra de Jarry (1873-1907), autor da peça teatral intitulada *Ubu-roi*⁵ (1896), da qual o adjetivo ubuesco teria sido derivado. Tendo como referencial teórico a obra foucaultiana mencionada por Leme (2008), qual seja, *Os Anormais* (1974-1975) e a peça *Ubu-roi* (1896) iniciamos a pesquisa para o exame da noção de poder ubuesco. Contudo, ainda não tínhamos ideia da abrangência da referida noção, muito menos se ela poderia ser utilizada para operar com a Educação Ambiental. O que só foi possível realizar na retomada do texto de Leme (2008), após termos percorrido parte do estudo. O que tínhamos era a curiosidade inicial que move tanto pesquisadoras como filósofas, remontando o espanto diante do que consideramos novo.

Salientamos que pelo ponto de vista dos estudos foucaultianos a noção de verdade é considerada como algo que emerge dos “jogos de verdade”. A verdade diz respeito “não a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso” (REVEL, 2011, p. 149). De acordo com Foucault:

³ Acerca do adjetivo ubuesco, há na tradução utilizada da obra foucaultiana uma nota [nº 20] que descreve sucintamente o termo. Para o estudo, consideramos o conteúdo desta nota insuficiente.

⁴ Disponível em: < <http://etimologias.dechile.net/?ubuesco> > Acesso em 08/04/18.

⁵ Ubu-rei ou Rei Ubu.



[...] é que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder. [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (1979, p. 12).

Para mais, a noção de discurso, na perspectiva foucaultiana, se apresenta como “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns” (REVEL, 2011, p. 41). Isso significa dizer que ao se tomar o discurso como um conjunto de enunciados, se relaciona a prática discursiva não como um ato de fala ou com a ação de pronunciar discursos, mas condiz com as práticas discursivas que “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2016, p. 93).

2 O método baseado na Cartografia e a caracterização do ubuesco

Inicialmente, há de se dizer que somente depois de parte da pesquisa realizada é que nomeamos o método que deu embasamento ao estudo do poder ubuesco, a saber, a Cartografia. Isso deu-se por conta das características percebidas que permeiam tanto o modo como a pesquisa estava ocorrendo como as que caracterizam o método da Cartografia. De forma resumida, “a Cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção” (KASTRUF, 2015, p. 32). Ou, como sustenta Rolnik (2011, p. 26) “a Cartografia vai se fazendo ao mesmo tempo em que certos afetos foram revisitados (ou visitados pela primeira vez), e que um território foi se compondo para eles”. Dessa forma, o método da Cartografia toma o significado de um acompanhamento de percursos, cartografando as movimentações e alterações que abarcam mudanças, fazendo com que o método seja construído ao longo do percurso em que a pesquisa acontece, ressignificando os sentidos. No caso, é o processo de produção dos sentidos da categoria do ubuesco que o método adotado, baseado na Cartografia, investigou.

Além do mais, conforme Barros e Passos (2015, p. 172), “o trabalho de pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar”, pois isso permite a análise das implicações que se cruzam no método da pesquisa, servindo como um possível “disparador de desdobramentos da pesquisa” (idem). Por esse motivo, numa espécie de registro do processo de pesquisa realizado e da experiência que nos tocou, é que elaboramos o presente relato. Desta experiência, trazemos, a seguir, uma



breve narrativa em que apresentamos a caracterização da noção de poder ubuesco partindo da obra que primeiro a impulsionou, a saber, a peça *Ubu-roi* (1896).

A peça *Ubu-roi* (1896) é composta por cinco atos que contam as peripécias de Pai Ubu que, junto com a esposa Mãe Ubu e seus súditos, trama e executa o assassinato do soberano da Polônia, rei Venceslau. Ao assumir o trono por meio deste assassinato, Pai Ubu se proclama rei Ubu. Logo depois de ter assumido o cargo que não era seu por direito, os mandos e desmandos do rei Ubu são marcados pela tirania acentuada pelo terror imposto aos seus súditos e pela covardia do personagem. Um exemplo disso é quando ordena o aumento e o pagamento de impostos dos camponeses em troca de suas vidas: “ Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça! ” (JARRY, 1986, p. 85). Além disso, por conta das falas, Pai Ubu carrega um tipo de humor às avessas, num tom sarcástico e grosseiro, como quando aparece em cena trazendo em suas mãos uma escova de limpar privadas como se fosse um cetro e grita: “E vocês logo vão gritar viva o Pai Ubu! ” (idem, p. 35). Por conta das cenas em que ocorrem os diálogos *ubesianos*⁶, de acordo com Fernandes (2007, p. 11), a peça *Ubu-roi* (1896) inaugurou “uma forma inédita de humor, baseada na incongruência das ações e na incoerência das falas do protagonista”. Cabe ressaltar que o sentido do riso nesse contexto é o da ironia, num sentido de riso incomodado com a situação apresentada. Ademais, Jarry (2007) destaca que as cenas de *Ubu-roi* (1896) podem acontecer tanto na Polônia, como em Lugar Nenhum. Por “Lugar Nenhum”, segundo o autor, entende-se que “[Lugar Nenhum] fica em toda a parte e, antes de mais nada, o país onde nos encontramos” (JARRY, 2007, p. 33). Desse modo, consideramos que Lugar Nenhum perpassa o tempo e o espaço. Ademais, do exposto percebemos a conotação do personagem Pai Ubu com o adjetivo ubuesco. Ainda, o mencionado adjetivo é utilizado como um sinônimo para o grotesco, o absurdo ou o caricato e aproximou a obra de Jarry (1873-1907) com a filosofia de Foucault (1926-1984), quando esse adjetivo é empregado para caracterizar uma nova categoria de poder: o poder ubuesco.

No seguimento do processo de produção da noção de poder ubuesco, dando continuidade ao estudo, passamos para a leitura e estudo da obra de Foucault (2010) em que o poder ubuesco é citado: *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975). Em linhas gerais, nas aulas que compõem a referida obra, o autor elenca noções que possibilitaram a formação da concepção de anormalidade, como também discorre sobre a articulação entre os três elementos que constituíram a categoria dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o

⁶ Grifo nosso.



onanista [criança masturbadora]. Entretanto, acerca do poder ubuesco, é somente nas duas primeiras aulas do Curso de 1974-1975 que o autor faz referência a essa categoria de poder. Nessas aulas, tendo como contexto os relatórios dos peritos psiquiátricos em matéria penal, Foucault (2010) vale-se do termo ubuesco como um sinônimo para o grotesco. Nesse sentido se ocupa da etimologia do ubuesco para falar sobre um tipo de discurso:

Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido [...] (FOUCAULT, 2010, p. 11).

De acordo com Foucault (2010), os discursos mencionados na citação acima que impulsionam o poder ubuesco apresentam três propriedades numa mesma argumentação e que, por conta disso, merecem um pouco de atenção. As três propriedades contidas nesse tipo de discurso são: o poder de determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo, e no limite disso, o poder de vida e de morte; o poder de verdade – validado pela instituição judiciária – e o poder de fazer rir. Cabe dizer novamente que o sentido do riso do qual estamos falando é o de um riso incomodado, tendo em vista ser oriundo de um humor grotesco, sarcástico e sombrio.

Por conta desse tipo de discurso, Foucault (2010), valendo-se da condição dada por Jarry (2007) de que Lugar Nenhum fica em toda a parte, elenca algumas figuras que remetem ao personagem Pai Ubu, como por exemplo, o Ubu burocrata, que faz parte da administração moderna e o Ubu douto, que fala de maneira erudita por pertencer à instituição judiciária. Para mais, Foucault (2010) caracteriza o perito psiquiatra em matéria penal como um personagem Ubu por causa do poder que a ele foi conferido por pertencer a uma instituição, no caso, a judiciária, e por conta dos relatórios elaborados em que esse faz uso de termos que remetem não a um fornecimento de um diagnóstico acerca da loucura ou da doença, mas a um diagnóstico de criminalidade. Trata-se de um discurso que é ao mesmo tempo um discurso que tem o poder de vida e morte [de tirar ou não a liberdade do outro] e de fazer rir. Um tipo de riso que encontra na ironia sentida pelo receptor do discurso a sua abrangência, por conta dos termos utilizados nos referidos relatórios que o professor Foucault (2010) leu em aula. São termos do tipo “preguiça”, “maldade”, “obstinação”, “orgulho”, entre outros que são utilizados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para dar razões aos crimes cometidos pelos réus. Esses termos desqualificam os peritos enquanto cientistas, dado que são considerados como elementos “caducos, ridículos ou pueris” (FOUCAULT, 2010, p. 28).

Ademais, esse tipo de poder é exercido por uma soberania arbitrária⁷, capaz de ao mesmo tempo desqualificar quem está falando e fazer com que a dominação continue. Isso por conta de uma atuação que provoca o terror. A desqualificação de que fala Foucault (2010) é em relação ao perito psiquiatra em matéria penal a quem não caberia fornecer esse tipo de diagnóstico e conseqüentemente dar uma punição. Se assim o faz, é por estar ocupando um lugar que é alicerçado pela instituição judiciária. Do mesmo modo, ao Pai Ubu não caberia estar no lugar de rei da Polônia, por não ser qualificado para tanto. Nesse sentido, é que Foucault (2010) se refere ao poder ubuesco como uma engrenagem inerente aos mecanismos de poder. Em suas palavras:

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, deve-ser-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2010, p. 11).

A partir das caracterizações encontradas até aquele momento acerca do poder ubuesco, retomamos o texto de Leme (2008) em mais um movimento da referida noção. Ao tratar da noção de governamentalidade, Leme (2008) impulsiona um desdobramento para o poder ubuesco, a saber, a mentira ubuesca. Antes, cabe dizer que compreendemos a governamentalidade como “uma arte de governar cuja racionalidade tem por princípio e campo de aplicação o funcionamento do Estado: a ‘governamentalidade’ racional do Estado” (REVEL, 2011, p. 74). Em linhas gerais, trata-se de um conjunto de procedimentos que constituem a maneira de governar. Dentre esse conjunto de procedimentos, Leme (2008) traz de Foucault (2014) os cinco princípios⁸ que estão subtendidos na relação que há entre a arte de governar e os jogos de verdade ligados ao pensamento político, que são: o princípio da racionalidade, em que a verdade está fundada na racionalidade estatal; princípio da evidência, no qual é a verdade das coisas que deve governar; princípio da especialização, em que a ideia de verdade é resultado de um conhecimento pericial; princípio da consciência, pelo qual a verdade é imposta por um conjunto de especialistas e o princípio do terror, cuja eficácia do terror é proporcional à sua notoriedade, à sua verdade.

A notoriedade pretendida pelo princípio do terror é que faz com que ele se manifeste e não se esconda. Pelo princípio do terror, no exercício do poder, o governante não oculta o que

⁷ Por vezes, Foucault chama a soberania grotesca de soberania infame ou de soberania arbitrária. Entendemos que as três qualificações possuem o mesmo sentido.

⁸ Para mais, esses princípios são abordados por Foucault (2014) na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980).



está acontecendo, pois sabe que o governado não ignora a situação. Desse modo, de um lado tem-se o governo fortalecido pela exibição do modo como funciona; por outro, o governado ciente daquilo que se passa. E por ter conhecimento do modo como as coisas funcionam, quando assinaladas pelo princípio do terror, não havendo uma resposta racionalmente possível é que as coisas não se modificam (FOUCAULT, 2014, p. 16).

A partir disso, numa espécie de vazio, emerge aquilo que Leme (2008) chama de mentira ubuesca. Conforme já dito, a mentira ubuesca tem a ver com a “mentira invertida”, em que tanto o orador quanto o ouvinte sabem que o enunciado é falso. Nesse caso, o orador está exercendo seu poder ubuesco, pois ao emitir uma mentira desqualifica-se como interlocutor, não permitindo que o destinatário exerça seu direito de resposta de maneira racional.

Após termos alcançado esse ponto do estudo, em que os movimentos e alterações da noção de poder ubuesco puderam ser percebidas, passamos para a operacionalização com a referida noção. Primeiramente, operamos analiticamente com a noção no âmbito da política mundial. Política na acepção de arte e ciência de governar o Estado. Nesse contexto, trouxemos à tona dois personagens que, por conta das caracterizações e discursos, remetem não somente ao uso do poder ubuesco em suas relações de governo, mas chamam a atenção pela paridade com o personagem criado por Jarry (1986). Em seguida, o desafio consistiu em operar analiticamente com a noção de poder ubuesco na crise ambiental vigente. A operação da noção de poder ubuesco nos dois campos acima mencionados é apresentada brevemente nas discussões e resultados, a seguir.

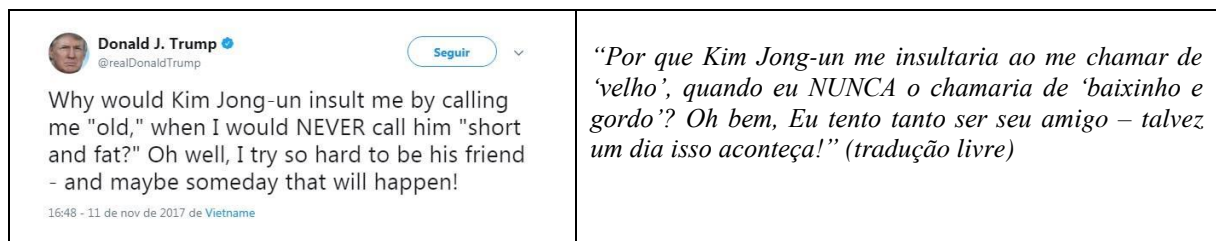
3 Discussões e resultados

Trazer a noção de poder ubuesco para operacionalização no âmbito da política mundial foi o passo seguinte no andamento do estudo. Entendemos que, por conta da pesquisa realizada, as relações de poder que envolvem o poder ubuesco poderiam ser demonstradas por meio de fatos ocorridos no âmbito mundial que todos nós, em algum momento, tivemos acesso e que por isso se qualificaram para ilustrar o tipo de relação de poder que a noção abarca. Mais que isso, encontramos no cenário mundial uma figura política que personifica o Pai Ubu. Estamos falando do presidente eleito dos Estados Unidos da América, Donald Trump.

Desse modo, buscamos na internet, especificamente em uma das redes sociais⁹ de Donald Trump, elementos que corroborassem as três propriedades elencadas por Foucault (2010) que compõem o poder ubuesco. Dentre as postagens do presidente norte-americano, as que insultam o ditador norte-coreano Kim Jong-un são as mais contundentes. Aliás, por conta das referidas postagens e das respostas que vinham na mesma intensidade, percebemos a existência não somente de uma nova personificação do ubuesco, mas de duas.

Após o exame dos materiais encontrados, compreendemos que nos atos e nas enunciações de Donald Trump e Kim Jong-un se evidenciam as três propriedades que remetem ao modo como Foucault (2010) caracterizou o poder ubuesco. A primeira dessas propriedades envolve as recorrentes ameaças de lançamentos de mísseis em que os dois governantes, por meio de declarações e postagens, colocaram em risco a vida de milhões de pessoas, se as ameaças tivessem sido efetivadas. Tem-se nisso, traços que remetem a propriedade de vida e de morte, que é uma das características do poder ubuesco. Além disso, os dois possuem, às custas dos cargos que ora ocupam, o poder de verdade, um escolhido por eleitores de seu país e outro como herdeiro de um regime ditatorial. Para mais, possuem o poder de provocar o riso incomodado, o riso irônico que faz parte da tríade de propriedades do poder ubuesco, que pode ser percebido pelo conteúdo das mensagens trocadas entre ambos os governantes. Um exemplo disso pode ser a postagem em que Donald Trump apelida o ditador norte-coreano de “homenzinho foguete”, ou ainda quando o provoca chamando-o de “gordo” e “baixinho”. Esses insultos são parte da resposta de Donald Trump a Kim Jong-un após ter sido chamado de “americano senil mentalmente perturbado”. Conforme a Figura 1 abaixo:

Figura 1: Tuíte de Donald Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

Além do mais, esse tipo de insulto faz lembrar os xingamentos de Pai Ubu, em que o personagem usa termos como “Toma! Polaco, beberrão, bastardo, hussardo¹⁰, tártaro¹¹, pau-

⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/realdonaldtrump> >.

¹⁰ Soldado da cavalaria ligeira que deriva de “gussar” tendo como significação “ladrão de beira de estrada”, “salteador”. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hussardo> > Acesso em 11/04/18.

mandado, falso, espião, saboiano¹², comunistóide”! (JARRY, 1986, p. 136). Ou ainda, as expressões utilizadas nos insultos recordam os termos contidos nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para qualificarem os crimes cometidos pelos réus, conforme lido em aula por Foucault (2010, p. 6), como “invertidos”, “falastrão”, “cínico”, dentre outros.

Uma vez operado com a noção de poder ubuesco no âmbito da política mundial, o desafio seguinte consistiu em realizar a operação sobre a Educação Ambiental, sendo esse um dos objetivos da pesquisa de Mestrado em andamento. Para tanto, tomamos o contexto da crise ambiental vigente para a tarefa. Dado que já acompanhávamos as ações e as declarações que envolviam o presidente norte-americano, o personagem Ubu contemporâneo que tomamos para ilustrar o estudo e o artigo elaborado, encontramos novamente em suas postagens na rede social (*Twitter*) aquelas que possibilitaram a operacionalização com a noção de poder ubuesco. Num primeiro momento, o que acresce para a promoção do encontro com a Educação Ambiental foi a retirada do país governado por Donald Trump do Acordo de Paris. As razões indicadas para essa ação que foram apresentadas por Donald Trump em seus discursos e em suas postagens na rede social possibilitaram a ligação ao poder ubuesco. Duas declarações extraídas da reportagem que tem como título “Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática” (AHRENS, 2017) seguem como exemplo. A primeira quando afirmou: “admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, e a segunda: “fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]”.

Para marcar a categoria do ubuesco na operacionalização sobre a crise ambiental vigente, adotamos o desdobramento sugerido por Leme (2008) para a referida noção: a noção de mentira ubuesca. Novamente encontramos nas postagens de Donald Trump aquela que daria a sustentação para o estudo em andamento. A publicação selecionada foi a de que, para Donald Trump, o aquecimento global não seria resultante das atividades humanas, se tratando de “uma mentira inventada pelos chineses” para fazer com que a economia americana não continuasse a crescer. Para ele, a economia chinesa, situada em segundo lugar nos níveis mundiais que medem a economia, poderia superar a economia do país que ora governa. Por conta disso, a dita ameaça chinesa ou a estagnação da economia americana foram usadas como apelo aos eleitores do então candidato ao governo dos Estados Unidos da América.

¹¹ Provavelmente o xingamento tem conotação com os habitantes da região da Tartária. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tart%C3%A1ria>> Acesso em 11/04/18.

¹² Diz-se do habitante de Savoia, França. Fonte: < <https://pt.wiktionary.org/wiki/saboiano>> Acesso em 11/04/18.



Entendemos que ao fazer uso desse tipo de discurso, Donald Trump, durante a campanha eleitoral, lançou mão da mentira ubuesca, tendo essa implícitos a noção de poder ubuesco e o princípio do terror, como aludido anteriormente. Os questionamentos e problematizações acerca das declarações de Donald Trump constam com mais detalhes no artigo elaborado.

Para concluir o estudo foram apresentados dados oriundos de pesquisas científicas que atestam a alegação de que o aquecimento global tem em grande parte a influência das atividades humanas por meio do uso excessivo de combustíveis fósseis e do desmatamento de florestas, por exemplo. Além disso, nas cinco sessões do artigo elaborado, são apontados subsídios que indicam a abrangência do poder ubuesco envolvendo também os sujeitos não-humanos.

4 Conclusões

Ao longo desse relato de estudo, baseado no método da Cartografia, procuramos apresentar o acompanhamento do processo de produção da noção de poder ubuesco, numa atividade de investigação que envolveu, antes de tudo, dar atenção ao espanto provocado diante do novo. Em seguida, procuramos as pistas que levaram Foucault (2010) a caracterizar um poder de ubuesco e, por fim, retornamos ao texto Leme (2008) com o intuito de conectar a categoria do ubuesco e promover o encontro da referida noção com a Educação Ambiental. Entendemos que nas idas e vindas promovidas pelo estudo brevemente narrado, acompanhando a movimentação e as mudanças da noção de poder ubuesco, não damos como finalizado o processo. Desse modo, a experiência que nos passou, nos aconteceu e nos tocou se constitui como uma das etapas da pesquisa.

Para mais, consideramos a noção de poder ubuesco pouco explorada na perspectiva foucaultiana, pelo menos do modo como procuramos fazer ao longo do estudo, daí o caráter desafiador da pesquisa realizada. Por conta disso, entendemos que o acima exposto não esgota as possibilidades de operar analiticamente com a noção sobre a Educação Ambiental, visto que a pesquisa de Mestrado ainda se movimenta nesse sentido. Assim, defendemos o potencial da noção de poder ubuesco como uma ferramenta conceitual analítica capaz de fornecer elementos para a compreensão que ora se apresenta num contexto de crise ambiental, possibilitando provocações e interpelações aos sujeitos envolvidos para uma possível variação desta realidade.

NOTES ABOUT THE KNOWLEDGE OF EXPERIENCE: ENVIRONMENTAL EDUCATION AND UBUESCO POWER

Abstract: Experience is understood as what passes us, happens to us, and touches us. In view of this, this experience report takes the sense of a report of a study that touched us, happened to us and left traces in us. Therefore, the following narrative refers to an experience report about a master's degree study embedded to the Research line of the Postgraduate studies Program in Education in Sciences: Chemistry of Life and Health – UFRGS, that investigates how the effects of the speeches and social practices processed in different instances act in the production of truths and subjects, having as base the poststructuralist perspective. The study had as objective to examine notions pertinent to the Michel Foucault's philosophy that worked as analytical tools to give new looks about Environmental Education. The purpose of this text is to present how happened the meeting between the referred education and the notion of ubuesque power, mentioned by the author only in the two first classes that integrate the work *Abnormal* (1974-1975). On account of this meeting, having as base the Cartography method, in which it was sought to present the maps of senses that the ubuesque category reached, it was obtained as result the elaboration and submission of a paper in which the notion of ubuesque power was operated with the context of the present environmental crisis. This report will approach the experience traveled until the writing of the submitted paper, presenting the main steps of the accomplished course.

Keywords: Environmental Education. Experience. Ubuesque Power. Poststructuralist.

Referências

ALVAREZ, J., PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial – Pista 7. In: PASSOS, E., KASTRUF, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-149.

BARROS, R.B., PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUF, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200.

AHRENS, J. M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, junho/2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em:< https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html> Acesso em 12/04/18.

BONDÍA, L. J. Notas sobre a experiência e o saber experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. Jan-abril, 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 06/03/18.

FERNANDES, S. Alfred Jarry. In: JARRY, A. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

FOUCAULT, M. **Os Anormais:** curso no Collège de France, 1974-1975. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



_____. **Do Governo dos Vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980. Tradução de Eduardo Brandão. 1 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

JARRY, A. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

_____. Outra apresentação de Ubu Rei. In: JARRY, A. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

_____. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1.ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

KASTRUF, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo – Pista 2. In: PASSOS, E., KASTRUF, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LEME, J. L.C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M., VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Org.). **Cartografias de Foucault**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas de um desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.



Crise Ambiental e a “mentira inventada pelos chineses”: problematizações foucaultianas sobre o poder ubuesco

Isabel Cristina Dalmoro¹
Suelen Assunção Santos²

Resumo: Esse artigo é um recorte da pesquisa de Mestrado que tem como objetivo examinar conceitos pertinentes à filosofia de Michel Foucault que possam ser operados analiticamente com a Educação Ambiental. O conceito escolhido para esse texto, enquanto ferramenta de análise, é o do poder ubuesco. O conceito de poder ubuesco foi mencionado por Michel Foucault somente nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975). Para examinar o referido conceito, a pesquisa baseia-se no método da Cartografia, na qual se buscará apresentar os mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou, operando com o contexto da crise ambiental vigente.

Palavras-chave: Crise ambiental. Poder ubuesco. Mentira ubuesca.

Environmental Crisis and the “lie invented by the Chinese”: Foucaultian problematizations about the ubuesque power

Abstract: This paper is a part of a Master’s degree research that aims to examine concepts pertinent to Michel Foucault’s philosophy that to be operated analytically with Environmental Education. The concept chosen for this paper, as a tool of analysis, is the ubuesque power. The concept of ubuesque power was mentioned by Michel Foucault only in the first two classes that integrate the work *Abnormal* (Lectures at the Collège de France 1974-1975). To examine the referred concept, the research is based in the Cartography method, wich will seek to present the maps of the senses that the ubuesque category reached, operating with the context of the present environmental crisis.

Keywords: Environmental Crisis. Ubuesque Power. Ubuesque Lie.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS); Especialista em Educação Ambiental (FURG); Licenciada e Bacharela em Filosofia (UFRGS). Bolsista CAPES. E-mail: isadalmoro.filosofia@gmail.com

² Doutora em Educação (UFRGS); Mestre em Educação (UFRGS); Especialista em Tutoria EAD (UFRGS); Licenciada em Matemática (UFRGS); Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS); Professora do PPG em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS). E-mail: suelenass@me.com

Crisis Ambiental y la "mentira inventada por los chinos": problematizaciones foucaultianas sobre el poder ubuesco

Resumen: Este artículo es un recorte de la investigación de Maestría con propósito de examinar conceptos pertinentes a la filosofía de Michel Foucault que pueden ser operados analíticamente con la Educación Ambiental. El concepto elegido para ese texto, como herramienta de análisis, es el del poder ubuesco. El concepto de poder ubuesco fue mencionado sólo en las dos primeras clases que integran la obra *Los Anormales* (Curso en Collège de France 1974-1975). Para examinar este concepto, la investigación se basa en el método da Cartografia, en la que se buscará presentar los mapas de los sentidos que la categoría del ubuesco alcanzó, operando con el contexto la crisis ambiental vigente.

Palavras-clave: Crisis ambiental. Poder ubuesco. Mentira ubuesca.

PRÓLOGO [...] eu mudei o governo e mandei publicar no jornal que todos os impostos serão pagos duas vezes, ou mesmo três, no caso dos que forem designados posteriormente. Com esse sistema, logo, vou fazer fortuna, daí mato todo mundo e me mando. [...] Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça! Cornorvalho, sou rei ou não sou? (Pai Ubu, Terceiro Ato, Cena 4).

1. Uma Apresentação

O artigo que segue faz parte da pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que tem como objetivo examinar conceitos pertinentes à filosofia de Michel Foucault que possam ser operados na Educação Ambiental. O conceito escolhido para esse texto é o do poder ubuesco³. O poder ubuesco é mencionado por Michel Foucault somente nas duas primeiras aulas que integram a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975), nas quais caracteriza o referido poder e seus possíveis efeitos nos relatórios dos peritos psiquiátricos em matéria penal, sendo esse o pano de fundo para a obra supracitada. Além disso, a obra *Os Anormais* (1974-1975) é composta por 11 aulas desenvolvidas para o estudo sobre as noções que permitiram a formação do conceito de anormalidade, a partir da articulação entre os três elementos que constituíram o grupo dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o onanista. Para examinar o conceito de poder ubuesco, essa pesquisa baseia-se no método da Cartografia, na qual se buscará apresentar os mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou seguindo a proposta sugerida por Foucault (2010, p. 11) ao afirmar que

³ Nosso agradecimento ao Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade – (GEEMCo /UFRGS) – que possibilitou o primeiro encontro com a noção de poder ubuesco.

esse exame mereceria ser feito “dentro de uma análise histórico-política”. Dito isso, expõe-se a composição do artigo. Tal como a peça *Ubu-roi*, representada em cinco atos e que impulsiona o conceito de poder ubuesco, o artigo é composto por cinco seções, incluindo essa que o apresenta e que trata da sua disposição. A Segunda seção visa a caracterização do conceito de ubuesco, abordando tanto a peça supracitada, como as aulas ministradas por Michel Foucault, em que esse é mencionado. Na Terceira seção traz-se o desdobramento do poder ubuesco no conceito de mentira ubuesca, a partir do artigo de José Luís Câmara Leme (2008). Na Quarta seção examina-se um prolongamento do poder ubuesco e os efeitos desse em aspectos da crise ambiental vigente. A Quinta seção apresenta algumas considerações acerca do artigo. Adianta-se que para a perspectiva foucaultiana ao se tratar do conceito de verdade deve-se levar em conta que essa emerge dos “jogos de verdade”, isto é, refere-se “não a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso”, segundo Revel (2005, p. 87). Ou ainda, conforme Foucault:

[...] é que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder. [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (1979, p. 12).

Ainda, o conceito de discurso dentro dessa perspectiva diz respeito a “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns” (REVEL, 2005, p. 37). Em linhas gerais, ao se tomar o discurso como um conjunto de enunciados, se relaciona a prática discursiva não como um ato de fala ou com a ação de pronunciar discursos, mas tem a ver com as práticas discursivas que “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2016, p. 93). Isso posto, passa-se para o exame do conceito de poder ubuesco e seus efeitos na sociedade contemporânea dentro de uma análise histórico-política, cunhando o que propôs Michel Foucault.

2. A caracterização do ubuesco: Pai Ubu e Lugar Nenhum

O ano é 1896. Pai Ubu entra em cena em 10 de dezembro no Théâtre de l’Oevre, Paris. A peça é *Ubu-roi* de Alfred Jarry (1873-1907). Os fragmentos expostos no *Prólogo* mostram brevemente a fala do Rei Ubu aos camponeses dos arredores de Varsóvia (Polônia) após ter assassinado o seu antecessor, rei Venceslau, e assumido o poder em seu

lugar. Por conta deste crime Pai Ubu agora é o Rei Ubu. No dia 11 de dezembro de 1896, a noite seguinte da data de estreia da peça, *Ubu-roi* sai de cena. Duas apresentações e “uma história de transgressões, ainda que seu protagonista tenha perdido o caráter diabólico, graças a competição desleal da cena contemporânea”, nas palavras de Fernandes (2007, p. 27), concedem ao Pai Ubu a personificação do grotesco. De acordo com as passagens apresentadas no *Prólogo*, ao ordenar o aumento e o pagamento de impostos dos camponeses em troca de suas vidas, como “Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça!” (JARRY, 1986, p. 85), o Rei Ubu pode ser descrito como um personagem grotesco e amoral. Por conta de outros fragmentos da peça, o Rei Ubu é caracterizado como um cômico truculento, ou seja, um bufão que faz rir por conta do ridículo, situação percebida já em momentos iniciais da peça quando, em tom irônico, faz um elogio à Mãe Ubu: “Pela bela vela verde, é verdade. Estou morto de fome. Mãe Ubu, você hoje está bem feia. É por causa das visitas, é?” (JARRY, 1986, p. 30). Ou quando aparece, em outro momento da mesma cena, portando uma escova de limpar privadas como se fosse um cetro e grita: “E vocês logo vão gritar viva o Pai Ubu!” (idem, p. 35). Por causa dessas citações e de outras tantas que integram os episódios nos quais acontecem os diálogos *ubesianos*⁴, a peça *Ubu-roi* inaugura “uma forma inédita de humor, baseada na incongruência das ações e na incoerência das falas do protagonista”, de acordo com Fernandes (2007, p. 11). Além disso, a peça que tem como protagonista um rei tirano, lembrando a tirania do rei Macbeth de Shakespeare, é repleta de passagens em que “o riso é usado para agredir e ofender os espectadores, em lugar de buscar sua cumplicidade na crítica a uma personagem aberrante” (ABIRACHED⁵, 1994, p. 191 apud FERNANDES, 2007, p. 12). O riso provocado nos espectadores é um riso irônico, um riso incomodado, proveniente de um humor sombrio, sarcástico e grotesco. Tal é o sentido do riso que será considerado nesse texto⁶.

No discurso pronunciado na Conferência de Abertura da noite da estreia de *Ubu-roi*, Jarry (1986, p. 147) destaca que o local pensado para os episódios da peça remete à Polônia, ou a Lugar Nenhum. Há, também, a indicação de que o cenário da peça é o Lugar

⁴ Grifo nosso.

⁵ ABIRACHED, Robert. *Une abstraction quei marche*. In: *La crise du personnage dans le théâtre moderne*. Paris: Gallimard, 1994.

⁶ Segundo Aristóteles, ao se tratar da comédia, o ridículo pode ser dramatizado, mas aquilo que for moralmente reprovável é caracterizado como horrível. Em suas palavras: “A comédia é, como dissemos, imitação [*mimesis*] de pessoas piores, mas não tendo em vista toda a sorte de maldade, e sim só até o ponto que o ridículo faz parte do feio. O ridículo é, portanto, um erro misturado com a feiura, o qual não provoca nenhum sofrimento e nenhum estrago, assim como a máscara ridícula é horrível e desfigurada, sem, no entanto, ter a expressão de dor” (ARISTÓTELES, POÉTICA 1449^a, 32 apud GEIER, 2011, P. 33).

Nenhum⁷ em outro texto escrito pelo autor, qual seja: *Outra apresentação de Ubu rei*. Nesse texto⁸, segundo Jarry (2007, p. 33), “Lugar Nenhum fica em toda a parte e, antes de mais nada, o país onde nos encontramos”. Desse modo, considera-se que Lugar Nenhum perpassa o espaço e o tempo. O Rei Ubu pode estar e ser de qualquer lugar. E seguindo o dito de que “na arte como na vida há apenas figurinos que se repetem”, como afirma Tostes (1987, p. 14), passados 79 anos desde as duas apresentações da peça *Ubu-roi*, Michel Foucault traz à tona Pai Ubu em duas de suas aulas. Para tanto, vale-se do adjetivo ubuesco, que tem conotação com o personagem Ubu⁹, utilizando-o como sinônimo para o grotesco, quando é empregado para caracterizar uma nova categoria de poder: o poder ubuesco.

2.1 Foucault e o poder ubuesco

08 de janeiro de 1975. Michel Foucault leciona no Collège de France. A aula inicial do curso começa com a leitura de dois relatórios de exames psiquiátricos em matéria penal. O primeiro deles data de 1955 e o segundo de 1974 – um ano antes do início do curso. Esse último é sobre três homens que foram acusados de chantagem num caso sexual. Foucault lê para os estudantes o relatório sobre dois destes homens. Eis:

Um, digamos X., “intelectualmente, sem ser brilhante, não é estúpido; encadeia bem as ideias e tem boa memória. Moralmente, é homossexual desde os doze ou treze anos, e esse vício, no começo, teria sido uma compensação pelas zombarias de que era vítima quando, criança, criado pela assistência pública, estava na Mancha [o departamento francês – M.F.]. Talvez seu aspecto afeminado tenha agravado essa tendência à homossexualidade, mas foi a ganância que levou X. a praticar a chantagem. X. é totalmente imoral, cínico, falastrão até. Há três mil anos, certamente teria vivido em Sodoma e os fogos do céu com toda a justiça o teriam punido por seu vício. Devemos reconhecer que Y. [a vítima da chantagem de – M.F.] teria merecido a mesma punição. Porque, afinal de contas, ele é idoso, relativamente rico e não tinha mais a propor a X., senão instalá-lo numa boate de invertidos, de que ele seria o caixa, abatendo progressivamente o dinheiro investido na compra do estabelecimento. Esse Y., sucessiva ou simultaneamente amante masculino ou feminino, não se sabe, de X., causa desprezo e náusea. X. ama Z. Só vendo o ar afeminado de um e de outro para compreender que

⁷ Para se ter em mente que Lugar Nenhum é uma referência ao que foi dito por Alfred Jarry, as iniciais dos termos serão mantidas em maiúsculo. Assim, toda vez que ocorrer a citação Lugar Nenhum a compreensão deverá ser como um lugar qualquer no mundo.

⁸ Texto publicado com o título de Ubu rei na brochura-programa editada pela revista *La critique* para o Théâtre de L’Ouevre e distribuída aos espectadores (JARRY, 2007, p. 33-35).

⁹ Conforme nota 20: o adjetivo “ubuesco” foi introduzido em 1922, a partir da peça de A. Jarry, *Ubu roi*, Paris, 1896. Ver Grand Larousse, VII, 1978, p. 6139: “Diz-se do que, por seu caráter grotesco, absurdo ou caricato, lembra o personagem Ubu”; Le Grand Robert, IX, 1985², p. 573: “Que se assemelha ao personagem Ubu rei (por um caráter comicamente cruel, cínico e covarde ao extremo). (FOUCAULT, 2010, p.25). Ou ver: <http://etimologias.dechile.net/?ubuesco> Acesso em 25/10/17.

tal palavra pode ser empregada quando se trata de dois homens tão afeminados que não é mais em Sodoma, mas em Gomorra, que deveriam viver” (FOUCAULT, 2010, p. 6).

Segundo Foucault (2010, p. 7), os relatórios elaborados pelos peritos contendo os exames psiquiátricos em matéria penal e lidos em aula fazem parte de um tipo raro de discurso por apresentarem três propriedades numa mesma alegação, quais sejam: o poder de determinar a liberdade ou a detenção do indivíduo, e no limite, o poder de vida e de morte; o poder de verdade – abalizado pela instituição judiciária –; e, por fim, o poder de fazer rir. Entende-se que no relatório acima, tendo a compreensão tácita de um discurso que contém o poder de penalizar um indivíduo com a supressão da liberdade deste, o poder de vida e de morte se encontra na expressão utilizada pelo perito psiquiátrico penal quando sugere que aos respectivos réus, por estarem envolvidos num crime de chantagem, caberia como condenação “viver em Sodoma e Gomorra”, remetendo às duas cidades destruídas pelo fogo. Por outro lado, o poder de verdade surge quando o perito psiquiátrico penal, na condição de representante da instituição judiciária e possuidor de conhecimento científico, sustenta que “foi a ganância que levou X. a praticar a chantagem. X. é totalmente imoral, cínico, falastrão até”. As qualidades atribuídas a X. remetem mais para a emissão de juízos de valor, como um exame da maneira de ser, do que a uma atestação científica, que é o que caberia ao respectivo profissional realizar. Por fim, retomando as propriedades elencadas por Foucault para o tipo de discurso em questão, o poder de fazer rir se percebe já no início do relatório apresentado na respectiva aula, estendendo-se ao longo de todo o relato, quando o perito psiquiátrico penal usa expressões como “X. moralmente, é homossexual desde os doze ou treze anos [...] talvez seu aspecto afeminado tenha agravado essa tendência à homossexualidade”. O riso que esse tipo de relato causa é o mesmo tipo de riso causado por Pai Ubu em seus espectadores, ou seja, um riso irônico e incomodado causado por um humor sombrio e sarcástico. Cabe dizer que nas expressões utilizadas pelos peritos psiquiatras, nos discursos acerca dos exames em matéria penal, ocorre um processo de dobras sobre a infração cometida, por conta de:

[...] toda uma série de outras coisas que não são o delito mesmo, mas uma série de comportamentos, de maneiras de ser que, bem entendido, no discurso do perito psiquiatra, são apresentadas como a causa, a origem, a motivação, o ponto de partida do delito (FOUCAULT, 2010, p. 14).

Trata-se de uma análise que possibilita passar do exame do ato ao exame da conduta, da transgressão à maneira de ser, deslocando o nível da realidade da infração, “pois o que essas condutas infringem não é a lei, porque nenhuma lei impede ninguém de

ser desequilibrado afetivamente, nenhuma lei impede ninguém de ter distúrbio emocionais” (FOUCAULT, 2010, p. 15). Segundo Foucault, o que acontece de mais grave é que o judiciário deve punir a própria coisa: o ato, e não a conduta. Ao colar a conduta ao ato, por meio de expressões que remetem às qualificações morais do tipo “imoral”, “cínico”, “falastrão” ou “invertidos”, Foucault (idem) defende que esse modelo de discurso evidencia um duplo-sucessivo, representado pela constituição de “um duplo psicológico-ético do delito”, que acontece quando o delito tem por detrás um duplo que o descaracteriza como uma infração no sentido legal do termo. Assim, os discursos judiciários oriundos dos exames psiquiátricos-penais, tal como expostos na supracitada aula, por serem vistos como discursos de verdade e que, ao mesmo tempo fazem rir, merecem, conforme Foucault (2010), um pouco de atenção. Esse tipo de discurso é alheio a todas as regras e possui a propriedade de ser grotesco – ou se quiserem, a propriedade de ser ubuesco. Foucault se vale de que aquilo que acontece com Pai Ubu pode acontecer em Lugar Nenhum e traz para o discurso judiciário psiquiátrico em matéria penal a literatura de Alfred Jarry (1896). Assim, se ocupa da derivação ubuesco como um sinônimo para o grotesco. E ressalta:

Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido (FOUCAULT, 2010, p. 11).

Foucault se distancia da categoria de injúrias do ubuesco – isto é, das injúrias do tipo que podem ser ilustradas pelas ofensas do Pai Ubu à sua esposa quando a acusa de ladra de toda a riqueza conquistada por meio da exploração aos súditos- para pensar no ubuesco em sua forma ampla, que abrange tanto a figura do soberano arbitrário¹⁰ como os procedimentos que envolvem a burocracia da máquina administrativa do poder. Como afirma:

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, deve-ser-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2010, p. 11).

¹⁰ Foucault (2010, p.12) cita exemplos de personagens históricos como representantes da engrenagem do poder ubuesco, como os imperadores romanos, desde Nero a Heliogábalo. Personalidades que além de deter o poder enquanto soberanos possuíam, dentre outras características, em sua pessoa, em sua realidade física, em sua sexualidade, em sua maneira de ser, um personagem infame, grotesco, ridículo.

A partir da caracterização desta soberania grotesca¹¹ emerge uma categoria de poder que desqualifica quem está falando, mas que ainda é capaz de dominar: a categoria ubuesca, ou grotesca. Nessa engrenagem do poder, quem detém o poder utiliza-se da desqualificação do próprio discurso para dominar, valendo-se de uma atuação que provoca o terror na qual “o poder se dava nessa imagem de provir alguém que estava teatralmente disfarçado, desenhado como um palhaço, como um bufão de feira” (FOUCAULT, 2010, p. 12). Por conta disso, essa categoria do grotesco, ou do ubuesco, não pode ser considerada uma falha mecânica do poder. Ela serve a quem está exercendo o poder, maximizando-o.

Dentro das possibilidades de Ubu estar em Lugar Nenhum, surgem figuras que remetem ao Pai Ubu. Como a figura do Ubu burocrata, que faz parte da administração moderna e é tido como “um procedimento inerente à burocracia aplicada” (FOUCAULT, 2010, p. 12). Por ele, pelo Ubu burocrata, passa o funcionamento da administração pública, da máquina administrativa. Ademais, tal como leu Foucault em aula, o discurso instituído pela justiça, que tem o poder de vida e morte, e é dito de forma solene, remete a um Ubu que fala doutamente. É o Ubu douto porque fala de modo erudito. Outra personagem que emerge é o Ubu do psiquiátrico-penal, encontrado no discurso do perito psiquiatra, do médico judicial. Esse tema será abordado por Foucault na aula seguinte, quando passa para o exame das condições que tornam possível o poder ubuesco, uma vez inserido na sociedade de regulação e controle. Nesse caso, a regulação e o controle são representados pela instituição judiciária penal, na figura do perito psiquiatra, que opera sobre comportamentos que possam ser apontados como perigosos. Ou que possam ser ditos como normais ou anormais.

15 de janeiro de 1975. Michel Foucault inicia mais uma de suas aulas no Collège de France. Retoma o tema sobre exames médico-legais, sustentando que nos discursos elaborados pelos peritos psiquiatras, conforme apresentado, aparecem noções ligadas à perversidade quando justificam os atos cometidos pelo réu, utilizando termos do tipo “preguiça”, “orgulho” ou “maldade”. Esses elementos, segundo Foucault (2010, p. 28) são trazidos como “manifestamente caducos, ridículos ou pueris”. Tais elementos somados à perversidade indicam o caráter propriamente grotesco e ubuesco do discurso psiquiátrico-penal. Para Foucault:

[...] esse caráter ubuesco não está simplesmente ligado à pessoa dos que o pronunciam, nem mesmo a um caráter não elaborado do exame ou saber ligado ao exame. Esse caráter ubuesco está, ao contrário, ligado muito

¹¹ Ora Foucault chama a soberania grotesca de soberania infame, ora de soberania arbitrária. Entende-se que as três qualificações possuem o mesmo sentido.

positivamente ao papel de ponte que o exame penal exerce. Ele está diretamente ligado às funções desse exame (2010, p. 31).

A ponte estabelecida pelo caráter ubuesco do referido discurso que Foucault (2010) menciona é a que se estabelece entre a perversão e o perigo. Trata-se da ponte firmada entre o diagnóstico assinado pelo perito psiquiatra acerca do perigo social que o indivíduo, que não é exatamente doente nem propriamente criminoso, pode oferecer à sociedade, com o discurso do medo e da moralização. A partir disso, Foucault (2010) caracteriza o perito psiquiatra como um personagem Ubu, por conta do poder que a ele foi concedido, isto é, por meio de seu discurso que é ao mesmo tempo um discurso que tem o poder de vida e morte [de tirar ou não a liberdade do outro] e de fazer rir, um riso que encontra na ironia sentida pelo interlocutor o seu alcance, e que o desqualifica enquanto cientista em relação a um indivíduo que, estando no banco dos réus, não possui qualquer poder. Nesse entrelaçamento de discursos, tomados como verdade por serem oriundos da instituição judiciária e que são ridículos, fazem emergir, na relação de poder do perito psiquiatra sobre o indivíduo, um absurdo ato de poder que tem como efeito o terror ubuesco (tema que será abordado mais adiante). Contudo, ao perito psiquiatra não cabe senão agir conforme o que lhe foi determinado realizar. Assim como o Pai Ubu não estava qualificado para ser o rei da Polônia, por conta do que já foi dito sobre ele, ao perito psiquiatra não caberia dar a punição a um indivíduo por ser ele um cientista, pertencente à instituição médica, pois a ele competiria a tarefa de fornecer um diagnóstico acerca da loucura ou da doença, e não de criminalidade. O perito psiquiatra ao fornecer os exames penais, se ridiculariza por usar termos em seus relatórios que não caberiam a um atestado de criminalidade. Segundo Foucault:

Para voltar pela última vez a Ubu (vamos abandoná-lo aqui)¹², se se admitir – como tentei lhes mostrar da última vez – que o Ubu é o exercício do poder através da desqualificação explícita de quem o exerce, se o grotesco político é a anulação do detentor do poder pelo próprio ritual que manifesta esse poder e esse detentor, vocês hão de convir que o perito psiquiatra não pode deixar de ser a própria personagem Ubu (2010, p. 31).

As aulas seguem e junto com as demais aulas do curso desse período é publicada a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975). E Foucault não fala mais em Ubu, ratificando a citação acima.

¹² Grifo nosso.

3. O desdobramento do ubuesco: do poder ubuesco à mentira ubuesca

Em 2008, Leme (p. 181) ressalta que para os leitores de Foucault “o riso não é uma realidade homogênea, nem todos riem das mesmas coisas nem pelas mesmas razões”. Além disso, lembra que ao nos depararmos com a narrativa aparentemente inofensiva de uma história é bom ficarmos atentos porque talvez nessa narrativa coisas decisivas estejam em jogo. Nesse sentido, num distanciamento da propriedade do poder de fazer rir que caracteriza o poder ubuesco, sugere um desdobramento do ubuesco para a estrutura no poder da política, 112 anos depois da primeira encenação do *Ubu-roi*: a mentira ubuesca. Na mentira ubuesca, um outro Lugar Nenhum.

Para elucidar o conceito de mentira ubuesca, Leme (2008) buscou na obra de Michel Foucault elementos que possibilitaram a emergência deste: os conceitos de *aleurgia* e de *governamentalidade*. Assim, ao tratar sobre a crise de governamentalidade¹³ em Foucault, Leme (2008) apresenta cinco formas de governar pela verdade¹⁴ que fazem parte dos estudos do autor encontrados na obra *Do governo dos vivos* (1979-1980), na qual também busca o conceito de aleurgia, introduzido por Michel Foucault e que, em linhas gerais, significa “o ato pela qual a verdade se manifesta” (FOUCAULT, 2009, p. 13) ou “a manifestação da verdade correlativa ao exercício do poder” (idem). Trata-se de um ritual que, no exercício do poder, abarca jogos de verdade no qual “quem governa tem que ter mais do que a verdade do seu lado, tem que inscrever os seus atos numa necessidade, numa ordem, que o eleva acima do arbítrio, e assim o legitima” (idem). Para fins desse estudo, considera-se relevante trazer também o conceito de governamentalidade de acordo com a perspectiva foucaultiana. Por ora, compreende-se a governamentalidade como “uma arte de governar cuja racionalidade tem por princípio e campo de aplicação o funcionamento do Estado: a ‘governamentalidade’ racional do Estado” (REVEL, 2005, p. 54). Trata-se, em linhas gerais, de um conjunto de procedimentos que constituem a maneira de governar. É em relação à maneira de governar e os jogos de verdade que estão inseridos os cinco princípios que são considerados como “formas de problematizar a relação entre o exercício

¹³ O tema da governamentalidade e sua crise foi objeto de estudo de Michel Foucault nos cursos que compõem as obras *Segurança, Território, População* (1977-1978) e *Nascimento da Biopolítica* (1978-1979) e em várias entrevistas concedidas pelo autor, conforme Leme (2008, p. 183).

¹⁴ De acordo com Leme (2008, p. 185-186), as cinco principais formas de relação entre a arte de governar e os jogos de verdade no pensamento político são: o princípio da racionalidade (a verdade está fundada na racionalidade estatal); princípio da evidência (é a verdade das coisas que deve governar); princípio da especialização (a ideia de verdade como resultado de um conhecimento pericial); princípio da consciência (a verdade imposta por um conjunto de especialistas) e o princípio do terror (a eficácia do terror é proporcional à sua notoriedade, à sua verdade). Para mais, esses princípios são abordados por Michel Foucault na obra *Do governo dos vivos* (1979-1980).

do poder e a verdade” (LEME, 2008, p. 187). O princípio que nos cabe no momento é o princípio do terror. Segundo Foucault:

É precisamente esse o princípio do terror: o terror não é uma arte de governar que se oculta nos seus fins, nos seus motivos e nos seus mecanismos, o terror é precisamente a governamentalidade no seu estado nu, em estado cínico, em estado obscuro. No terror é a verdade e não a mentira que mobiliza: é a verdade que ele deixa, é a verdade que se rende ela mesma, por sua evidência manifesta por toda a parte, que se rende intangível e inevitável (2009, p. 26).

Nesse sentido, ao lançar mão do princípio do terror no exercício do poder o governante não o faz de modo a esconder aquilo que está acontecendo, pois ele sabe que o governado não ignora a situação. Por um lado, o governo se fortalece pela exibição do modo como funciona: valendo-se do terror como forma de governar. Por outro, o governado está ciente do que se passa. E é justamente por saber das coisas, que elas não se modificam. Uma vez que uma resposta racional ao ato sofrido, tal como os princípios anteriores poderiam fornecer, pelo princípio do terror já não é possível. Um exemplo do princípio do terror em operação pode ser um dos trechos extraído da peça *Ubu-roi* em que o personagem principal, Pai Ubu, ao assumir o poder, decreta o aumento de impostos a fim de enriquecer: “Meus senhores, vamos estabelecer um imposto de dez por cento sobre a propriedade, um outro sobre a indústria e o comércio e um terceiro sobre os casamentos e um quarto sobre os falecimentos. Quinze francos cada” (JARRY, 1986, p. 80). Como os financistas não concordam com a atitude arbitrária de Pai Ubu, todos são mantidos presos em gaiolas. Ao prender seus financistas em gaiolas, num ato exibicionista de poder, encontra-se o que Leme (2008, p. 191) chama de “a parte visível e pública” da mecânica do poder ubuesco que tem como finalidade a subjetivação dos sujeitos. Ou seja, na ação realizada por Pai Ubu encontra-se uma forma de aleturgia, um ritual da manifestação da verdade daquele que está no poder e que possui a necessidade de inscrever seus atos para ser legitimado. Além disso, pelo exemplo extraído da peça, pode-se perceber que diante do terror estabelece-se uma crise na governamentalidade, uma vez que não é mais possível discutir racionalmente acerca do veredito. A partir disso, tem-se um vazio que, grosso modo, faz emergir uma mentira que Leme (2008) nomeará de mentira ubuesca. Num possível desdobramento para o ubuesco, Leme (2008) traz à tona o conceito de mentira ubuesca, resultante de características que remetem ao já referido poder ubuesco e ao princípio do terror, conforme acima descrito. Antes, alega que a mentira é um jogo de verdade que segue uma ordem, qual seja: a enunciação pressupõe que o sujeito da

enunciação esteja na posse da “verdade”; num segundo plano, o enunciado formulado não corresponde ao enunciado não formulado que o sujeito da enunciação tem como verdadeiro; e, por fim, a enunciação da falsidade tem efeitos de verdadeiro no destinatário, que age como se a informação recebida fosse verdadeira. Assim, sustenta que “a mentira ubuesca é uma mentira invertida” (LEME, 2008, p. 191), uma vez que tanto o emissor quanto o destinatário sabem que o enunciado é falso. Nesse caso, o emissor está exercendo seu poder ubuesco, pois ao emitir uma mentira desqualifica-se como interlocutor não permitindo que o destinatário exerça seu direito de resposta de maneira racional. Contudo, ressalta:

[...] não devemos nos surpreender pelo fato de alguém aparentemente desqualificado ocupar os lugares estatutários do poder, devemos antes atentar perceber por que é que é essa a mecânica do poder vigente, e quais são em nós, os seus efeitos de subjetivação. Atente-se que estamos perante um desdobramento do princípio do terror, ou seja, a exibição da imbecilidade e da mentira dos governantes é uma forma de fortalecer o poder, a força de sua engrenagem é tão mais forte quanto é notória a imbecilidade que exibem (LEME, 2008, p. 191).

Leme (2008) sustenta que essa falha mecânica na história do poder é, para Foucault, uma engrenagem muito antiga no funcionamento político das sociedades ocidentais não se tratando de enfraquecimento do poder, mas da manifestação da inevitabilidade deste, uma vez que o maximiza. Assim, se Ubu está no poder, ele pode sim ser imbecil, nulo ou ridículo, e ao manifestar essa sua condição desqualifica-se como interlocutor e simultaneamente incapacita os que desejam exercer seus direitos políticos de fazerem isso racionalmente.

Diante disso, algumas questões podem ser levantadas. Uma delas é se essa relação não mereceria um pouco mais de atenção ao se pensar na legitimidade desse tipo de poder, ou seja, ele é definitivamente inevitável? Ou ainda, há um modo de resistir a ele? Para Foucault (2009) é preciso pensar sobre a inevitabilidade do poder, uma vez que isso:

[...] é uma atitude que consiste, primeiramente, em dizer: nenhum poder existe por si! Nenhum poder, qualquer que seja, é evidente ou inevitável! Qualquer poder, conseqüentemente, não merece ser aceito no jogo! Não existe legitimidade intrínseca no poder! [...] não se trata de dizer que todo o poder é ruim, mas de dizer, ou de partir desse ponto: qualquer poder, qualquer que seja ele, não é de pleno direito aceitável ou não é absolutamente e definitivamente inevitável (p. 34-35).

À luz do que foi dito, talvez o melhor modo de entender o poder ubuesco e a mentira ubuesca consista na observação de alguns fatos que remetem à descrição dada por Leme (2008) e que estão presentes na sociedade contemporânea. Passa-se assim ao exame

de alguns episódios divulgados pela mídia que ilustram, no primeiro momento o poder ubuesco e, em seguida, a mentira ubuesca.

3.1 O poder ubuesco na política mundial

08 de novembro de 2016. Terça-feira. Valendo-se da espacialidade e da atemporalidade do Lugar Nenhum, Pai Ubu ressurge na figura política de Donald Trump, quando esse é eleito para o cargo de presidente dos Estados Unidos da América. Parte do mundo está em perplexidade. Parte do mundo está aterrorizada. Não só pelas promessas que foram feitas durante a campanha presidencial, envolvendo um tanto de decisões que atingem muitos habitantes do referido país, como os insultos em tom de deboche que o presidente faz em suas redes sociais ao líder da Coreia do Norte, Kim Jong-un. Ressalta-se que as ofensas não são de uma única direção, elas costumam ir e vir na mesma velocidade que a rede permite, e diga-se, na mesma intensidade. Os insultos provocativos entre os líderes de governo começaram por conta da ameaça e posterior concretização de testes envolvendo mísseis que foram lançados pela Coreia do Norte. As declarações do líder norte-coreano costumam ser divulgadas pela agência de notícias estatal do país (KCNA). Por outro lado, nas postagens do presidente norte-americano, há várias menções ao apelido dado a Kim Jong-un: Homenzinho Foguete. E mais, Donald Trump se vale de algumas provocações que, costumeiramente, fazem parte do universo infantil, como quando chama o líder norte-coreano de “baixo” e “gordo”. Ressalta-se que esses insultos ocorreram depois dele, Donald Trump, ter sido chamado de “americano senil mentalmente perturbado”.

Diante disso, entende-se que essas postagens remetem às falas do personagem Pai Ubu na reação aos ataques dos soldados de Bugrelau quando esses defendem a Polônia. Eis: “Toma! Polaco, beberrão, bastardo, hussardo¹⁵, tártaro¹⁶, pau-mandado, falso, espião, saboiano¹⁷, comunistóide”! (JARRY, 1986, p. 136). Ou ainda, remetem aos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras que foram lidos nas aulas ministradas por Foucault (2010) supramencionadas e que continham adjetivos como “invertidos”, “cínico” e “falastrão”, dentre outros. As respostas de Kim Jong-un às provocações de Donald Trump também acontecem em tom provocativo, como a que foi publicada pela KCNA na data de

¹⁵ Soldado da cavalaria ligeira que deriva de “*gussar*” tendo como significação “ladrão de beira de estrada”, “salteador”. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hussardo> > Acesso em 22/12/17.

¹⁶ Provavelmente o xingamento tem conotação com os habitantes da região da Tartária. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tart%C3%A1ria> > Acesso em 22/12/17.

¹⁷ Diz-se do habitante de Savoia, França. Fonte: < <https://pt.wiktionary.org/wiki/saboiano> > Acesso em 22/12/17.

4 de julho, dia de comemoração da Independência estadunidense, quando, ao realizar um teste de míssil, disse tê-lo feito justamente nesse dia como um presente aos “bastardos americanos” como ajuda para que “saíssem do tédio”. Ou ainda quando chama Donald Trump de “demônio nuclear” ou de “cachorro raivoso”, de acordo com reportagens elaboradas a partir dos pronunciamentos do ditador norte-coreano transmitidos pela agência estatal KCNA (SENRA, 2017; KIM, 2017; G1 2017).

As narrativas vistas em conjunto demonstram que há, nesse jogo do poder concedido aos representantes das duas nações envolvidas, a presença do grotesco, do perverso – enfim, do ubuesco. Nessa relação de poder, quando os dois estadistas dispõem do poder ubuesco em seus discursos, se desqualificam enquanto homens da política ao trocarem insultos exibindo imbecilidades¹⁸. O nível dos discursos em questão se assemelha aos discursos do Ubu bufão, por conta da truculência cômica que embasa as respectivas falas e por provocarem nos interlocutores um riso satírico, irônico, diante dos insultos trocados que remetem ao ridículo. Isso pode ser percebido no trecho extraído da peça *Ubu-roi*, em que o Pai Ubu insulta o emissário Nicolau Rensky que trouxe a notícia de que Bugrelau, filho do rei Venceslau, retornou ao poder na Polônia: “Ave agourenta, besta do infortúnio, coruja de polainas! Onde é que você conseguiu essas futilidades?” (JARRY, 1986, p. 102). Para mais, ambos governantes possuem o poder de vida e de morte, evidenciado pela possível situação que envolve o lançamento de mísseis que provavelmente ocasionaria a possibilidade da morte não somente nos locais atingidos pela concretização do ato, como em qualquer lugar do planeta no prenúncio de uma guerra nuclear resultante de uma descabida disputa para saber qual dos dois países possui o programa superior no que se refere ao armamento nuclear, além da disputa de ego dos dois representantes. Os dois governantes também possuem o poder da verdade às custas dos cargos que ocupam, ainda que um tenha sido escolhido pelos eleitores de seu país e outro tenha herdado o cargo, dentro do regime ditatorial. Desse modo, estão postas as três propriedades do poder ubuesco que Michel Foucault mencionou na aula de 08 de janeiro de 1975. Está posto o princípio do terror que Leme (2008) apresentou ao não se encontrar um modo que possibilite uma resposta racional aos discursos proferidos, uma vez que ambos governantes se desqualificam como interlocutores, além de exporem o caráter exibicionista das provocações, condizente com o poder ubuesco. Demonstram, ainda, a

¹⁸ Grosso modo, remetendo ao discurso do perito-psiquiátrico em matéria penal, como sustenta Foucault (2010, p. 30), esses discursos não se organizam apenas “em torno do campo da perversidade, mas igualmente em torno do perigo social: isto é, ele será também o discurso do medo, um discurso que terá por função detectar o perigo e opor-se a ele.

atemporalidade da peça *Ubu-roi* com a representação do personagem Pai Ubu em Lugar Nenhum, exercendo seu poder. Todavia, por trás dessas narrativas, não podemos esquecer, como defende Leme (2008, p. 181), que “numa história aparentemente inofensiva, como se se tratasse de anedota, coisas decisivas estão em jogo”. No caso, essas coisas decisivas colocam a todos nós no banco dos réus, por conta do poder de vida e morte que permeia a relação que toma o poder ubuesco em seus vereditos.

4. Um prolongamento do *ubuesco*: a mentira ubuesca e a crise ambiental

31 de Maio de 2017. Acompanhando as ações promovidas pelo presidente da nação considerada mais poderosa do mundo acontece, mais uma vez, o encontro com a personificação de Pai Ubu. O poder ubuesco tem novamente uma máscara, uma persona. Donald Trump escreve em sua conta numa rede social (Twitter¹⁹) que em breve fará o anúncio indicando a decisão que implica na saída ou permanência dos Estados Unidos no Acordo de Paris. Trata-se de um acordo firmado entre os representantes de quase 200 nações no ano de 2015, com a intenção de promover ações que visem à redução de gases poluentes de efeito estufa na atmosfera, a fim de diminuir o aquecimento global. Num primeiro momento, a declaração de Donald Trump de que pretende “tornar a América grande de novo” remete a um suposto sentimentalismo que Pai Ubu demonstra pela Polônia em detrimento ao país para onde está em fuga, isto é, a França. Conforme: “Ah! Senhores! Por mais belo que seja não vale a Polônia, se não existisse a Polônia, não existiriam os poloneses” (JARRY, 1986, p. 144). Em segundo, com a saída do país que é considerado um dos maiores emissores dos referidos gases no mundo, sendo o segundo após a China, passa-se a referir ao Lugar Nenhum tanto como um lugar qualquer no planeta ou o planeta todo, visto que as consequências do aquecimento global, por serem consideradas democráticas, de algum modo atingem a todos.

1º de Junho de 2017. O cenário mundial assiste aos atos e discursos de um poder grotesco e perverso em relação às questões ambientais. Donald Trump cumpre sua promessa de campanha e retira o país que governa do Acordo de Paris que, segundo notas, trata-se do primeiro passo realizado, pois para sair em definitivo do acordo há o prazo²⁰ legal de 3 anos, o que ocorrerá somente em 2020. Isso em teoria. Conforme consta, dentre as medidas tomadas pelo seu antecessor, Barack Obama, estão sendo ignoradas a proibição

19 Disponível em: < <https://twitter.com/realDonaldTrump> > Acesso em 03/11/17.

20 O prazo legal consta no artigo 28, inciso 1 do Acordo de Paris, conforme: “A qualquer momento após três anos a partir da data em que o presente Acordo tenha entrado em vigor para uma Parte, esta poderá se retirar do presente Acordo mediante notificação escrita ao Depositário” (ONUBR, 2017).

de novas explorações de energias fósseis e foi dada a permissão para a extração de áreas costeiras, antes protegidas (PEREDA, 2017). Nos discursos de Donald Trump, durante a campanha presidencial, já havia a forte indicação de que a retirada do país do Acordo de Paris aconteceria, visto que o presidenciável não escondia de ninguém sua opinião sobre o assunto. Esse ponto era utilizado por ele como um dos primeiros procedimentos de governo, uma vez eleito. Em suas palavras: “Admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, ou ainda, “Fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]” (AHRENS, 2017). A rejeição ao discurso científico de que o aquecimento global tem a ver com atividades humanas, e em grande parte com a mudança climática presenciada por eventos climáticos que acontecem no planeta, foi posta a público em uma publicação do ano de 2012, quando Donald Trump escreveu em sua conta no Twitter que o conceito de aquecimento global seria uma “mentira inventada pelos chineses” para impedir o aumento da produção do seu país. Lembra-se que os EUA estão em segundo lugar na escala de país emissor de gases de efeito estufa, perdendo somente para a China. Além disso, para esse estudo, a declaração emitida por Donald Trump faz alusão a um trecho que integra a peça *Ubu-roi*, em que o personagem Pai Ubu não encontra problema em posicionar a razão e a falta dessa no mesmo nível. Eis: “Ah! Droga! A razão e a falta de razão não valem a mesma coisa? Ah! Você está me ofendendo, Mãe Ubu” (JARRY, 1986, p. 72). Está em jogo aqui a razão defendida por parte da Ciência que afirma que atividades humanas podem ter influência no aquecimento global e a possibilidade disso ser uma falta de razão, uma invenção – uma mentira.

Figura 1: Tuíte de Donald Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realDonaldTrump>

Para justificar a não aceitação do aquecimento global e, conseqüentemente, a mudança climática intensificada pelas atividades relacionadas ao ser humano, ao se valer da invenção de uma mentira como possível causa para tanto, o discurso de Donald Trump não somente desqualifica seu emissário como contém elementos que remetem à mentira

ubuesca, tal como descrita por Leme (2008). Como emissário do discurso, Donald Trump faz uso do poder ubuesco quando emite uma mentira como se estivesse na posse da verdade. A “verdade” é a de que o aquecimento global teria sido inventado pelos chineses. No segundo momento, o que foi dito não corresponde ao que não foi dito, ou seja, o aquecimento global como acelerador da mudança climática e da crise ambiental vigente é verdadeiro. Ressalta-se que parte da Ciência ainda não tem como certa a participação humana no aquecimento global pois, segundo estudo²¹ publicado recentemente, cerca de 3% dos cientistas ainda resistem à ideia de que o ser humano alterou o clima do planeta (BENESTEAD et al., 2016). Para fins desse texto, considera-se pesquisas que demonstram a influência das atividades humanas no aquecimento do planeta e o aumento da intensidade dos eventos climáticos, como a realizada por *American Meteorological Society* (ZHANG et al., 2016). Segundo esse estudo, eventos como o *El Niño* podem ter efeitos potencializados pela influência humana, por conta de atividades como o desmatamento de florestas e o uso de combustíveis fósseis, por exemplo. Por fim, a enunciação proferida por Donald Trump produz efeitos de verdade em seus destinatários que, ao o elegerem como presidente de seu país, a tomam como verdadeira.

A questão que ora se apresenta é a de que se a realidade mostra, por meio do aumento da intensidade dos furacões que atingem o país, tal como apontou o estudo acima referido e por diversas reportagens (MANSUR; MARREIROS; DEUTSCHE WELLE; 2017), que tratam do aumento de temperatura e do derretimento das geleiras do planeta, por que ainda assim a população americana, ao menos a que apoiou Donald Trump, adotou o referido discurso como verdadeiro? Trata-se, nesse caso, dos efeitos de subjetivação de que o poder ubuesco é capaz? Seria o discurso da ameaça de queda na economia americana e da possibilidade de desempregos, o uso do princípio do terror empregado pela governamentalidade, tal como afirmou Foucault (2009)? Os motivos elencados por Donald Trump bem como as ações que sucedem a retirada do país que governa do Acordo de Paris expõem as implicações do poder ubuesco na sociedade contemporânea e se configuram como desafios às gerações de sujeitos que integram o Terceiro Milênio ante a crise ambiental.

Diante das implicações apresentadas, num prolongamento do poder ubuesco, um novo elemento vem à tona, a saber, o sujeito não-humano, por conta dos efeitos do referido poder que acabam ecoando tanto nos animais, como nos vegetais e nos minerais. Nesse

²¹ O relatório elaborado por Benestead et al. (2016) trouxe a conclusão de que 97% dos artigos científicos produzidos sobre as mudanças climáticas afirmam que as atividades humanas têm relação com o aquecimento global.

sentido, compreende-se que a abrangência da categoria do ubuesco merece um pouco mais de atenção. Desse modo, a presente pesquisa segue movimentando-se em busca das ressonâncias do poder ubuesco no que diz respeito também ao não-humano.

5. Algumas Considerações e Possibilidades para o ubuesco

Buscou-se ao longo desse artigo caracterizar o conceito de poder ubuesco, cunhado por Michel Foucault (2010), a partir da peça de Alfred Jarry (1896), *Ubu-roi*. Uma vez situado o ponto em que o conceito de poder ubuesco passa a ter a capacidade de movimento ocorre o desdobramento desse no conceito de mentira ubuesca, tal como assinalado por Leme (2008). Desse modo, compreende-se que tanto o poder ubuesco como a mentira ubuesca emergem como ferramentas de análise para operar com a Educação Ambiental. A operação se deu, primeiramente, pela perspectiva da política mundial valendo-se de exemplos das enunciações de Donald Trump, considerado pela mídia como possuidor de uma “facilidade em distorcer os fatos”, e de Kim Jong-un para, em seguida, servir como ferramenta analítica em relação aos aspectos da crise ambiental em que estamos inseridos. Diante do exposto entende-se que o texto não esgota as possibilidades de operação com o referido conceito, visto ser essa uma pesquisa ainda em curso.

Não obstante, destaca-se que o conceito de poder ubuesco, além de ter sido pouco explorado na perspectiva foucaultiana, pelo menos no ponto de vista dessa pesquisa, constitui-se como um potencial tipo de poder para pensar as relações que envolvem a Educação Ambiental, valendo-se como uma ferramenta analítica naquilo que abarca as problematizações em torno da questão ambiental. Além disso, considera-se relevante que, ao tomar-se conhecimento de sua abrangência, o referido conceito pode ser pensado como oportuno para possibilitar as condições para a Educação Ambiental firmar-se como um espaço de resistência ante aos discursos que envolvem o poder ubuesco, interpelando os sujeitos envolvidos nessa relação a agirem em busca de soluções para a atual crise ambiental.

Referências

AHRENS, Jan Martínez. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, junho/2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em:<
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html>
Acesso em 17/01/18.

BENESTEAD, Rasmus. et al. Learning from mistakes in climate research. In: **Journal of Theoretical and applied climatology**. Vol. 126, November, 2016. Disponível em:< <https://link.springer.com/article/10.1007/s00704-015-1597-5>> Acesso em 27/12/17.

DEUTSCHE WELLE BRASIL (DW). **Ártico aquecido e derretido é “novo normal”, alertam cientistas**. Disponível em:< <http://www.dw.com/pt-br/%C3%A1rtico-aquecido-e-derretido-%C3%A9-novo-normal-alertam-cientistas/a-41766197>> Acesso em 26/12/17.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France, 1974-1975. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980: aulas de 09 e 3 de janeiro de 1980. Tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

_____. **Microfísica do poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

JARRY, Alfred. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

_____. Outra apresentação de Ubu rei. In: JARRY, Alfred. **Ubu rei**. Tradução de Sérgio Flaksman – 1ª ed. - São Paulo: Peixoto Neto, 2007. (Os grandes dramaturgos).

FERNANDES, Silvia. Alfred Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu rei**. Tradução de Sérgio Flaksman – 1ª ed. – São Paulo: Peixoto Neto, 2007. (Os grandes dramaturgos).

GEIER, Manfred. **Do que riem as pessoas inteligentes?** Uma pequena filosofia do humor. Tradução de André Delmonte e Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2011.

KIM, Chirstine; KIM, Soyoun. **Líder norte-coreano diz que fará com que “perturbado” Trump pague caro por discurso na ONU**. Disponível em:< <https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN1BX015-OBRTPT>> Acesso em 17/01/18.

LEME, José Luís Câmara. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUER JÚNIOR, Durval Muniz, VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio. (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008, p. 181-197.

MANSUR, Alexandre. **O furacão Irma ganhou força por causa do aquecimento global**. Disponível em:< <http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2017/09/o-furacao-irma-ganhou-forca-por-cao-do-aquecimento-global.html>> Acesso em 26/12/17.

MARREIROS, Ana. **Os muros da apatia**. Disponível em:< <http://p3.publico.pt/actualidade/ambiente/25130/os-muros-da-apatia>> Acesso em 26/12/17.

ONUBR- NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **Acordo de Paris**. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/acordodeparis/>> Acesso em 23/12/17.

PEREDA, Cristina F. **O que acontece com o Acordo de Paris após o abandono dos EUA**. Washington, Junho/2017. Disponível em:< https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/31/internacional/1496238308_555328.html> Acesso em 17/01/18.

PORTAL G1 DE NOTÍCIAS. **Kim Jong-un diz que ‘mentalmente perturbado’ Trump irá pagar caro por discurso na ONU**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/mundo/noticia/kim-jong-un-diz-que-mentalmente-perturbado-trump-ira-pagar-carro-por-discurso.ghtml>> Acesso em 26/12/17.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

SENRA, Ricardo. **‘Cachorro assustado late alto’: a resposta de Kim Jon-un ao discurso de Trump na ONU**. Disponível em:<
<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41356532>> Acesso em 17/01/18.

TOSTES, Theodomiros. O Fenômeno Jarry. In: JARRY, Alfred. **Ubu Rei**. Tradução de Theodomiros Tostes. Porto Alegre, L&PM, 1987, p.14-21. (Coleção Rebeldes e Malditos).

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ZHANG, Wei. et al. Influences of natural variability and anthropogenic forcing on the extreme 2015 accumulated cyclone energy in the Western North Pacific. In: HERRING, Stephanie C. et al. Explaining Extreme Events of 2015 from a Climate Perspective. In: **Special Supplement to the Bulletin of American Meteorological Society**, vol. 97, nº 12, December, 2016. Disponível em:< <http://journals.ametsoc.org/doi/abs/10.1175/BAMS-D-16-0146.1>> Acesso em 26/12/17.

Submetido em: 21-02-2018.

Publicado em: 31-08-2018.